



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

LENIR CANDIDA DE ASSIS

**A MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL DENTRE OS MILITANTES  
DO MST NO ASSENTAMENTO ELI VIVE EM LONDRINA-PR**

---

Londrina  
2019

LENIR CANDIDA DE ASSIS

**A MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL DENTRE OS MILITANTES  
DO MST NO ASSENTAMENTO ELI VIVE EM LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação  
em Ciências Sociais da Universidade Estadual de  
Londrina como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza

Londrina  
2019

LENIR CANDIDA DE ASSIS

**A MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL DENTRE OS MILITANTES DO MST  
NO ASSENTAMENTO ELI VIVE EM LONDRINA-PR**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Fabio Lanza  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Ileizi Luciana Fiorelli Silva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Maria Valéria Barbosa  
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Londrina, 29 de agosto de 2019.

Aos amigos e amigas do MST - Assentamento Eli  
Vive, que me possibilitaram realizar este estudo e  
entender que a Mística Político-Social se materializa  
na ousadia em resistir a cada dia.

Pátria Livre! Venceremos!

## **AGRADECIMENTO**

Aos amigos e amigas, meus pais, familiares (especialmente meus sobrinhos e sobrinhas que muito me auxiliaram na construção deste trabalho). Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais com quem aprendi muito. Agradeço de forma especial, ao professor Fabio Lanza que esteve comigo no incentivo, na orientação, na pesquisa e em importantes iniciativas e a parcerias.

Gratidão ao Deus da vida, que não me deixa faltar motivação para seguir... “Motivar é incendiar a consciência com o fogo da revolução, é pôr vigor nas ações para que elas sejam maiores que a própria força” (BOGO, 2010, p. 8).

ASSIS, Lenir Candida de. **A mística político-social dentre os militantes do MST no Assentamento Eli Vive em Londrina-PR**. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

## RESUMO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ganha destaque como um dos mais ativos e com mais tempo de existência no contexto brasileiro. A pesquisa bibliográfica e eletrônica sobre a questão agrária no Brasil permitiu identificar o MST como o movimento que expressa, de forma explícita, a contradição de uma das lutas mais fundamentais pela socialização dos meios de produção. Ao formular a problemática de pesquisa pergunta-se: Como esse movimento tem garantido a longevidade. Como tem sustentado e mantido seus militantes mobilizados? Além dos fatores objetivos, como a falta de acesso à terra e ao trabalho, quais fatores subjetivos são característicos nesse movimento? A mística do MST emergiu como objeto e, para aprofundamento, realizou-se a pesquisa empírica no assentamento Eli Vive no município de Londrina. Durante os anos de 2017 a 2019, tornou-se o *locus* e o campo para a realização de observações, entrevistas e participação em momentos coletivos. A investigação sobre o objeto percorreu um caminho analítico que reconheceu a historicidade, as contradições e a totalidade que envolvem a mística do MST e a realidade local, capazes de identificar sua disseminação e a atuação nas relações internas, sociais e políticas dos assentados. Para aprofundar os estudos sobre o processo histórico, foram analisados os arquivos do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/Uel (NDPH/Uel), que trouxe informações do SNI, da CPT, e jornais do MST desde sua origem no final dos anos de 1970. As fontes empíricas no Eli Vive I e Eli Vive II foram registradas a partir da observação e coleta de dados orais em entrevista preliminar e, de maneira sistematizada, durante a realização da investigação, com roteiro semiestruturado. Como resultados foram identificados que a mística do MST, tão presente nas falas, na prática dos militantes e nos momentos celebrativos do assentamento Eli Vive em Londrina-PR, tratada de diferentes perspectivas, relaciona-se com a sustentação do movimento e está contida na base formativa da militância. Os resultados indicam que a mística político-social constitui uma convergência política e ideológica, cabendo, portanto, reconhecer que, no processo formativo, a mística propicia um fortalecimento que objetiva, em seus símbolos e narrativas, um caminho eficaz e determinante para a formação da militância.

**Palavras-chave:** Sociologia das religiões. Mística do movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Assentamento Eli Vive. Reforma agrária. Resistência.

ASSIS, Lenir Candida de. **The political-social mystique among the MST militants in the Eli Vive Settlement in Londrina-PR.** 2019. 122 p. Dissertation (Master in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

## ABSTRACT

The Landless Rural Workers Movement (MST) stands out as one of the most active and with the longest time of existence in the Brazilian context. The bibliographic and electronic research on the agrarian issue in Brazil allowed us to identify the MST as the movement that explicitly expresses the contradiction of one of the most fundamental struggles for the socialization of the means of production. In formulating the research problem, one wonders: How has this movement ensured longevity? How have you sustained your mobilized militants? Besides objective factors, such as lack of access to land and work, what subjective factors are characteristic of this movement? The mystique of the MST emerged as an object and to be deepened from the empirical research in the Eli Vive I and Eli Vive II settlement in Londrina. From 2017 to 2019, it became the locus and field for observations, interviews and participation in collective moments. The research on the object followed an analytical path that recognized the historicity, the contradictions and the totality that surround the MST mystique and the local reality, capable of identifying its dissemination and the action in the settlers' internal, social and political relations. To further study the historical process, the archives of the Historical Documentation and Research Center / UEL (NDPH / UEL), which brought information from SNI, CPT, and MST newspapers since their origin in the early 1980s, were analyzed. The empirical sources in the Eli Vive I and Eli Vive II were recorded from the observation and collection of oral data in a preliminary interview and, systematically, during the investigation, using a semi-structured script. As a result, it was identified that the mystique of the MST, so present in the speeches, the practice of the militants and the celebratory moments of the Eli Vive I and Eli Vive II settlement in Londrina-PR, treated from different perspectives, relates to the support of the movement and is contained in the base formation of militancy. The results indicate that the social-political mystique constitutes a political and ideological convergence, therefore, it should be recognized that, in the formative process, the mysticism provides a strengthening that aims, in its symbols and narratives, an effective and determinant way for the formation of militancy.

**Keywords:** Sociology of religions. Mystique of the movement of landless rural workers. Eli Settlement Lives. Land reform. Resistance.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Casa edificada em lote após a efetivação do assentamento Eli Vive .....	12
<b>Figura 2</b> - Sala de educação para jovens e adultos (Escola itinerante Maria Aparecida Rosignol Franciosi – Assentamento Eli Vive I, 2013) .....	18
<b>Figura 3</b> - Feira com exposição das sacolas ecológicas das mulheres do Assentamento Eli Vive.....	20
<b>Figura 4</b> - Imagem do Assentamento Eli Vive.....	29
<b>Figura 5</b> - Reunião das Ligas Camponesas no Nordeste.....	36
<b>Figura 6</b> - Abordagem policial contra os camponeses no período da ditadura militar (1964-1985) .....	38
<b>Figura 7</b> - Acampamento Eli Vive, Londrina-PR, 2011 .....	43
<b>Figura 8</b> - Município de Londrina e seus distritos .....	44
<b>Figura 9</b> - Assinatura da portaria da criação dos assentamentos Eli Vive .....	45
<b>Figura 10</b> - Preparação da vassoura para ser comercializada (Assentamento Eli Vive).....	56
<b>Figura 11</b> - Foto de semente crioulas produzidas no assentamento Eli Vive .....	59
<b>Figura 12</b> - Imagem interna da Igreja Católica no Assentamento Eli Vive II .....	61
<b>Figura 13</b> - Mística durante encerramento da 10ª jornada agroecológica – Londrina jul. 2011.....	68
<b>Figura 14</b> - Painel Martires da Caminhada .....	79
<b>Figura 15</b> - Ornamentação do espaço de mística na festa da batata doce (Assentamento Eli Vive II, 3dez/2018).....	81
<b>Figura 16</b> - Momento de espiritualidade durante celebração da festa da batata doce (Assentamento Eli Vive II, dez/2018).....	83
<b>Figura 17</b> - Ornamentação do espaço preparado para celebração dos 10 anos do assentamento Eli Vive (abril, 2019).....	84
<b>Figura 18</b> - Escola Maria Aparecida Rosignol Franciosi (Assentamento Eli Vive, Londrina-PR (2018) .....	88
<b>Figura 19</b> - Bandeira, símbolo oficial do MST .....	92
<b>Figura 20</b> - Ambientação para mística do MST durante a jornada da agroecologia (2010) .....	94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
COHAPAR	Companhia de habitação do Paraná
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COPACON	Cooperativa Agroindustrial de Produção e Comercialização Conquista
COPRAN	Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária União Camponesa
CPT	Comissão Pastoral da Terra
EI	Escola Itinerante
EZLN	Exército Zapatista de Libertação nacional
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
FETEC	Federação dos trabalhadores em empresas de crédito
MASTEL	Movimento dos Agricultores Sem Terra do Litoral do Paraná
MASTEN	Movimento dos Agricultores Sem Terra do Norte do Paraná
MASTES	Movimento dos Agricultores Sem Terra do Sudoeste do Paraná
MASTRECO	Movimento dos Agricultores Sem Terra Centro Oeste do PR
MASTRO	Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná
MCMV	Minha Casa Minha Vida
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PRONAF	Programa Nacional de fortalecimento da Agricultura familiar
PT	Partido dos Trabalhadores
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSL	Partido Social Liberal
SNI	Serviço Nacional da Informação
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
TDL	Teologia da Libertação
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFFS	Universidade Federal Fronteira do Sul

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 - DAS ANTIGAS FAZENDAS GUAIRACÁ E PININGA AO ASSENTAMENTO ELI VIVE: UMA TRAJETÓRIA DE LUTA PELA TERRA</b> .....	16
1.1 PRODUÇÕES ACADÊMICAS NO ASSENTAMENTO ELI VIVE.....	16
1.2 CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA E CONFLITOS NO CAMPO .....	25
1.2.1 Conflitos Agrários no Paraná.....	31
1.3 BASE DE DADOS – FONTES DOCUMENTAIS .....	35
<b>CAPÍTULO 2 - HISTÓRIA E MÍSTICA NO ASSENTAMENTO ELI VIVE (Fontes Orais)</b> .....	42
2.1 OS MILITANTES DO ELI VIVE: HISTÓRIA DE VIDA .....	48
2.2 A RELAÇÃO TRABALHO E TERRA .....	53
2.2.1 Estratégias de Resistência e Permanência no Trabalho no Campo.....	57
2.3 A MÍSTICA DOS MILITANTES DO ASSENTAMENTO ELI VIVE .....	61
<b>CAPÍTULO 3 - RELIGIOSIDADE E MÍSTICA POLÍTICO SOCIAL</b> .....	64
3.1 FUNDAMENTOS DA MÍSTICA .....	64
3.2 MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL DO ASSENTAMENTO ELI VIVE.....	68
3.2.1 Eli Vive - Uma Mística no Nome do Assentamento.....	75
3.2.2 Mística Político-Social nas Celebrações Festivas do Assentamento Eli Vive.....	80
3.2.2.1 Festa da batata doce .....	81
3.2.2.2 Festa dos 10 anos do Assentamento Eli Vive .....	84
3.3 A MÍSTICA E A FORMAÇÃO DOS MILITANTES: OS SÍMBOLOS COMO REPRESENTAÇÃO DA MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL NA BASE FORMATIVA DO MST .....	87
<b>CAPÍTULO 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	96
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	99

<b>FONTES ORAIS</b> .....	109
<b>APÊNDICES</b> .....	110
APÊNDICE 1 - Roteiro Semiestruturado .....	111
APÊNDICE 2 - Questões para Pesquisas Preliminares com as Fontes Oraís... ..	112
<b>ANEXOS</b> .....	113
ANEXO 1 - Nota de Esclarecimento CPT/MST .....	114
ANEXO 2 - ARQUIVO SNI .....	116
ANEXO 3 - Jornal MST 1/NDPH .....	117
ANEXO 4 - Jornal MST 2/NDPH .....	118
ANEXO 5 - Crônica 1 .....	119
ANEXO 6 - Crônica 2 .....	121

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre movimentos sociais identificam o quanto é complexo e difícil organizar e manter, por longo período, sujeitos mobilizados, motivados e ativos pelas causas que os unem. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) figura como um dos movimentos sociais de maior tempo no Brasil que se mantém ao longo de quase quarenta anos de oficialização (MST, 2018a). O movimento social do MST surgiu no Brasil no final da década de 1970, mas se consolidou em 1984. Atualmente, está organizado em 24 estados brasileiros, contabilizando cerca de 350.000 famílias que conquistaram o direito à terra.

No último quarto de século, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem mobilizado uma grande quantidade de trabalhadores tanto na luta pela terra (a luta contra o capital fundiário ou a luta para entrar na terra), mas também organiza a luta na terra, que é a luta para resistir na terra de trabalho e amealhar a maior parcela das riquezas produzidas no campo, portanto, uma luta contra o capital agro comercial e agroindustrial e suas demais frações. O grande trunfo político que mobiliza o MST é a negação do padrão de desenvolvimento agrícola existente no País, colocando em evidência a necessidade da preservação e reconstrução da agricultura camponesa pela via da Reforma Agrária, além de propor formas de gestão e participação do campesinato em sistemas cooperativizados e também sistemas agroecológicos de produção (GONÇALVES, 2008, p. 5).

A capacidade de resistir em meio aos conflitos na luta pela conquista da terra e de manter-se organizado ancora-se em sua organização política e histórica. O *locus* da pesquisa se deu, a partir da realidade paranaense, no assentamento Eli Vive<sup>1</sup>, localizado no município de Londrina, no distrito de Lerroville, região rural, que ocupam as antigas fazendas Guairacá e Pininga, que, juntas, compreendem 7,3 mil hectares, uma região marcada por conflitos na luta pela conquista da terra. O nome Eli Vive homenageia um dos líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Paraná, Eli Dallemole, assassinado no Assentamento Libertação Camponesa, em Ortigueira, região central do Estado, em março de 2008.

O Governo Federal, através do INCRA, regulamentou aquela área por meio das portarias 30 e 31 do dia 25 de agosto de 2007, no governo Lula (Partido dos Trabalhadores), tornando-a uma área pública para fins da Reforma Agrária. A última ocupação naquela área

---

<sup>1</sup> Todas as vezes em que ocorrer a expressão Assentamento Eli Vive se refere aos assentamentos Eli Vive I e Eli Vive II que correspondem respectivamente às antigas fazendas Guairacá e Pininga, que para esta pesquisa não foram feitas de forma separadas.

ocorreu em fevereiro de 2009. O assentamento Eli Vive foi regularizado no dia 27 de setembro de 2013, data em que 501 lotes foram sorteados entre os acampados que ali estavam.

A assinatura do termo de cooperação entre INCRA, COHAPAR, Caixa Econômica Federal e Associação Comunitária dos Assentados ocorreu na mesma data.

**Figura 1** - Casa edificada em lote após a efetivação do assentamento Eli Vive



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019).

Em 2019, o assentamento completou 10 anos de ocupação das fazendas, celebrando os resultados e reafirmando o sentido da luta de um movimento que se autoidentifica como revolucionário. Essa revolução exige mobilização política, consciência de classe e reorganização da sociedade com vistas a uma democracia socialista, respondendo às aspirações populares (MENEZES NETO, 2008, p. 24). “Lutar, resistir, construir reforma agrária popular” é o *slogan* que por diversas vezes se fez ouvir durante este estudo que buscou as razões que fazem com que os militantes se mantenham resistentes nos acampamentos e assentamentos diante de tantos conflitos, enfrentamentos e violência. O que leva as pessoas a viverem e a morrerem em nome dessa luta? Como esse movimento tem garantido a longevidade e de que forma tem sustentado e mantido seus militantes mobilizados? Para buscar essas respostas, reafirma-se a importância de pesquisar, de forma intencional, os sentidos que movem os trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra a continuarem nesses ambientes de constante tensão e o que os faz resistir nos acampamentos e assentamentos diante dos conflitos e ataques?

O estudo trabalha com a hipótese de que manter-se organizado, na luta pelo acesso à terra, em situação de constante violência, preconceito, enfrentamentos políticos e criminalização por atuar na defesa da reforma agrária e soberania popular, exige mais do que

a satisfação pela realização do sonho por um pedaço de chão. Há que se ter uma mística que os envolve e faz resistir às situações adversas enfrentadas por esses homens e mulheres em ambiente de ocupação.

Trabalha-se, neste estudo, o fato de que a mística do MST, tão presente nos militantes e nos momentos celebrativos do assentamento Eli Vive em Londrina-PR, tratada sob diferentes perspectivas, relaciona-se com a sustentação do movimento e está contida na base formativa da militância. Identifica-se, também, uma mística político-social como uma condição substancial para a resistência<sup>2</sup> dos trabalhadores e trabalhadoras rurais nos ambientes de conflitos e violência na luta pelo direito à terra.

A problemática apresentada subsidiou a formulação dos seguintes objetivos: compreender como a mística do MST está inserida no assentamento Eli Vive em Londrina, buscando perceber sua disseminação, caracterização e atuação nas relações internas, sociais e políticas dos assentados.

A pesquisa buscou elementos que identificassem a mística político-social no assentamento Eli Vive, numa perspectiva sócio-histórica e não do ponto de vista das confissões religiosas presentes naquele território.

Para a realização da pesquisa de campo no assentamento Eli Vive, foram feitas 10 visitas, objetivando entrevistas preliminares e com roteiro semiestruturado<sup>3</sup> (Apêndices 1 e 2), observação participativa nos momentos celebrativos do assentamento e participação em reuniões com os dirigentes que propiciaram aproximação com o objeto pesquisado. Os entrevistados foram indicados pelos dirigentes das brigadas<sup>4</sup>, sendo reservado aos dezoito sujeitos da investigação o direito de não aceitarem o convite para compor a pesquisa, o que não aconteceu. As entrevistas deram-se de forma voluntária com termo de “livre-consentimento”, todas gravadas e utilizadas posteriormente com recortes intencionais no decorrer da dissertação. Os nomes dos entrevistados foram preservados, sendo eles identificados como entrevistado 1,2,3,4,5,6,7 e 8 (disponível na lista de fontes orais). Acrescenta-se ao registro das oito entrevistas o relato de mais dez sujeitos, registrados em pesquisa preliminar. Embora não tenham passado pelo processo de entrevistas, esses

---

<sup>2</sup> Ação ou efeito de resistir, de não ceder nem sucumbir. Aptidão para suportar dificuldades (fadiga, fome, esforço). Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. Defesa contra um ataque: opor forte resistência a assaltantes. Recusa de submissão à vontade de outrem; oposição, reação (RESISTÊNCIA, 2018).

<sup>3</sup> Nesse tipo de entrevista, o entrevistador elabora um determinado número de questões que possuem uma sequência contextual no roteiro, podendo, em caso de necessidade, adicionar questões extras no guia de perguntas, já que o pesquisador possui uma postura ativa e flexível nesse tipo de entrevista (COLOGNESE; MELO, 1998).

<sup>4</sup> As brigadas são núcleos de moradia, habitacional e de base, comum nos acampamentos e assentamentos do MST.

depoimentos foram coletados a partir de questões disponíveis no Apêndice 2, durante as atividades<sup>5</sup> acompanhadas e observadas na pesquisa. Como forma de preservar a identidade desses depoentes, utilizaram-se nomes fictícios, constantes na lista de fontes orais.

Como suportes às discussões, realizaram-se pesquisa bibliográfica, especialmente, em teses e dissertações relativas ao tema em questão, e estudos que fundamentaram a existência de uma luta identificada nos militantes do MST, sua mística e a defesa da descentralização da terra, tendo como horizonte a Reforma Agrária<sup>6</sup> no Brasil, enquanto uma necessidade vital para homens e mulheres envolvidos no respectivo movimento social. O estudo conta com os registros e a análise dos momentos celebrativos em que os sujeitos vivenciam sua práxis<sup>7</sup> – entre o concreto e a mística – no cotidiano do assentamento Eli Vive. Essa observação evidencia os pontos de convergência entre os fundamentos políticos da luta pela terra e a mística que os envolve. Nessa linha, não se poderá prescindir do estudo referente à estrutura fundiária, movimento social pela reforma agrária na sociedade brasileira, bem como dos nexos do conteúdo formativo que a mística possa possuir e do vínculo à práxis política (VÁZQUEZ, 1997, p. 5).

O histórico da concentração de terras no território brasileiro e a morosidade nos processos para a Reforma Agrária geraram sempre pouca efetividade, no que consiste à partilha da terra, e muitos conflitos agrários. A pesquisa buscou, nos arquivos do NDPH/UEL<sup>8</sup>, os documentos pertencentes ao MST, CPT e SNI como forma de conhecer como se deram as relações entre as ocupações rurais, estratégias do MST e o poder do estado, especialmente nos anos da ditadura militar (1964-1985), época da gênese do MST no Brasil. O referido centro (NDPH/UEL) guarda um importante acervo de documentos históricos, identificados e catalogados. São fontes desta pesquisa aqueles digitalizados, impressos, catalogados ou mesmo apenas datilografados que detenham conteúdos referentes ao MST, suas lutas e conflitos.

O trabalho inicia-se com o relato de pesquisas acadêmicas já realizadas no assentamento Eli Vive sob um olhar multidisciplinar. Ainda no Capítulo 1, faz-se uma contextualização da concentração fundiária no Brasil e dos conflitos no campo, especialmente

---

<sup>5</sup> Festa da batata doce, festa dos 9 anos do assentamento e 5 anos do sorteio dos lotes, festa dos 10 anos do assentamento e visita com alunos do 1º. Ano de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>6</sup> Conjunto de medidas para promover a melhor distribuição da terra mediante modificações no regime de posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social, desenvolvimento rural sustentável e aumento de produção (BRASIL, 1964).

<sup>7</sup> Jose Paulo Netto (2011, p. 31) identifica práxis como um processo, movimento que se dinamiza por contradições, cuja superação o conduz a patamares de crescente complexidade, nos quais novas contradições impulsionam a outras superações.

<sup>8</sup> NDPH/UEL – Núcleo de Pesquisas e Documentação Histórica.

os ocorridos no estado do Paraná, com base na pesquisa bibliográfica e documental, quando se refere aos arquivos do Serviço Nacional de Informação (SNI), da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do MST.

O Capítulo 2 relata o histórico do Assentamento Eli Vive, utilizando fontes orais, obtidas durante as entrevistas, das quais são extraídas a história de vida dos militantes e a relação trabalho e terra. Relata iniciativas de resistências dos trabalhadores e trabalhadoras naquele território contra a política de perpetuação do latifúndio, assim como a forma como se relacionam com a mística no assentamento, objeto desta pesquisa.

O Capítulo 3 discorre sobre o aspecto das religiosidades e da mística político-social, perfazendo o caminho que leva a entender os conceitos sobre mística, sua origem, sua relação no campo religioso e como ela se revela no próprio nome dos assentamentos, neste caso, o camponês Eli Dallemole, que foi homenageado pelo assentamento Eli Vive, bem como na simbologia utilizada e legitimada pelo movimento em suas práticas pedagógicas como representação da mística político-social na base formativa do MST na luta pela conquista e democratização da terra.

A partir dos estudos bibliográficos preliminares, da pesquisa documental e da observação de campo no respectivo *locus*, percebe-se que os momentos da mística nos acampamentos e assentamentos vinculados ao MST têm a capacidade de catalisar, a partir de símbolos concretos, a força de luta dos participantes do movimento. Trata-se, portanto, de uma capacidade de cunhar nas pessoas uma nova força mobilizadora.

Observa-se que um diferencial desse movimento é a existência de uma mística político-social que se expressa na adesão e disseminação por diferentes espaços do MST: o político, a identidade do militante, a utopia e o sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo, essa mística ocupa um lugar material e estético como forma de celebração. Aprofunda os estudos sobre a mística do MST e sua relação com o real, o concreto. Trata-se de um processo contínuo e dialético sobre a relação que se estabelece a partir da expressão escrita, falada e vivida da mística e seus fundamentos conceituais, históricos, sociais e ideológico<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Segundo Gramsci, “Na medida em que são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.” (GRAMSCI, 1978).

## CAPÍTULO 1

### DAS ANTIGAS FAZENDAS GUAIRACÁ E PININGA AO ASSENTAMENTO ELI VIVE: UMA TRAJETÓRIA DE LUTA PELA TERRA.

Os assentamentos rurais do MST tornaram-se, desde sua fundação, um importante *locus* de pesquisa no Brasil e fora dele, estimulando pesquisas em diferentes áreas de interesse, com temas variados. Neste capítulo foi feito um recorte intencional de alguns desses estudos como forma de conhecer as produções já realizadas por alunos pesquisadores no assentamento Eli Vive, possibilitando analisar se eles têm relação com o tema pesquisado neste estudo.

#### 1.1 PRODUÇÕES ACADÊMICAS NO ASSENTAMENTO ELI VIVE

Foi realizado um levantamento das produções científicas a respeito do assentamento Eli Vive, campo de estudo dessa pesquisa, que resultou num conjunto de sete trabalhos acadêmicos, sendo cinco da Universidade Estadual de Londrina e dois da Universidade Tecnológica do Paraná. Para identificá-los, utilizou-se como referência: Pesquisa 1<sup>10</sup>, Pesquisa 2<sup>11</sup>, Pesquisa 3<sup>12</sup>, Pesquisa 4<sup>13</sup>, Pesquisa 5<sup>14</sup> e Pesquisa 6<sup>15</sup> e Pesquisa 7<sup>16</sup>. Encontrou-se também um resumo de pesquisa com o título: Diálogo de Saberes no Assentamento Eli Vive I e II, elaborado por alunos do curso Interdisciplinar em Educação do

---

<sup>10</sup> Título: Aspectos histórico-geográficos do Assentamento Eli Vive, Londrina (Pr); Ana Paula Rodrigues dos Santos (Graduanda do Curso de Geografia/UEL); Larissa Cristina Figueiredo Ramiro (Graduanda do Curso de Geografia/UEL); Fernando Veronezzi (Professor Doutor do Depto de Geociências/UEL). (SANTOS; RAMIRO; VERONEZZI, 2018).

<sup>11</sup> Título: Eli Vive: a vida em um assentamento. Marco Antonio de Barros Junior (estudante do 3º Ano do Curso de Jornalismo/UEL); Márcia Neme Buzalaf (Professora do Depto de Comunicação/ UEL). (BARROS JUNIOR; BUZALAF, 2014).

<sup>12</sup> Título: Desenvolvimento participativo da Cadeia Produtiva Sustentável de leite no assentamento rural Eli Vive; Ana Maria Bridi (Professora Doutora, Departamento de Zootecnia/UEL); Évelyn Rangel dos Santos (Departamento de Zootecnia/UEL); Laís Sodré Santana (Departamento de Zootecnia/UEL); Carolina Amalia de Souza Dantas Muniz (Depto de Zootecnia/UEL); Amanda Massaneira de Souza Schuntzemberger (Depto Zootecnia/UEL) Adilson Luiz Seifert (Depto. Agronomia/UEL). (BRIDI, 2017).

<sup>13</sup> Título: Memórias de uma escola itinerante do Paraná. Cintia Aparecida Paião (Universidade Tecnológica Federal do Paraná). (PAIÃO, 2017).

<sup>14</sup> Título: Agrotóxico e contaminação humana: limites e possibilidades da reprodução do campesinato no Assentamento Eli Vive- Londrina/Pr; Alene Mariana Silva de Godoy. (GODOY, 2017).

<sup>15</sup> Título: É uma escola do campo, e agora?": crônicas como um produto educacional. Larissa Gehrinh Borges (Mestre em Ensino de Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Londrina e Cornélio Procópio/PR); Línlya Sachs (Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Docente da Un. Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)/Cornélio Procópio. (BORGES; SACHS, 2018)

<sup>16</sup> Título: Gênero e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra: Taynara Fitz Patriarcha e Marcia Pastor (Graduanda do 3º ano em Serviço Social e Professora Dra. Marcia Pastor do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina) (PATRIARCHA; PASTOR, 2011).

Campo: Ciências Sociais e Humanas da UFFS Campus Laranjeiras do Sul-PR, mas como não se teve acesso ao trabalho por completo, impossibilitou sua inserção neste estudo.

[...] “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA, 2002, p.258).

Conhecer as produções já realizadas no assentamento Eli Vive, observadas por áreas distintas do conhecimento, enaltece a importância de novos estudos naquele ambiente, especialmente na área da sociologia,

[...] não se deve de maneira alguma esquecer a influência que a Sociologia e seus paradigmas têm exercido sobre a reposição e atualização de antigos projetos no Movimento. Ao acompanhar o Movimento, portanto, o sociólogo tem a chance de, ao mesmo tempo em que observa as contingências da transformação do real, também avaliar de que modo a Sociologia tem contribuído para que as mudanças propostas pelo Movimento realmente aconteçam ao nível da vida cotidiana projetada nas práticas dirigidas à emancipação (POKER, 1995, p. 44).

Utilizar o saber científico das áreas de geografia, serviço social e comunicação, conforme as descrições a seguir, sugeriu buscar para análise, no campo da sociologia, contribuições que possibilitem identificar de que forma a mística político-social se apresenta na descrição dos aspectos observados pelos pesquisadores.

A Pesquisa 1 foi realizada por alunos do curso de geografia da Universidade Estadual de Londrina, cujo tema foi “Aspectos histórico-geográficos do assentamento Eli Vive, Londrina-PR” (2018), e faz uma descrição geográfica da área, organiza um perfil histórico-geográfico do assentamento, impondo a importância do Eli Vive no universo local e regional. Os referenciais teóricos, os trabalhos de campo e a pesquisa ajudaram a compreender a área geográfica e as relações sociais envolvidas nesse contexto. Os pesquisadores coletaram depoimentos de assentados a respeito da organização no período da ocupação daquele território, trabalharam com recorte de gênero, buscando compreender a participação das

mulheres num ambiente de acampamento rural, onde a predominância populacional era masculina. Os registros são depoimentos das trabalhadoras lembrando o momento em que chegaram à fazenda:

[...] cinco horas da manhã nossa coisas foram assim descarregada de caminhões em cima de um colonhão mais alto que nós e ali a gente foi fazendo os ajeitamento né, construímos as casas de novo de lona, pra espera a hora certa pra ir pra dentro da fazenda, a gente ficou na fazenda, mas ao lado, num espaço ao lado (SANTOS; RAMIRO; VERONESI, 2018, p. 1066).

A referida pesquisa trouxe elementos que revelam as dificuldades encontradas pelas mulheres no dia a dia do acampamento. Esses desafios motivaram a criar estratégias e estruturas para dinamizar a proposta do MST naquele local, passando especialmente pela valorização da educação no campo. As mulheres entrevistadas relataram que, logo nos primeiros meses de ocupação, foi edificada a escola rural dentro do acampamento, como cumprimento da garantia de direito a educação para crianças, jovens, adolescentes e adultos, mesmo durante a ocupação.

As estruturas das escolas foram produzidas e construídas pelos próprios integrantes do assentamento, enquanto ainda estavam em condição de acampados. Os assentados acreditam que a educação no campo é uma ferramenta de luta contra o capital e, por isso, a escola faz-se tão importante no âmbito da Reforma Agrária (NOMURA, 2016).

**Figura 2** - Sala de educação para jovens e adultos (Escola itinerante Maria Aparecida Rosignol Franciosi – Assentamento Eli Vive I, 2017)



**Fonte:** Escola Itinerante Maria Aparecida Rosignol Franciosi (2017).

Os entrevistados relatam que outra grande conquista foi a criação da Cooperativa de produtores do Eli Vive (COPACON)<sup>17</sup> com a finalidade de agregar valor aos produtos, reduzir gastos e viabilizar um meio de trabalho coletivo. A Cooperativa contava, segundo eles, com 260 sócios e atuava especialmente com hortaliças, sementes crioulas e produtos crioulos.

Uma das entrevistadas nessa pesquisa destaca que uma das maiores conquistas foi ter o lote registrado em nome das mulheres<sup>18</sup>, alterando significativamente a relação intrafamiliar, possibilitando às mulheres a condição de permanecerem no lote cuidando dos filhos,

[...] se a terra ainda estiver em processo de titulação e houver separação, os procedimentos seguirão de acordo com o Código Civil, a terra ficará com a mulher, desde que ela tenha a guarda dos filhos e filhas. Diante de uma separação, os homens ou as mulheres que não permanecerem no lote devem requisitar, outra vez, o acesso à terra, e terão prioridade na seleção quando da criação de novos assentamentos da reforma agrária. Se houver uma falsa separação, a atitude será considerada fraude e sofrerá as penas previstas em lei (BRASIL, 2010, p. 10).

A Instrução Normativa 38, de 13 de março de 2007 do INCRA, regulamenta todo o processo de inclusão das mulheres no ato da titularização dos lotes como forma de efetivar o direito das trabalhadoras rurais ao Programa Nacional de Reforma Agrária.

A pesquisa intitulada “Aspectos histórico-geográficos do assentamento Eli Vive, Londrina-PR” (SANTOS; RAMIRO; VERONEZZI, 2018) relata ainda a existência de um grupo de mulheres assentadas que desenvolvem um projeto cujo nome é “sacolas camponesas”, relativas a sacolas de verduras e legumes produzidos por elas e comercializados na Universidade Estadual de Londrina (UEL) como forma de geração de renda e empoderamento das mulheres na busca de equidade de gênero entre os assentados.

---

17 Cooperativa Agroindustrial de Produção e Comercialização Conquista.

18 Conforme Instrução normativa no. 38 de 13/03/2007 do INCRA (2003, 2007).

**Figura 3** - Feira com exposição das sacolas ecológicas das mulheres do Assentamento Eli Vive



**Fonte:** Souza (2017).

**Foto:** Jovana Cestille

A Pesquisa 2 teve como título “Eli Vive: a vida em um assentamento (2014)”. O trabalho foi desenvolvido por discentes do curso de jornalismo da UEL, com os seguintes objetivos: Exercitar as especificidades da produção do jornalismo radiofônico na elaboração de pauta, apuração, entrevista e edição; Estimular a habilidade de criação jornalística, construindo uma reportagem para rádio utilizando trilha sonora e depoimentos; Promover a divulgação das atividades de ensino dadas em sala de aula e no laboratório de rádio para a comunidade universitária e externa; Estimular o diálogo, o pensamento crítico e a reflexão do tema abordado na reportagem, de acordo com pesquisadores (2014),

A reportagem “Eli Vive: a vida em um assentamento” proporciona uma relevância social e cultural sobre o regionalismo presente no assentamento do MST localizado no Norte do Paraná. Todo o processo, desde a produção de pauta até o produto final, a reportagem veiculada na Universidade Estadual de Londrina e na Rádio UEL, órgão suplementar da universidade, propõe a discussão de novas formas de informar e levar uma reflexão sobre temas que atingem a esfera social do Brasil, como o MST (BARROS JUNIOR; BUZALAF, 2014, p. 5).

O produto, resultado desse trabalho, originou uma matéria jornalística divulgada na Rádio UEL, órgão suplementar da universidade, como forma de informação, difusão e discussão do tema e das novas formas de organização dos trabalhadores no meio rural, observadas na pesquisa de campo no assentamento Eli Vive do MST.

A Pesquisa 3, intitulada “Desenvolvimento participativo da cadeia produtiva sustentável de leite no assentamento rural Eli Vive”, foi realizada em 2017 por pesquisadores

do departamento de zootecnia da UEL, com a finalidade de proporcionar um conhecimento acessível e permanente aos assentados a respeito da produção das vacas leiteiras. Foi desenvolvido um manual técnico intitulado “Produção Agroecológica de Leite”, que aborda aspectos de instalações, nutrição, sanidade e manejo do gado leiteiro (BRIDI, 2017).

Os alunos organizaram, durante o período da pesquisa, curso de montagem e manutenção de cercas elétricas, manejo racional do gado leiteiro nos procedimentos clínicos, dia de campo sobre implantação e manejo das pastagens, curso de produção de derivados lácteos, palestras sobre higiene na ordenha, produção orgânica de leite, uso de fitoterápicos e homeopatia para vacas leiteiras e produção de silagem (BRIDI, 2017). Essas atividades tinham como objetivo capacitar os produtores numa perspectiva de produção sustentável de bovinos leiteiros, além de proporcionar melhor qualidade na produção de leite, aumentando a renda dos assentados e, conseqüentemente, melhorando a vida naquela comunidade.

O projeto desenvolvido pelos estudantes resultou na organização de um grupo de assentados interessados em bovinocultura leiteira, sendo acompanhado com reuniões bimestrais em que se avaliavam os passos realizados, bem como a adequação de novas ações estratégicas. Durante a execução do projeto, os assentados participavam mensalmente de atividades como palestras, oficinas de assuntos de seu interesse, além de receber visitas técnicas quinzenais e acompanhamento e orientação individual nas propriedades.

O trabalho desenvolvido como parte integrante do curso e como base de formação social e técnica dos estudantes teve o acompanhamento dos docentes da Universidade na discussão das questões agrárias e agrícolas do assentamento, a fim de, juntos, buscarem soluções para as questões apresentadas ao grupo (Metodologia de Ensino denominada em Aprendizado Baseado em Problemas - PBL). Os docentes cumpriram no projeto o exercício de tutores e orientadores na busca de resoluções dos eventuais problemas apontados durante o processo.

A Pesquisa 4, cujo tema é “Memórias de uma escola itinerante do Paraná” (PAIÃO, 2017), foi feita por uma aluna da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e estuda a criação da escola Itinerante (EI) Maria Aparecida Rosignol Franciosi.

Conforme a discente, a escola, desde o início do acampamento em 2009, fez parte de um processo vivenciado no movimento de luta e conquista da terra naquela comunidade. No depoimento em 20 de maio de 2011, uma das lideranças do assentamento fala da relação da comunidade com a escola:

A construção da EI é uma das primeiras providências tomadas na organização do acampamento, sua proposta é fundamentada nos princípios filosóficos e pedagógicos do MST e tem como principal objetivo atender as necessidades das famílias acampadas, ao caracterizar-se por ser uma escola voltada para a identidade diferenciada da realidade da vida do campo (SAPELLI, 2013 apud PAIÃO, 2017, p. 5).

A pesquisadora relata que, da mesma forma que o assentamento Eli Vive homenageia um de seus militantes, que morreu na luta, referindo-se a Eli Dallemole, a escola itinerante homenageia uma líder feminina do MST, que atuou como educadora na Escola Itinerante Caminhos do Saber, situada no assentamento Eli Vive. A professora Maria Aparecida Rosignol Franciosi faleceu em um acidente automotivo. A história da escola permanece viva na memória dos assentados e é contada em detalhes.

A escola iniciou suas atividades em 23/03/2009 no barracão de confinamento de gado, na sede da fazenda, portanto, no mesmo ano da segunda ocupação da fazenda. Os educadores vieram de Ortigueira e Cascavel. Para sentar-se, as crianças usavam os cochos. A escola era vinculada, no início, à Escola Base Centrão. Como era difícil o deslocamento para a sede da fazenda, a comunidade fez um mutirão e construiu a escola de bambu e lona dentro do acampamento. Em 2010, a escola recebeu a estrutura da EI Terra Livre, de Cascavel e Anton Makarenko, de Amaporã (a comunidade juntou dinheiro para buscar os materiais). Assim, em agosto de 2010, a escola mudou para o Acampamento. Em 2011, construíram uma nova escola. Cada brigada (50 famílias) ficou responsável pela construção de uma sala de aula e, assim, em 2012, foram construídas mais seis salas. Em 2011 e 2012 a escola atendia educandos da Educação Infantil ao Ensino Médio (SAPELLI, 2013 apud PAIÃO, 2017, p. 6).

Desde 2016, a edificação da Escola Itinerante Maria Aparecida Rosignol Franciosi, atende educandos do ensino médio e fundamental II sob a responsabilidade do governo do Estado e divide espaço com a Escola Municipal do Campo Trabalho e Saber, que atende crianças da educação infantil e ensino fundamental I sob a responsabilidade do município de Londrina. O assentamento aguarda a construção de uma nova unidade escolar, de responsabilidade do Governo do Estado. Por ocasião de denúncias e investigação de desvios de recursos durante o governo Beto Richa (PSDB) (PEREIRA, 2018a), gestão 2010-2018, esse processo está atrasado há anos, interferindo significativamente na qualidade do ensino dos jovens assentados.

A Pesquisa 5, cujo título é “Agrotóxico e contaminação humana: limites e possibilidades da reprodução do campesinato no Assentamento Eli Vive- Londrina Paraná” (GODOY, 2017), foi realizada por discentes do curso de serviço social da UEL que

entrevistaram os trabalhadores rurais acerca de intoxicações pelo uso de agrotóxicos naquela área. O estudo resultou na informação de que alguns desses trabalhadores, por razões expostas, já haviam utilizado veneno no plantio, bem como já haviam passado por experiências de intoxicação. A pergunta feita aos entrevistados foi: O senhor já teve algum caso de intoxicação com o agrotóxico? que teve a seguinte resposta.

Já, várias vezes, tanto eu, quanto o meu filho, foi um dia depois do trabalho, eu acho que foi do veneno, eu tinha acabado de passar veneno nas plantas, quando meu olho começou a arder muito, ficou igual fogo, acho que eu devo ter coçado enquanto passava o veneno. Fiquei vários dias com o olho ardendo, mal abria, não conseguia trabalhar, fiquei com medo de perder o olho, aí fiz uma promessa pra Santa Clara que nunca mais trabalhava no dia dela (LOTE 2. J.A.F, 2016) (GODOY, 2017, p. 8).

Essa resposta foi dada pelo entrevistado J.A.F, residente no lote 2. Nota-se que, ao falar do uso de agrotóxicos, que caminha na contramão da agroecologia, proposta do MST, o agricultor atribui o desejo de não mais se intoxicar, fazendo uma promessa a Santa Clara. É importante destacar essa fala, uma vez que o estudo aqui se refere à mística dos militantes do Eli Vive.

Outro entrevistado responde à mesma questão atribuindo a Deus a razão pela qual a menina intoxicada pela ingestão de veneno não veio a óbito.

Tem muitas histórias que passou mal depois de usar o agrotóxico, esses dias a menina da vizinha tomou o gramoxone mesmo, o pai dela falou um negócio que ela não gostava, falou mal do namorado na roça, ela foi na frente e tomou gramoxone, nossa ficou mais de 20 dias na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) do hospital, não morreu por Deus mesmo, caiu todo o cabelo dela, nossa. Tem um outro senhor, na época que a gente tava no acampamento ele foi passar veneno na roça, a bomba entupiu e ele puxou com a boca, sabe? aí engoliu um pouco, morreu no mesmo dia, nem deu tempo de chegar no barraco (LOTE 2, J.A.F, 2015) (GODOY. 2017, p. 9).

Os pesquisadores informaram que nos últimos anos avançou muito o debate em torno da agroecologia entre os assentados, como saída para a produção de alimentos saudáveis, sem riscos ambientais e sociais e à saúde como no caso das intoxicações. A agroecologia está diretamente vinculada a uma conscientização política relacionada à soberania alimentar, que depende de uma agricultura sustentável, intimamente ligada à vida do homem e da mulher do campo.

O Estudo 6, intitulado “É uma escola do campo, e agora? crônicas como um produto educacional”, elaborado por pesquisadores da UTF/PR, unidades de Londrina e Cornélio

Procópio. O estudo também foi realizado no Colégio Estadual Maria Aparecida Rosignol Franciosi, com o objetivo de propiciar aos leitores um mecanismo de comunicação através de crônicas que relatam o dia a dia dos professores no assentamento Eli Vive, mais especificamente, os profissionais da disciplina de matemática. O trabalho mostra as impressões pessoais, reflexões, acontecimentos e inquietações da narradora. Para isso, foi criada a personagem Maria, professora de Matemática:

[...] realizado no formato de um livreto com 11 crônicas, narradas por uma personagem fictícia, Maria, professora de Matemática, com um contrato temporário em uma escola do campo. A pesquisa, em nível de mestrado, que fomentou essa produção foi realizada em uma escola do campo localizada em área de Reforma Agrária do estado do Paraná, com uma proposta curricular específica (Plano de Estudos). Com a pesquisa, procuramos compreender se essa proposta se efetivava (ou não) ali – mais especificamente, em aulas de Matemática do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A opção por criar um livreto de crônicas foi fundamentada nos referenciais teóricos – em especial, a Etnomatemática e alguns conceitos do Modelo dos Campos Semânticos – e metodológicos da pesquisa (BORGES; SACHS, 2018, p. 1).

O resultado desse trabalho foram 11 crônicas, das quais se recortaram, de forma intencional, duas, que se encontram em anexo (ANEXO 5) e que mostram muitos sinais de coragem, persistência, ousadia dos assentados em permanecer fiéis ao seu projeto de sociedade.

Finalmente, o último trabalho (n. 7), que teve o título “Gênero e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra” e apresenta a percepção das pesquisadoras em relação à equidade existente no assentamento entre homens e mulheres. Embora ainda exista o modelo patriarcal, observou-se com surpresa uma forte participação feminina, especialmente no que se refere às decisões políticas e econômicas do Eli Vive.

Na busca pelos trabalhos acadêmicos realizados no assentamento Eli Vive, encontraram-se sete produtos já expostos, porém nenhum deles se referia à mística dos militantes do assentamento Eli Vive, o que torna esta pesquisa relevante para a academia, uma vez que muitos pesquisadores investiram na pesquisa sobre a religiosidade, mística e espiritualidade em outros acampamentos e assentamentos do MST pelo Brasil.

Com este estudo, o assentamento Eli Vive passa a compor o conjunto de territórios da política da reforma agrária cuja mística foi pesquisada pela academia e os resultados poderão contribuir para o avanço da luta pela democratização da terra no Brasil, para a compreensão da necessidade de melhorias nas políticas públicas no campo, em áreas como educação,

assistência social, saúde ou cultura, para o desenvolvimento regional dos territórios onde os assentamentos se localizam e para a permanência dos assentados no campo, a exemplo das 501 famílias que vivem hoje no assentamento Eli Vive, morando, produzindo, gerando renda e melhorando consideravelmente a economia no seu entorno.

A seguir, apresenta-se como este estudo regional está imerso na estrutura e no contexto nacional brasileiro.

## 1.2 CONCENTRAÇÃO FUNDIÁRIA E CONFLITOS NO CAMPO

Nos estudos descritos anteriormente, encontram-se, também, depoimentos que revelam a face da concentração da terra e os conflitos na área do assentamento durante o tempo de ocupação, trazendo, em alguns casos, elementos até então não identificados nas observações desta pesquisa. No caso das entrevistas realizadas pelos estudantes do curso de geografia da UEL, os pesquisadores narraram o seguinte:

[...] a ocupação da fazenda Guairacá, por integrantes do MST começara em 1991, com lutas e ocupações constantes, que se mantiveram até o ano de 2010. Na última ocupação, conforme as narrativas das assentadas, não houve conflitos com a polícia, mas a bagagem histórica dos assentados envolve conflitos com a polícia, com fazendeiros e com outros grupos, no caso, os 'bandeiras brancas do MST', que, segundo a Entrevistada 2 (2018), é um grupo composto por ex acampados, que por motivos diversos, geralmente infringindo às regras dos acampados do MST, foram expulsos do movimento e acabaram organizando um grupo a parte: os bandeira branca do MST (SANTOS; RAMIRO; VERONESE, 2018, p. 1066).

Os pesquisadores do curso de jornalismo da UEL deixaram suas impressões a respeito da concentração de terras nas fazendas Guairacá e Pininga e como eles percebem o local após a efetivação do assentamento,

Eli Vive é o exemplo de um assentamento que depois de quatro anos, período da sua formação, passa pelo processo de loteamento de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Atualmente, as antigas fazendas Guairacá e Pininga foram loteadas e os cerca de 7,3 mil hectares que antes eram concentrados nas mãos de apenas duas pessoas, agora são fonte de renda para as 501 famílias que vivem no assentamento. Depois de quatro anos morando em pequenos barracos de lona e madeira, os trabalhadores receberam seus próprios lotes, sorteados no dia 27 de setembro de 2013, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (BARROS JUNIOR; BUZALAF, 2014, p. 3).

Esse olhar multidisciplinar sobre o campo pesquisado ampliou o horizonte de possibilidades para buscar novas observações que permitissem responder ao problema aqui identificado: O que faz manter viva essa luta revolucionária capaz de enfrentar, contrapor, questionar o capitalismo, cada vez mais organizado no sentido de manter seus privilégios, seu domínio através das organizações e concentração de terra, bens e poder.

Atualmente, os movimentos sociais no Brasil vivem um período de profundas incertezas numa sequência de ataques e perdas de direitos. Com os desdobramentos do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT), em 31 de agosto de 2016, e a eleição de Jair Bolsonaro (PSL), em 2018, modificou a agenda dos trabalhadores e trabalhadoras que, por sua natureza, mantêm-se organizados para a efetivação dos direitos conquistados especialmente na Constituição Federal de 1988. Pautas como educação, previdência e assistência social, saúde, trabalho, reforma agrária ou mesmo pautas identitárias<sup>19</sup>, que vinham num processo de busca por reconhecimento e ampliação de direitos, vivem agora um momento em que a urgência se concentra em organizar-se para assegurar aquilo que já foi conquistado, buscando aliados para que não haja um desmonte ainda maior. Um exemplo foi a aprovação da Lei Federal 13467/2017, que modifica e flexibiliza as leis trabalhistas, o que significa, na prática, perda de garantias constitucionais e redução da autonomia do movimento sindical na defesa do trabalhador. Outra iniciativa do governo Temer (2016), que altera significativamente a execução das políticas públicas no País, foi o congelamento dos recursos orçamentários por 20 anos para as áreas de saúde e educação (PEC 95/2016). Da mesma forma, o governo de Jair Bolsonaro (PSL) usa de ataques contra as organizações que atuam no campo do controle social, na tentativa de barrar as ações dos conselhos de políticas públicas de direito (Decreto 9759/2019 de 11 de abril de 2019) e ameaça cortes de recursos para as universidades federais e bolsas de estudo concedidas pela CAPES, entre outros desmontes.

Ao mesmo tempo em que os movimentos sociais vivem esse momento, em que são imbuídos da necessidade de reorganizar-se para inviabilizar projetos, que tramitam no poder executivo nacional, no congresso nacional e assembleias legislativas dos estados, nocivos à vida da população, também o movimento sindical vive um dilema, especialmente, por ter sofrido ataques por parte do Estado, que tenta a qualquer custo criminalizar sua organização.

Diante da complexidade política, econômica e social pela qual passa a nação brasileira, os movimentos sociais exercem, na atualidade, importante papel que expressa o

---

<sup>19</sup> A pautas identitárias dizem respeito a uma qualificação atribuída às lutas histórias dos povos Indígenas, mulheres, população LGBT e outros movimentos mais diretamente a questão de raça, cor, gênero, etnia. (COELHO, [2019]).

elemento contraditório na sociedade capitalista, em que os direitos dos trabalhadores e o próprio trabalho estão sob ameaça.

Os movimentos sociais constituem, pois, modos de contestação contra as diferentes formas de exploração e dominação que emergem no capitalismo contemporâneo, mas, justamente por emergir no capitalismo, a vinculação com o trabalho – fonte de valor – constitui um elemento central para uma análise marxista dos movimentos sociais (GALVÃO, 2011, p. 123).

Dentre os movimentos sociais em atividade constante no Brasil, o MST tem se mostrado como um dos mais ativos e o que expressa, de forma muito explícita, a contradição de uma das lutas mais fundamentais pela socialização dos meios de produção. A terra é um elemento vital e está na base das necessidades de todos os seres, como afirma Ricardo Antunes (2019, p. 2): “Pão por causa da fome, paz por causa da guerra e terra porque é vital. Lutar pela terra é assumir uma disputa com o Capital e a concentração fundiária”.

O histórico dos movimentos sociais, que assumiram a descentralização da terra como luta, tem consigo a marca da repressão contra seus atos, mas manteve a resistência e a persistência em ambientes de conflitos e ameaças contra a vida. Este estudo trabalha com a hipótese de que há uma mística político-social no processo de formação dos militantes do MST, como condição substancial para a resistência dos trabalhadores e trabalhadoras rurais nos ambientes de conflitos e violência na luta pelo direito à terra.

Destaca-se que a luta pela terra guarda a singularidade da sua não reprodução, portanto está no âmago da disputa entre o capital e o trabalho. Esse conflito, segundo Petry (2008, p. 2), caracteriza-se da seguinte forma:

Culturalmente, considera-se trabalho toda a atividade humana objetivamente verificável. Desta forma, as ciências sociais consideram trabalho toda a atividade humana continuada que se destina a criar, transformar, fornecer, distribuir e usar bens materiais e não-materiais para a sobrevivência e bem-estar individual e social. Capital é uma palavra que é usada para descrever um bem que alguém possui como riqueza, podendo significar dinheiro, um investimento financeiro, ações, títulos ou os próprios meios de produção. No ideário burguês, refere-se a qualquer bem que possa ser usado como fonte de renda, ou seja, que gere um fluxo de renda para o seu dono. Para Marx, o capital não é uma coisa, mas uma relação social que toma a forma de coisa, presente nas relações capitalistas de produção, isto é, a relação das forças produtivas nas relações de produção (trabalhador e meios de produção). Nesta perspectiva, capital é uma categoria complexa que abrange dinheiro, bens, meios de produção, distribuição, circulação e preço de mercadorias. Nas relações de produção entra o trabalhador (trabalho) e os meios de produção, base na geração do conflito entre capital e trabalho.

No contexto brasileiro e no caso específico deste estudo sobre o assentamento Eli Vive, o conflito capital x trabalho ainda está associado a um processo histórico de concentração fundiária que se perpetua desde a colonização, o que contribuiu para que o Brasil chegasse ao século XXI ocupando o lugar de 9º país mais desigual do mundo (DINIZ, 2018), resultado de políticas de privilégios, acordos conciliatórios, lógica da concentração do poder e da riqueza, em que os pobres e trabalhadores foram deixados à margem das prioridades nas pautas públicas do País.

O documento “Fases da Desigualdade no Brasil – Um olhar sobre os que ficam para trás” (CAMPELLO, 2017) apontou, no ano de 2016, no relatório da Oxfam Brasil (2017) sobre a desigualdade brasileira, que apenas seis pessoas possuem riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões de brasileiros mais pobres e que os 5% mais ricos detêm a mesma fatia de renda que os demais 95% da população. Não há dúvida de que a questão da terra, que está na base da contradição do capitalismo e se reproduz conforme as forças políticas e econômicas mundiais e de interesse do mercado, contribuiu para entender esse processo de exclusão de centenas de milhares de pessoas ainda hoje escravizadas, utilizadas para reproduzir a riqueza estocada e concentrada nas mãos de pouquíssimos.

As fazendas Guairacá e Pininga, no município de Londrina-PR, são exemplos de uma área de acumulação fundiária, que não cumpria a função social da terra, conforme REIS (2008), e que, posteriormente à sua desapropriação para fins da Reforma Agrária, passou a produzir e gerar renda para a coletividade.

Assim, as ocupações realizadas pelo MST são legítimas, pois buscam dar efetividade às normas constitucionais que visam equalizar a distribuição de terra, tendo em vista o não cumprimento da função social por parte de alguns proprietários, reiterando-se que não se pode restringir tal função ao mero aproveitamento econômico, pois se assim fosse estaríamos indo de encontro ao interesse público, amplamente defendido pela nossa Carta Magna (REIS, 2008, p. 17).

Tal latifúndio, que antes era de posse de um único dono, hoje está organizado em 501 lotes, divididos entre os assentamentos Eli Vive 1 e Eli Vive 2. A Figura 4 mostra a área da antiga fazenda Guairacá, hoje assentamento Eli Vive, atualmente toda cultivada pelos assentados, rompendo com a perspectiva de concentração fundiária no Brasil.

**Figura 4** - Imagem do Assentamento Eli Vive



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019).

A concentração fundiária cumpre a função de acumulação capitalista e está na base das injustiças e das desigualdades sociais, políticas e econômicas. A busca pela socialização e democratização do acesso à terra é a razão da resistência dos trabalhadores nos ambientes de tensão e conflitos no campo.

Às organizações e movimentos sociais, especialmente o MST, que pautam a Reforma Agrária enquanto política pública de distribuição de riqueza, pela propriedade e democratização da estrutura fundiária, custa-lhes repressão, criminalização e mortes, tanto em períodos de ditadura (1964-1985), como em muitos governos democráticos que não pouparam a violência policial para conter as mobilizações, gerando tensões no campo.

Segundo a Oxfam, o estado brasileiro ocupa o 5º lugar entre os países da América Latina em concentração de terras (SOUZA e SILVA, 2018). Conforme dados do censo agropecuário 2016, menos de 1% dos proprietários agrícolas possui 45% da área rural do País (VILLELA, 2016). A luta pela democratização do acesso à terra tem sido pauta política em diversos países do sistema capitalista como forma de alavancar o desenvolvimento social e econômico.

No Brasil, nem mesmo as transformações políticas e econômicas para o desenvolvimento do capitalismo foram capazes de afrontar a concentração de terras. Ao longo de cinco séculos em que predominou o latifúndio, muita luta e resistências populares foram travadas nesse campo. As lutas contra a exploração e, por conseguinte, contra a expropriação, contra a expulsão do homem do campo e contra a exclusão de trabalhadores e trabalhadoras, contra o trabalho escravo e infantil marcaram a história dos trabalhadores e trabalhadoras do campo no Brasil.

As fontes documentais e bibliográficas mostram que a terra no Brasil sempre esteve concentrada nas mãos de poucos, fortalecendo o patrimonialismo que está na raiz dos problemas estruturais do desenvolvimento até os dias atuais.

A concentração fundiária é reflexo da construção histórica da formação da propriedade privada no Brasil. Essa herança provém da própria dinâmica de funcionamento da colônia e das leis vigentes naquele período, as quais introduziram disparidades na distribuição de terras e, posteriormente, na concepção mercadológica da terra (FURTADO, 1989, p. 114).

Muitas mudanças aconteceram no Brasil, na economia, no modo de produção regionalizada, na relação de poder, no modelo de gestão, na migração de mão de obra escrava para a mão de obra assalariada, fim da imigração dos negros e início da imigração europeia. Na história política e social do Brasil, alicerçada pelo acúmulo de riqueza e concentração da terra nas mãos de poucos, encontram-se os fundamentos que legitimam a prática da maior estratégia do movimento, que se concentra na ocupação de terras em várias partes do País.

Compreendendo o MST como importante organização de luta e enfrentamento aos interesses do capital, há que se perguntar como o movimento se mantém, há quase quatro décadas, sendo referencial de resistência dos trabalhadores e trabalhadoras na busca do direito ao acesso à terra. Sobre esse assunto, há uma produção científica significativa no Brasil com a qual esta pesquisa dialoga. Entende-se, portanto, a importância de refletir sobre as razões que movem a militância dos trabalhadores e trabalhadoras desse movimento. O que os faz resistir nos acampamentos diante de tantas contradições, conflitos e enfrentamentos? O que os faz manter viva essa luta revolucionária capaz de enfrentar, contrapor, questionar o capitalismo que cada vez se organiza no sentido de manter seus privilégios, seu domínio através das organizações e concentração de terra, bens e poder.

Sendo o assentamento Eli Vive em Londrina o campo de estudo, considera-se importante uma breve contextualização dos conflitos no campo no estado do Paraná a fim de evidenciarmos as motivações que levaram esses trabalhadores rurais, pessoas sem terra ou mesmo camponeses expropriados de suas terras, a assumirem a luta pela reforma agrária, num movimento que nasceu como expressão nacional, que tinha em sua gênese, e que permanece sempre atual a estratégia revolucionária de ocupação da terra em todo o território brasileiro como forma de pressão popular pela partilha da terra por meio da Reforma Agrária.

Sem revolução, isto é, sem a destruição pela insurgência popular do aparelho repressivo do estado burguês, de suas estruturas repressivas e burocráticas, não é possível começar a transição para o socialismo. A expropriação dos latifundiários, das empresas multinacionais e das capitalistas que podem

levar meses, ou mesmo anos; mas o ponto de partida indispensável e a rebelião popular armada que rompe com o sistema-militar do Estado oligárquico-capitalista e constrói, em seu lugar, um Estado de tipo novo, apoiado num exército revolucionário e em milícias operárias, camponesas e populares. Esta é a experiência da Nicarágua, de Cuba e de todos os países do terceiro mundo em transição para o socialismo... A democracia socialista não é uma “extensão” da democracia burguesa (no qual os instrumentos de poder real ficam nas mãos da classe dominante), mas tem como ponto de partida a liquidação das estruturas repressivas do Estado burguês e a implantação de um poder de natureza diferente, organicamente vinculado ao povo trabalhador em armas (LÖWY, 1989, p. 61).

Para os militantes do MST, a revolução acontece à medida que as pessoas tomam consciência de que a luta é de classe, o que acontece dentro de um processo de educação libertadora (FREIRE, 1986) que estimula a criação de alternativas de mudanças que não reproduzam as estruturas da classe dominante. O acirramento por conta dessa luta de classes é um dos fatores que geram os constantes conflitos vividos nos assentamentos e em outros movimentos das mesmas causas.

### 1.2.1 Conflitos Agrários no Paraná

A resistência dos camponeses na Fazenda Guairacá tem história parecida com outras regiões do Estado. A partir da pesquisa documental nos arquivos disponíveis no NDPH/ UEL, foi identificado que na década de 1950 o norte do Paraná já vivia conflitos intensos. Um exemplo é o caso da “Guerrilha de Porecatu”, em que uma grande mobilização dos posseiros se formou para manter sob sua posse as terras devolutas do município de Jaguapitã e Porecatu, contrapondo-se à política do governo em repassá-las a grandes proprietários de terras. No mesmo período, a região sudoeste ficou marcada por muitos conflitos, quando camponeses foram expulsos de suas terras pelo governo do estado, transferindo a propriedade à empresa colonizadora de terras.

Organizados em “assembleias gerais do povo” e “juntas governativas”, os camponeses avançaram para a cidade de Francisco Beltrão, expulsaram as autoridades constituídas, tomaram a estação de rádio da cidade e garantiram a posse das suas terras (ROOS, 2013, p. 4).

Há registro de lutas e conflitos que marcaram o final da década de 1970, especialmente durante a mobilização de centenas de trabalhadores rurais que foram expropriados de suas terras para ceder lugar à construção das barragens da Usina Hidrelétrica de Itaipu. O movimento pleiteava o direito à terra e a indenização pelas propriedades perdidas.

Outros movimentos surgiram no Paraná por conta da repressão e violência no campo nesse período, deixando centenas de trabalhadores despossuídos de seus direitos. Na região oeste do estado, surgiu o MASTRO (movimento dos agricultores sem terra do oeste do Paraná) no ano de 1981, que integrou a luta pela Reforma Agrária. Em 1983, foi criado o MASTEL (Movimento dos agricultores Sem Terra do Litoral) e o MASTRECO (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Centro Oeste). Da mesma forma, a região sudoeste organizou o seu movimento, a MASTES (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Sudoeste do Paraná). A região norte do Paraná também teve seu movimento regional, o MASTEN (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Norte do Paraná). Todas essas organizações de trabalhadores e trabalhadoras rurais do Paraná nas décadas de 1970 e 1980 revelam a necessidade da resistência desses trabalhadores do campo frente aos sucessivos ataques do estado em relação ao domínio sobre a terra, continuando a mesma política que privilegia os grandes latifundiários, as elites e os projetos em desenvolvimento do País, desconsiderando quem nela trabalha (ROOS, 2013, p. 4).

Essas organizações resultaram numa articulação com outros estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso do Sul) que passavam pelo mesmo quadro de violência e expropriação dos trabalhadores do campo, sempre acompanhados pela Comissão Pastoral da Terra que nasce nesse mesmo período (1975).

A CPT foi a aplicação da Teologia da Libertação na prática, o que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico. Os padres, agentes pastorais, religiosos e pastores discutiam com os camponeses a necessidade deles se organizarem. A Igreja parou de fazer um trabalho messiânico e de dizer para o camponês: “Espera que tu terás terra no céu”. Pelo contrário, passou a dizer: “Tu precisas te organizar te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na terra”. A CPT fez um trabalho muito importante de conscientização dos camponeses (STEDILE, 1996, p. 20).

Esses movimentos foram fundamentais para fortalecer o MST, que surgiu ao final da década de 1970, como um movimento de expressão nacional, com o objetivo de pressionar o governo a implantar de fato a Reforma Agrária no Brasil, tendo como estratégia principal as ocupações de terra em todo o território nacional. Lutar, resistir, construir Reforma Agrária popular é uma expressão utilizada pelos militantes que sintetiza a mística político-social que nasceu e segue junto à proposta pedagógica da organização e seus militantes, dando um novo sentido ao caminho em busca da conquista da terra.

Na região de Londrina, um fato de grande expressão foi o assassinato do líder do MST, Eli Dallemole<sup>20</sup>, que deu nome ao assentamento nas fazendas Guairacá e Pininga. Testemunhas contam que, desde 2006, as milícias armadas já ameaçavam de expulsão as famílias acampadas na fazenda Copramil em Ortigueira-PR, quando, no dia 15 de março, quinze homens armados invadiram violentamente a fazenda colocando para fora as 33 famílias acampadas sem que nada pudessem salvar, uma vez que todas as casas foram totalmente queimadas. Nessa operação, foi assassinado, dentro de sua própria casa, um dos principais líderes do MST na região central do Paraná, Eli Dallemole. O jornalista José Maschio (2008) descreve, em matéria jornalística para o jornal Folha de São Paulo, como aconteceu o assassinato de Eli Dallemole no município de Ortigueira:

O líder dos sem-terra Eli Dallemole, 42, foi assassinado na noite de anteontem em sua casa, no assentamento Libertação Camponesa, em Ortigueira (região central do Paraná), por dois homens encapuzados. A Polícia Civil do Paraná prendeu ontem cinco suspeitos de envolvimento com o crime, entre eles o advogado e presidente do Sindicato dos Comerciantes de Cornélio Procópio (norte do Estado), Adilson Honório de Carvalho, 35, apontado como o mandante da morte. A reportagem não conseguiu falar com os suspeitos detidos. Eles não haviam contratado advogado. O Sindicato dos Comerciantes de Cornélio Procópio não quis se pronunciar sobre a prisão de seu presidente nem informar um telefone de contato com um advogado dele. Dallemole, da direção do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) no Paraná, era a principal liderança do movimento na região central do Estado. Ele foi morto com quatro disparos de revólver calibre 38. No momento em que foi assassinado, Dallemole assistia televisão com a mulher na sala de sua casa no assentamento. Oneir Souza de Matos, 34, conhecido como "Zezinho", e Valderi Aparecido Ortiz, 27, foram reconhecidos pela mulher de Eli Dallemole como os autores do assassinato. Além deles, foram presos Genivaldo Carlos de Freitas, 32, o "Jango", e José Moacir Cordeiro, 35. Os dois teriam auxiliado os outros na fuga do local do crime, segundo o chefe da Divisão Policial de Interior, Luiz Alberto Cartaxo. De acordo com o delegado, foi encontrada uma fogueira na fazenda Copramil, onde os acusados teriam montado o acampamento para efetuar o crime. A fazenda Copramil é via de acesso entre o município de Ortigueira e o assentamento Libertação Camponesa. Segundo Cartaxo, a fazenda serviu de base para os acusados cometerem o crime e de rota de fuga. A fazenda -em disputa judicial e bloqueada pela Justiça- havia sido invadida pelo MST em 2006. No último dia 8, um grupo de homens armados expulsaram os sem-terra. Os cinco homens presos ontem tiveram prisão preventiva decretada pela comarca de Ortigueira na tarde de sexta-feira, acusados de formação de quadrilha, porte de arma, incêndio criminoso e tentativa de homicídio pelo ataque aos sem-terra em 8 de março (MASCHIO, 2008).

---

20 Eli Dallemole - Trabalhador sem terra foi executado por milícias armadas em sua casa localizada no Município de Ortigueira, assentamento Libertação Camponesa em março de 2008 (WRONISKI, 2008).

Outras fontes documentais pesquisadas trazem a informação de que várias manifestações foram realizadas em Ortigueira em decorrência desse fato que ganhou destaque na mídia nacional e internacional. Uma das fontes traz a informação de que aproximadamente 500 sem terra de várias regiões do Estado acompanharam o enterro que ocorreu em Tamarana-PR, município localizado entre os municípios de Londrina e Ortigueira. Há relato de que, em seguida ao sepultamento, houve a ocupação da fazenda Copramil com barracas de lona (APÓS..., 2008). Em outra fonte<sup>21</sup>, há o registro de que aproximadamente 200 trabalhadores, já no dia 01 de abril, logo após o sepultamento de Eli Dallemole, trabalharam na recuperação da área da fazenda intensificando a luta para que essa viesse a se tornar o “Assentamento Eli Dallemole”. O município de Ortigueira, que à época possuía 23.000 habitantes, tendo o menor IDH do Estado, contava com três assentamentos rurais e três acampamentos, totalizando 1.500 famílias.

Nas fontes documentais da CPT analisados na pesquisa, um relatório identifica os assassinatos ocorridos no campo no ano de 2008.

No ano passado, houve 28 mortes por conflitos no campo – 20 delas na Amazônia Legal, que corresponde à totalidade do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e parte do Maranhão. No total, 1.170 conflitos agrários foram registrados, uma redução de 23% em comparação a 2007. O relatório da CPT, que passou a ser publicado de forma sistemática em 1985, cita ainda 44 tentativas de assassinatos, 90 ameaças de morte, 168 prisões e 800 agressões. Esse é o principal levantamento no país sobre casos de violência ocorridos na zona rural (REIMBERG, 2009, p. 1).

Após o assassinato de Eli Dallemole, a organização do movimento intensificou a pressão para a reforma agrária no estado do Paraná. Em fevereiro de 2009, 120 famílias ocuparam as fazendas Guairacá e Pininga em Lerroville, município de Londrina, próximo a Tamarana e Ortigueira. O acampamento recebeu o nome do líder assassinado e, posteriormente, quando aquela área foi desapropriada para a Reforma Agrária (2013), recebeu o nome “Assentamento Eli Vive”, em homenagem ao trabalhador do campo Eli Dallemole que morreu na defesa da luta do MST.

---

<sup>21</sup> Ver link: <http://www.jornalcomunicacao.ufpr.br/jornal/?p=3323>.

### 1.3 BASE DE DADOS – FONTES DOCUMENTAIS

A pesquisa de dados nos arquivos do SNI foi uma possibilidade de encontrar registros de notificação dos agentes do Estado contra os militantes dos movimentos sociais relacionados à luta pela terra em tempos de ditadura no Brasil, bem como do acervo da CPT, ambos disponíveis no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica/UEL (NDPH).

Entre os arquivos encontrados no NDPH/UEL sobre violência no campo, destacam-se os registros feitos pelos agentes do Serviço Nacional da Informação (SNI), conforme ficha anexa (ANEXO 2)<sup>22</sup>, que mostram que as ocupações de terras no Paraná, mesmo antes do surgimento oficial do MST, já eram alvos de investigação no governo ditatorial que as tratavam como invasão de terras. A referida ficha faz menção a uma ocupação de terras ocorrida no mês de dezembro de 1978 na cidade de Assis Chateaubriand a 345 km de Londrina.

Os movimentos de resistência no campo foram duramente reprimidos desde 1964. Somente tomaram vulto a partir de 1979, com grandes greves de trabalhadores canavieiros do Nordeste e com as ocupações de latifúndios por trabalhadores do Sul e Sudeste, que conduziram à formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2018).

O arquivo do SNI, documento sob a guarda do NDPH/UEL, trouxe uma importante contribuição para este estudo, no sentido de tornar visível a forma como os agentes do regime militar (1964-1985) agia com aqueles e aquelas que se mantinham organizados na defesa da terra, dos direitos e da democracia. A exemplo dessa ficha (ANEXO 2), as demais atividades e pessoas que agiam em desconformidade com a ordem vigente no País passavam pelo mesmo processo de fichamento na polícia e perseguição do estado.

---

<sup>22</sup> Ficha elaborada pelos agentes do Serviço Nacional de Informação denunciando uma ocupação de terras no município de Assis Chateaubriant.

**Figura 5 - Reunião das Ligas Camponesas no Nordeste**



Fonte: Camargo (2016).

A Figura 5 mostra a mobilização dos trabalhadores do campo na luta pela Reforma Agrária no Brasil em tempos de ditadura militar, período em que surgem as primeiras organizações a exemplo das Ligas Camponesas, associações de lavradores e os sindicatos. Com essas organizações, unificou-se a luta no campo em torno da pauta pela Reforma Agrária, tornando ainda mais tensa a relação com o Estado, que respondia com repressão e violência da polícia no campo e nas manifestações em espaços públicos.

São essas mobilizações e organizações camponesas que foram interrompidas com o golpe militar de 1964 e retomadas no final dos anos 70, quando se inicia o processo de distensão e crise da ditadura militar. Tal fato nos coloca diante da seguinte constatação: o MST, herdeiro que é das antigas lutas pela terra ocorridas no Brasil antes de 1964, denuncia abertamente que a questão agrária não está, de maneira alguma, resolvida entre nós. Indica, também, que foi necessário o regime ditatorial militar entrar em crise para poder assumir, através das ocupações de terra e dos acampamentos, a ofensiva política, o que significa, por seu turno, que ambientes políticos duramente repressivos inibem a manifestação dos movimentos sociais (COLETTI, 2005, p. 30).

No período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), ao mesmo tempo em que movimentos e organizações sociais são duramente reprimidos, surgem novas formas de mobilização, a exemplo dos movimentos estudantis, das Comunidades Eclesiais de Base, dos movimentos identitários, dos movimentos indígenas e do próprio MST, ao final dos anos de 1970. Esses movimentos constituíram-se em uma forma de manifestação quanto à indignação frente ao autoritarismo do Estado e à necessidade de promover mudanças políticas no Brasil. Os registros encontrados nos arquivos do SNI no NDPH/UEL mostram que o governo respondia com repressão, violência, tortura e violação de Direitos Humanos a todas as formas de mobilização e resistência ao regime. Na fonte documental “Lutas camponesas no Estado

do Paraná” (ROOS, 2013), há o relato de como as organizações camponesas se mobilizaram contra as ofensivas do Estado.

De acordo com Roos (2013), a forma como o campesinato paranaense resistiu está diretamente vinculada a um conjunto de lutas travadas em todo o Brasil, destacando-se especialmente a “guerrilha de Porecatu” e a “revolta do sudoeste”. A primeira aconteceu na região norte do estado, na década de 1950, quando camponeses posseiros se armaram no intuito de manter a posse das terras devolutas dos municípios de Jaguapitã e Porecatu, ao contrário do que pretendia o governo do estado, cujo interesse era repassar a grandes proprietários de terras. No mesmo período, na região sudoeste, aconteceu um importante fato em razão de os camponeses serem expulsos de suas terras porque o governo brasileiro entregara as terras a uma empresa colonizadora. A mobilização se deu através de Assembleias e juntas organizativas, que avançaram até a cidade de Francisco Beltrão, expulsando as autoridades constituídas, ocupando uma estação de rádio e garantindo, dessa forma, a posse de suas terras. Na região oeste do Paraná, um grande conflito ocorreu por conta da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na década de 1970. Dessa vez, a mobilização se deu entre os agricultores expropriados de suas terras em parceria com a Comissão Pastoral da Terra e os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs). Os camponeses expropriados e expulsos formaram o Movimento Justiça e Terra, que reivindicava a justa indenização das terras alagadas pelo reservatório da Itaipu.

Os encontros de representantes tinham por objetivo criar uma articulação entre as diversas lutas que vinham ocorrendo no país. Em 1984, realizou-se na cidade de Cascavel no estado do Paraná o primeiro encontro de caráter nacional dos camponeses organizados nestes movimentos regionais, com a participação de camponeses de vários estados. Neste encontro surgiu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com a finalidade de unir as diversas frentes de lutas regionais que vinham ocorrendo em todo o território nacional. Com o surgimento do MST, as lutas pela reforma agrária tomaram novos caminhos, desta vez com mais força. Devido à articulação, deixaram de ser localizadas e se expressaram encadeadas a nível nacional, fato que garantiu maior visibilidade para toda a sociedade das desigualdades e disputas travadas no campo brasileiro. Neste momento, os camponeses elegeram as ocupações de terras como a principal tática de luta para retorno a terra. O MST se especializou, realizando ações massivas com ocupações e acampamentos em latifúndios nos mais variados municípios paranaenses. A resposta dos ruralistas foi imediata e violenta. Diversos camponeses Sem Terra foram assassinados por pistoleiros a mando dos latifundiários paranaenses (ROOS, 2013, p. 4-5).

Esse relato não difere do tratamento dado a trabalhadores e trabalhadoras organizados em movimentos pela terra no século XX em outras regiões do Brasil.

**Figura 6** - Abordagem policial contra os camponeses no período da ditadura militar (1964-1985)



Fonte: Campelo (2018).

O MST nasce com o intuito de ser um movimento nacional capaz de mobilizar forças políticas para implementar a Reforma Agrária, de fato. No ano em que completou 30 anos (2014) de oficialização, a coordenação nacional do MST reconheceu a experiência e a luta de seus antecessores,

Em 1984, era realizado o 1º Encontro Nacional dos Sem-Terra, no Paraná. A reunião que marca o início da construção do Movimento contou com centenas de trabalhadores rurais. Juntos, decidiram pela fundação de um movimento social camponês autônomo, que lutasse por reforma agrária e por transformações sociais. Segundo o MST, o encontro reuniu trabalhadores que estavam desprovidos do seu direito de produzir alimentos e foram expulsos por um projeto autoritário para o campo brasileiro, capitaneado pela ditadura militar. O modelo de reforma agrária adotado pelo regime priorizava a "colonização" de terras devolutas em regiões remotas, tais como as áreas ao longo da rodovia Transamazônica. Um projeto que, de acordo com os sem-terra, anunciava a modernização do campo, mas, "na verdade, estimulava o uso massivo de agrotóxicos e a mecanização, baseados em fartos (e exclusivos ao latifúndio) créditos rurais". Para João Pedro Stedile, membro da coordenação nacional do Movimento, o surgimento do MST representa a continuidade de outros movimentos camponeses que a ditadura militar havia destruído, como as Ligas Camponesas, o Master do RS, e as Ultabs. A atuação de Stédile tem início em 1977, em um conflito agrário entre colonos e indígenas, na Reserva Cacique Nonoai, no norte do estado (PAULA, 2014, p. 1).

Esse registro fez-se necessário ao identificar que, diante dos conflitos no campo no estado do Paraná, o MST, movimento social do campo de maior tempo de duração no Brasil,

nasce em terras paranaenses e se ramifica por todo o território nacional, organizando os trabalhadores em ação coletiva. Conforme Caldart (2001, p. 1),

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores.

Em pesquisa no acervo do NDPH/UEL, encontrou-se a coleção publicada anualmente pela CPT, a revista “Conflitos no CAMPO BRASIL”<sup>23</sup>, que relata a violência no campo em todos os estados brasileiros. Sobre o contexto da época,

Os dados de 2008 revelam ainda que as milícias armadas escondidas sob a fachada de empresas de segurança no Paraná continuam a atuar livremente no Paraná. No ano passado 855 famílias foram ameaçadas e intimidadas pelos grupos armados a serviço do latifúndio. Estes dados fazem do Paraná o 3º no número de famílias vítimas violentadas pelas milícias armadas. O número de trabalhadores (as) que foram vítimas de tentativa de assassinato aumentou pelo terceiro ano consecutivo no Estado. Foram 6 casos em 2008, 5 em 2007 e 3 em 2006. Esses dados revelam que apesar do contexto de queda nos conflitos no campo no Paraná, os grupos armados a serviço do latifúndio e do agronegócio continuam a intimidar a luta dos movimentos sociais e das lideranças dos trabalhadores. Infelizmente a ação do poder público tem sido tardia, em via de regra ocorre quando a situação de violência (previsível pelas inúmeras denúncias apresentadas) já ocorreu. Paraná é o estado com o maior número de manifestações no Brasil. O relatório de conflitos no campo mostra que a mobilização e a organização dos trabalhadores tem sido um importante instrumento de enfrentamento da violência no campo no Estado. Em 2008 o Paraná registrou o maior número de manifestações no Brasil. Ao todo, foram 73 mobilizações de trabalhadores que envolveram 30.114 pessoas (FETECPR, 2009, p. 3).

As fontes documentais citadas permitiram conhecer os conflitos agrários na área antes ocupada, bem como em outras regiões do estado do Paraná e levantam algumas indagações: Como o Estado se relacionava com os movimentos sociais naquele período? Diante dos

---

<sup>23</sup> Ver: <https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/category/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao?Itemid=-1>.

conflitos agrários, como os movimentos se mantinham organizados na busca por terra e legitimidade?

Um dos documentos encontrados foi uma ata de registro conjunta entre MST/CPT (MST, 1991) em arquivo da Biblioteca Digital da Questão Agrária (ANEXO 1).<sup>24</sup> Os registros feitos sob forma de nota de esclarecimento revelam a relação conflituosa entre os movimentos sociais e o comando do estado do Paraná, que determinava a entrada da força policial no acampamento com 600 policiais, 30 jagunços acompanhados de cães, expulsando brutalmente todos os ocupantes durante a 1ª. Ocupação da Fazenda Guairacá em 1991.

Ressalta-se o trabalho realizado pela CPT enquanto agente importante no processo de formação da militância do MST, mas também na luta contra outras formas de exclusão, como afirma Luiz Augusto Silva Ventura do Nascimento (2016) em sua pesquisa sobre as políticas públicas de combate à redução do trabalhador rural a uma condição análoga à de escravo.

Nesse contexto, a prática social da CPT consiste em educar, agir didaticamente, implantar nos indivíduos a ideia de se ter direitos e a possibilidade de se unirem como classe para reivindicá-los, sendo, assim, agentes concretos de mudança de sua conflituosa realidade cotidiana e de sua condição de exclusão social (NASCIMENTO, 2016, p. 196).

Uma fonte documental importante utilizada neste estudo é a revista produzida anualmente pela CPT, desde 2000, intitulada “Conflitos no campo Brasil”, em que são catalogadas as diversas situações a que os trabalhadores do campo são submetidos: disputa em conflitos por terra, conflitos pela água, conflitos de cunho trabalhista, seca, questões como as dos garimpos e conflitos entre o Estado e os movimentos sociais e sindicais.

O documento datado de 2017 mostra um avanço nos conflitos no campo nos anos de 2016 e 2017, justamente o período que marca a ruptura política no Brasil, abrindo espaço para uma ofensiva contra os direitos sociais e ambientais. O documento mostra que essas investidas vão além dos ataques às terras e aos militantes que se mantêm na luta pela sua democratização. A quantidade de proposições de leis que tramitam nas casas legislativas é grande, a considerar que apenas as que visam limitar os direitos ao território dos povos indígenas somam-se 45, conforme pesquisa da geógrafa Carolina de Freitas Pereira (2018b, p. 250).

---

<sup>24</sup> A pesquisa documental refere-se a um documento elaborado pelo MST e CPT denunciando a forma pela qual os trabalhadores Sem Terra, acampados na Fazenda Guairacá em 1991 foram retirados do local pela polícia militar (Nota de esclarecimento MST/CPT).

Esse quadro se agrava ao saber que, na atualidade político-social brasileira, a perseguição aos movimentos sociais, a organização dos latifundiários em forma de bancada ruralista no congresso nacional, a omissão do Estado e a impunidade geram mais massacres, conflitos e mortes no campo.

## CAPÍTULO 2

### HISTÓRIA E MÍSTICA NO ASSENTAMENTO ELI VIVE

(Fontes Orais)

Buscar razões que ajudem a perceber as motivações que levam homens e mulheres do assentamento Eli Vive a manterem-se resistentes em ambientes de conflitos e, se preciso, morrer pela causa pela qual lutam, é o caminho que este estudo percorre. Perceber como o movimento social MST tem garantido longevidade e mantido seus militantes mobilizados. As fontes orais foram fundamentais para identificar o problema intencional desta pesquisa.

A investigação sobre o histórico das fazendas Guairacá e Pininga, hoje, assentamentos Eli Vive I e II, feita especialmente em pesquisa documental do MST e através de relatos dos assentados, revela que, até os anos de 1970, as fazendas eram destinadas ao cultivo do café. Com o declínio da produção cafeeira, a área passa à atividade da pecuária, modificando substancialmente a estrutura da fazenda, que deixa de ser utilizada na sua totalidade.

Os registros nos documentos do MST (MST, 2018b) mostram que a Fazenda Guairacá foi ocupada pela primeira vez pelo MST em 1991, e lá permaneceram por três meses, quando houve a reintegração de posse promovida pelo governo do Estado, quando os acampados foram violentamente despejados da área resultando em dezenas de feridos e na dispersão das famílias. Destaca-se, nessa ocupação, a presença de Iraci Salete Strozak<sup>25</sup>, líder feminina que ajudou a organizar a ocupação e o processo de resistência. Após o despejo, o MST assumiu o desafio de continuar reivindicando aquela área, na expectativa de que poderia conquistá-la dentro de um processo de luta do movimento, mesmo que de longa duração. Após 18 anos de negociação entre o proprietário da fazenda, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o MST, o movimento realizou a segunda ocupação da Fazenda Guairacá. Em fevereiro de 2009, 120 famílias dos acampamentos 1º de agosto, do município de Cascavel, e Maila Sabrina, do município de Faxinal<sup>26</sup>, ocuparam as Fazendas Guairacá e Pininga com moradias cobertas por lona, como forma de pressão para garantir a posse da área, ao mesmo tempo em que o INCRA e o proprietário mantinham as negociações.

A Figura 7 apresenta a foto, datada de 28-03-2011, que mostra o acampamento em que se encontravam as famílias na Fazenda Guairacá aguardando o processo de desapropriação da área. As moradias improvisadas ocupavam o centro da fazenda e utilizavam as estruturas

---

<sup>25</sup> Líder do Setor de Educação do MST do estado do Paraná. Morreu em um grave acidente de trânsito envolvendo o ônibus em que viajava.

<sup>26</sup> Ambos acampamentos eram constituídos por muitas famílias Sem Terra que há anos lutavam por um pedaço de terra.

edificadas já existentes, como barracões, seleiros e casas da antiga sede. Esses espaços eram utilizados para reuniões, assembleias, celebrações religiosas e atendimentos dos serviços públicos.

**Figura 7 -** Acampamento Eli Vive, Londrina-PR, 2011



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2011).

A pesquisa documental na fonte “Plano de desenvolvimento da produção de alimentos e geração de renda do assentamento Eli Vive” (ASSENTAMENTO ELI VIVE, 2011)<sup>27</sup> identifica a área que compreende as fazendas Guairacá e Pininga, localizadas no distrito de Lerroville, a 50 km de Londrina-PR, uma extensão de 7.313,06 hectares (Fazenda Guairacá com 5.826,52 hectares e Pininga com 1.486,54 hectares). No dia 27 de setembro de 2013, no governo da Presidente Dilma Rousseff (PT), o INCRA transformou toda a área em assentamento da Reforma Agrária, assentando 501 famílias de agricultores. Cada lote tinha, em média, 13,673 hectares de terra. A seguir, a Figura 8 traz o mapa da região rural de Londrina, estando os assentamentos Eli Vive I (Fazenda Guairacá) e Eli Vive II (Fazenda Pininga) nas proximidades no distrito de Lerroville.

---

<sup>27</sup> O Plano de desenvolvimento da produção de alimentos e geração de renda do Assentamento Eli Vive não está disponível em endereço eletrônico. O exemplar foi cedido pela coordenação para efeitos desta pesquisa.

**Figura 8 - Município de Londrina e seus distritos**



**Fonte:** IPPUL - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (2014).

Toda a área de terras mencionada foi comprada pelo Governo Federal na gestão do Presidente Lula (PT) para fins da Reforma Agrária com implantação de projetos de assentamentos rurais do INCRA articulado com as políticas públicas do programa “Por um Brasil sem fome”. As fontes documentais do INCRA/PR trazem a informação de que, com a criação dos assentamentos, os trabalhadores teriam direito a crédito, energia elétrica, abastecimento de água, habitação e apoio à instalação, além de acesso a linhas de crédito e custeio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) (INCRA, 2010). A portaria que criava os dois assentamento foi assinada no local em 30/08/2010, contando com a presença de diversas autoridades civis, religiosas e políticas dos governos federal, estadual e municipal e de centenas de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra acampados na área (INCRA, 2010).

**Figura 9** - Assinatura da portaria da criação do assentamento Eli Vive.



Fonte: Incra (2010).

No dia 20 de outubro de 2012, na gestão da presidente Dilma Rousseff (PT), foi anunciado o cronograma de implantação do projeto do assentamento, cujo sorteio dos lotes estavam previstos para o ano de 2013. Na ocasião, o presidente do INCRA, Carlos Guedes, informou que as habitações seriam financiadas pelos recursos do programa Minha Casa, Minha Vida (INCRA, 2012). Quanto à conservação e à manutenção das estradas rurais internas do assentamento, isso seria feito por meio do Programa de Aceleração do Crescimento - PAC II Infraestrutura, operado pelo município de Londrina com recursos federais. "O Incra vai continuar desempenhando seu papel que é viabilizar o assentamento, garantir assistência técnica qualificada às famílias e articular o acesso às políticas públicas de governo, a fim de que o assentamento se torne uma comunidade rural autônoma e integrada ao território", afirmou Guedes (INCRA, 2012). O apoio à estruturação produtiva também era previsto pelo INCRA, com a inclusão das famílias no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Os assentados reivindicaram, à época, recursos também para a correção do solo, visando ao aumento da produtividade. Além da produção de leite e hortaliças, o objetivo era cultivar, também, milho, café e outros plantios (INCRA, 2012).

No dia 27 de setembro de 2013, aconteceu o sorteio dos lotes para a distribuição das famílias e a assinatura do acordo de cooperação (INCRA/COHAPAR/CEF/Associação comunitária dos assentados), que previa também a aplicação de R\$ 14 milhões do Governo Federal dentro do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) para a construção de moradias. Na ocasião, o superintendente do INCRA/PR, Nilton Bezerra Guedes, afirmou:

[...] nos próximos três anos serão investidos mais de R\$ 50 milhões em obras de infraestrutura, como habitação, estradas rurais e saneamento ambiental, além de dotação de ferramentas para a produção de alimentos orgânicos... O assentamento Eli Vive agora é uma área pública que será um espaço para a produção rural sustentável. Com essa intervenção do Incra, reforçamos a reforma agrária como uma política estruturante que desconcentra a terra, distribui renda e diminui a pobreza no campo (INCRA, 2013).

Durante o ato público, o representante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST), José Damasceno, destacou a importância das parcerias dos três entes federados e do compromisso do assentamento com a sociedade brasileira: "Temos um grande compromisso com a sociedade brasileira, em especial a londrinense, de fazer desses assentamentos um espaço para a produção de alimentos com respeito à natureza" (INCRA, 2013).

Passados 10 anos da ocupação daquele território, sendo 6 anos da posse efetiva da terra, através da obtenção dos seus lotes, as fontes orais colaboradoras desta pesquisa reconhecem importantes avanços nesse período e a satisfação em estarem assentados, produzindo, gerando renda e cuidando da terra, no entanto, grande parte do acordo firmado em 2013 ainda não havia sido cumprido. Um exemplo de investimento não viabilizado são os recursos para a construção das moradias que foram edificadas com os recursos das próprias famílias. Nas visitas aos lotes durante a pesquisa, era comum encontrar casas inacabadas ou não iniciadas. Os recursos para a abertura e melhoria das estradas do assentamento foram liberados ainda no governo da presidente Dilma Rousseff, em 2014, no valor de R\$ 3,3 milhões, e cabia ao governo municipal executar o serviço (PREFEITURA DE LONDRINA, 2014). Na prática, porém, o início parcial dessas obras só foi anunciado no ato público durante as comemorações dos 10 anos do assentamento realizadas em 14-06-2019. Fato é que, com a ruptura do governo democrático popular em 2016, políticas públicas de Reforma Agrária, especialmente os investimentos em assentamentos rurais como os do MST, deixaram de ser prioridade nos governos de Michel Temer (PMDB) e Jair Bolsonaro (PSL) e muitos dos projetos sofreram os impactos negativos dessa mudança.

Diante dessa conjuntura, cerca de 350 assentados do Eli Vive I e Eli Vive II, acamparam em frente da prefeitura de Londrina no dia 12 de setembro de 2018 com colchões, fogões, alojamento montado, e ali permaneceram até serem ouvidos pelo prefeito e pelos técnicos responsáveis pela execução dos serviços atrasados: garantia da recuperação dos 107 quilômetros de estradas que cortam o Eli Vive I e II, construção dos novos prédios para as escolas e a instalação de uma UBS dentro do assentamento. Durante as negociações, cobraram

a presença de representantes dos órgãos municipais responsáveis, do INCRA e do Ministério Público. O membro da coordenação do assentamento justificou o motivo da ocupação da prefeitura:

As estradas de terra estão em péssimas condições e dificultam o deslocamento da população e a distribuição da produção agrícola dos assentados. As estradas são o principal problema para o desenvolvimento do assentamento hoje. As estradas é que dão acesso à saúde, à educação e ajudam a escoar nossa produção (SARIS, 2018).

A coordenadora do assentamento, Sandra Ferrer, falou dos impactos negativos gerados com a demora para a execução dos serviços nas estradas, haja vista que os recursos no valor de R\$ 3,3 milhões já tinham sido liberados em 2014, o que, na atualidade, não seria suficiente para toda a obra: “Queremos que façam o total de estradas do assentamento e seriam necessários R\$ 9 milhões” (SARIS, 2018).

No governo de Jair Bolsonaro (PSL), os investimentos para a agricultura familiar, base da produção nos assentamentos rurais, foram suspensos (GOMES, 2019) e os ataques (MST..., 2019) aos movimentos sociais são constantes na tentativa de criminalizar tanto as organizações como os trabalhadores rurais sem terra, sinalizando a ausência dos Estado na promoção e nos investimentos para a política de Reforma Agrária do País.

Por ocasião da pesquisa, foram realizadas 10 visitas de campo, sendo três grandes festas<sup>28</sup>, duas celebrações religiosas, visita à escola, reuniões com lideranças do Eli Vive e entrevistas com roteiro semiestruturado composto por 21 questões. Foram entrevistados, oito assentados/as, moradores em 8 lotes de brigadas diferentes. Foi a partir desse contato pessoal com os trabalhadores e trabalhadoras assentadas que se tornou possível acessar elementos que permitissem responder ao problema aqui pesquisado: O que faz com que os militantes se mantenham resistentes nos acampamentos e assentamentos diante de tantos conflitos, enfrentamentos e violência? O que leva as pessoas a viverem e a morrerem em nome dessa luta? Como esse movimento tem garantido sua longevidade e de que forma tem sustentado e mantido seus militantes mobilizados?

As fontes orais permitiram uma compreensão do cotidiano dos assentados e, através do método utilizado, a história daquele território contada nas entrevistas, foi ganhando vida por meio de relatos, gestos e emoções expressas pelos sujeitos pesquisados.

---

<sup>28</sup> Festa da batata doce (01 e 02/12/2018), festa dos 9 anos do assentamento Eli Vive e 5 anos do sorteio dos lotes (27/09/2018) e festa dos 10 anos dos assentamentos Eli Vive I e II (14/04/2019).

No que diz respeito à interpretação de entrevistas abertas ou semiestruturadas, análises temáticas podem ser um recurso que “encurta o caminho” do pesquisador, sobretudo quando se trata de pesquisadores iniciantes. Nesse caso, pode-se tomar o conjunto de informações recolhidas junto aos entrevistados e organizá-las, primeiramente, em três ou quatro grandes eixos temáticos, articulados aos objetivos centrais da pesquisa (DUARTE, 2004, p. 222).

Dessa forma, discorreu-se sobre a história do assentamento Eli Vive a partir dos seus militantes, organizada em três eixos: história de vida; relação trabalho e terra; mística e espiritualidade.

## 2.1 OS MILITANTES DO ELI VIVE: HISTÓRIA DE VIDA

Para conhecer a história do assentamento Eli Vive a partir da narrativa de quem ali reside, realizaram-se entrevistas utilizando questões comuns a todos os entrevistados<sup>29</sup>. O nome dos entrevistados foi preservado, sendo identificados neste estudo como: entrevistada 1, entrevistado 2, entrevistado 3, entrevistada 4, entrevistado 5, entrevistada 6, entrevistada 7 e entrevistado 8, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

Os dados derivados das entrevistas não são simplesmente peças de informação precisas ou distorcidas, mas fornecem ao pesquisador meios de analisar os modos pelos quais as pessoas percebem os eventos, as relações e as razões que oferecem para assim fazê-lo. Todavia, elas são mediadas não apenas pelo entrevistado, mas também pelo entrevistador. São os seus pressupostos na interpretação dos dados que também devem ser objeto de análise (MAY, 2004, p. 172).

A Entrevistada 1 tem 54 anos, é casada e mãe de 3 filhos. Nasceu no município de Reserva. Chegou ao acampamento Eli Vive em 17 de dezembro de 2010, mas participa do MST há 30 anos, tendo passado por 2 acampamentos no estado do Paraná, enfrentando muitos ataques de pistolagem e despejos. Nesse período, participou de muitas formações, coordenou

<sup>29</sup> Nome do (a) entrevistado (a); Idade/D. N; Naturalidade; Data da chegada ao assentamento/ Origem; Número de pessoas da família que estão no assentamento; Profissão dos membros da família; falar sobre a trajetória e a biografia (família, estudo, trabalho); como se deu a sua participação em movimentos sociais? Como tomou conhecimento dos conflitos agrários? Qual a sua relação com os assentamentos ou acampamentos rurais? Qual a motivação que o (a) levou para o acampamento/assentamento? Qual a sua relação com a terra, o MST, o ELI VIVE? Se não comentou, perguntar: como conheceu o assentamento Eli Vive...qual sua história aqui? Que avaliação você faz desse período de permanência no acampamento/assentamento? Qual sua opinião sobre o Assentamento Eli Vive? Quais grupos ou pessoas são mais próximos de você? Por quê? Quais os símbolos ou marcas que você identifica com o assentamento Eli Vive? Você tem vontade de continuar no Eli Vive ou de ir embora? Por quê? Se a resposta for a vontade de continuar, perguntar: O que te motiva a permanecer no assentamento? Quais seus sonhos, desejos e perspectivas? Como você compreende a mística no assentamento Eli Vive? Quais as formas de manifestação de religiosidades dentro do assentamento Eli Vive? Você vê relação entre a mística no Eli Vive e a formação dos militantes? Como se identifica essa relação?

o movimento de mulheres do sindicato rural, ajudou na fundação do Partido dos Trabalhadores na cidade de Ibema-PR.

*A princípio eu pensava “pequeno”, queria apenas ter um lote, cuidar dos filhos e só. Eu não queria ser o que eu tive que ser, mas eu não tive escolha, quando percebi estava lotada até o pescoço. Me sinto muito feliz por ter feito tudo o que fiz (ENTREVISTADA 1, 2019).*

A Entrevistada 1 fala das diversas responsabilidades que assumiu nos acampamentos por onde passou: escolas itinerantes, PRONAF, direção estadual. Hoje colabora voluntariamente na cooperativa dentro do Eli Vive.

O Entrevistado 2 é solteiro, tem 44 anos, nasceu na região de Guaíra-PR. A família saiu do estado de Minas Gerais em busca de melhores condições de vida, pois eram muito pobres e sem nenhuma condição de subsistência. Por influência de amigos, chegaram a Guaíra-PR, onde ele nasceu, e em pouco tempo mudaram-se para o Paraguai, onde ficaram por 26 anos. Em 2005, retornaram ao Brasil, vindo morar em Cascavel-PR num acampamento do MST. Em 2008, surgiu a oportunidade de acamparem na Fazenda Guairacá, assim fizeram, ele, a mãe e três irmãs. O pai faleceu ainda quando moravam no Paraguai. A vida da família sempre foi na zona rural, mas nunca tiveram condições de se fixarem em terra própria até chegarem ao assentamento Eli Vive. Ele fala da impressão que tinham do MST, quando moravam no país vizinho,

*Como a televisão mostra as coisas ao contrário do que é, a gente só via na televisão quebra pau, conflitos nas ocupações das fazendas, eu via aquilo e me indignava, me cortava o coração...quando surgiu a vaga pra mim no acampamento, me deu medo, pensei: vai que dá um quebra pau? Foi aí que um amigo me disse que se eu conhecesse o Brasil, iria ver que era outra coisa. Foi assim que eu, as tres irmãs e a mãe fomos. Ao chegar no primeiro acampamento em cascavel, já vi que a coisa era diferente do que a tv mostrava. O povo tratava a gente com educação, A organização era diferente. Percebi que parecia que a gente vivia na escravidão antes, sendo empurrado pelos fazendeiros. Aquilo foi clareando a mente da gente. Pensei: aqui é o meu lugar. Passou por 2 acampamentos e em 2009 viemos pra cá. (ENTREVISTADO 2, 2019).*

O entrevistado 3 tem 32 anos, é casado e pai de duas crianças. Nasceu no distrito de Barreirinho em Nova Tebas-PR. A família sempre foi da região rural. Chegou ao Eli Vive em 29 de julho de 2011, vindo da cidade de Faxinal, do acampamento Maila Sabrina. Hoje coordena um das brigadas no assentamento.

*O MST, somos uma organização que é uma só, mobilizada em povo, em massa. Nós passamos em trajetória de Manoel Ribas por meio de trabalho de base, saímos de lá por motivos particulares e dois anos depois saiu o assentamento, não demos sorte. Fomos acampar na BR e fazer outro trabalho de base, onde ficamos 2002 e 2003 até sermos despejados. Depois fomos para Cascavel, ficamos 18 dias mas como era muito longe da família não nos adaptamos. Vimos em 2004 para o acampamento Che Guevara e em 2005 ocupamos a fazenda brasileira em Ortigueira. Ficamos lá até 2011 acampados, foi quando surgiu a possibilidade do Eli Vive. Viemos em 100 famílias da Brasileira (ENTREVISTADO 3, 2019).*

Ao ser questionado sobre a motivação que o levou a permanecer no acampamento, mesmo depois de tantas idas e vindas, o Entrevistado 3 respondeu que a motivação vem do amor à terra e do fato de a situação econômica e da falta de estudos dificultarem ou até mesmo inviabilizarem o sonho de ter um pedaço de chão, mas que nunca se distanciou dessa possibilidade, mesmo que, para muitos, pudesse ser “apenas” utopia.

Utopias se referem a algo que não se encontra em lugar algum (do grego ou = não + topos = lugar). [...] São as classes sociais oprimidas que, não encontrando satisfação para seus desejos em sua “topia”, emigram pela imaginação para uma terra inexistente onde suas aspirações se realizarão. Sua atividade política se torna, então, peregrinação na direção da terra prometida, construção do mundo que ainda não existe (ALVES, 1999, p. 109).

A Entrevistada 4 é casada, 43 anos, mãe de 02 filhos. Nasceu em Iretama-PR. Chegou ao Eli Vive em 2009, vinda da fazenda Brasileira em Faxinal-PR. Antes ela morava em Manoel Ribas e trabalhava como gari, e o marido furava fossa naquela cidade. Entraram no movimento em 2001. Conheceu o MST através do pai que já era acampado e do sogro que vivera em acampamento. Em Manoel Ribas, não havia trabalho. Passou por vários acampamentos até chegar à fazenda Três Marias, onde ficou por 1 ano e meio. A entrevistada 4 se recorda do despejo em 2004, na fazenda Três Marias, de onde a polícia conseguiu tirá-los. Ocuparam, então, a BR em Manoel Ribas-PR e depois se dirigiram para Cascavel-PR, onde ficaram por 4 meses passando muitas dificuldades. Foi nesse período que a entrevistada 4 perdeu sua filha, aos 4 anos de idade, vítima de uma doença que, segundo ela, foi descoberta tardiamente pelos médicos.

*Morávamos na fazenda brasileira em Ortigueira, ela ficou doente, depois parou de andar, o médico disse que era reumatismo. Um disse: eu vi umas glândulas nela. Na farmácia do assentamento, marcou uma consulta com outro médico. O médico examinou e me falou: “sinto muito mãe, tua menina não tem reumatismo não”. Ela passou por raio x e o médico disse que o*

*pulmão e rim não funcionam mais. Após um eletro detectou problema também no coração. E ela tomava remédio para reumatismo. O médico providenciou um helicóptero para levar ela a Curitiba, mas nem deu tempo de chegar lá. Perdi minha filha. (ENTREVISTADA 4, 2019).*

Depois do acontecido, o acampamento em Ortigueira, onde morava, passou a ter o nome da menina, uma forma de torná-la presente na memória dos acampados e assentados. No assentamento Eli Vive II, a brigada 5 tem o mesmo nome. A entrevistada 4 se emocionou ao contar sua história, evidenciando que, para além da fala, há muitas informações contidas no silêncio dos militantes, captadas pela observação do pesquisador. De acordo com Colognese e Melo (1998), “não se deve considerar apenas o comportamento na situação da entrevista, mas também suas situações e posições no contexto geral das relações sociais” (COLOGNESE; MELO 1998, p. 149).

O Entrevistado 5 tem 28 anos, é casado e está no Eli Vive desde 2009. Nasceu em Nova Cantu-PR. Antes, morava em outro acampamento em Cascavel-PR. Quando moravam em Nova Cantu, o pai resolveu ir para Curitiba, onde conheceu o acampamento em Mariluz, para onde se mudaram, o pai, a mãe e quatro filhos. Ele, à época, tinha 12 anos e ali permaneceu até os 18 anos, quando se casou e mudou para o acampamento 1º. de agosto em Cascavel. Ficou por lá de 2004 a 2009, quando foram convidados a irem para a Fazenda Guairacá com toda a família. No lote, hoje, mora com a esposa e dois filhos.

A Entrevistada 6 tem 51 anos, é viúva e está no Eli Vive desde 2009. Nasceu em São Jerônimo da Serra-PR e de lá a família, que sempre trabalhou na agricultura, migrou para Lerroville em Londrina. Depois morou no acampamento na fazenda Serraria na cidade de Tamarana-PR. Ela recorda que chegaram, em grande número de pessoas, ao Eli Vive às 6h da manhã, e tudo era capim. Ela vive no lote com um sobrinho. A história dessa entrevistada é diferente dos demais.

*[...] meu marido tinha uma propriedade aqui perto, mas tinha muitas dívidas. Depois que ele morreu, vendi a fazenda para pagar o banco. Comprei um sítio em Lerroville, mas precisei vender. Fui morar em Lerroville para cuidar da minha mãe que depois faleceu. Quando soube da ocupação da fazenda Guairacá, vim morar aqui. Foram muitas viagens, muitas reuniões até conseguirmos esse lote. Hoje temos de tudo e de jeito nenhum penso em sair daqui (ENTREVISTADA 6, 2019).*

É importante registrar que todos os entrevistados relataram o desejo de permanecer no lote conquistado, bem como o sonho de conquistar novos assentamentos para abrigar a

geração de crianças e jovens que hoje lá vivem. Segundo Boff (2018, p. 19), “esse sonho é imorredouro, e como todo sonho ou utopia, de alguma forma, antecipa o futuro que virá.”

A Entrevistada 7 é casada, 45 anos, compõe a coordenação dos assentamentos Eli Vive 1 e 2, nasceu em Cruzeiro do Oeste-PR e junto com a família percorreu diversas partes do Paraná à procura de trabalho, praticamente não conhecia cidade, sempre morou na região rural. Quando se casou em 1991, foi morar numa fazenda em Lerroville, de produção de café, onde 60% da produção ficava com o dono da fazenda. Em 2008, o marido ouviu falar de um chamamento do MST para uma reunião em que seriam informados sobre a ocupação das fazendas Guairacá e Pininga, que estava para acontecer. Decidiram participar da reunião e saíram convencidos de que deveriam ir para a ocupação.

Ela reconhece que no início teve medo devido aos noticiários dos meios de comunicação a respeito do MST, que eram sempre negativos, e pelo fato de nunca sair de casa. Nessa reunião, havia umas 3000 pessoas, segundo a Entrevistada 7. Para ela, o que mais chamou atenção foi a fala dos coordenadores Ângela e Damasceno, pois, enquanto eles se pronunciavam, a multidão fazia um silêncio profundo prestando atenção em cada palavra: *“Estamos num momento onde, se vocês querem se libertar dessa situação de escravidão em que vivem, onde o patrão suga o empregado e você não consegue se libertar, esse é o momento. Estamos indo ocupar uma fazenda aqui próximo e a hora é essa”* (Entrevistada 7).

A Entrevistada 7 se recorda do despejo violento ocorrido em 1991 na Fazenda Guairacá e se emocionou ao relatar que está no Eli Vive desde os seus primeiros momentos, sendo este o primeiro e único em que morou. Hoje a filha de 23 anos já está casada com filho de assentado, e a neta nasceu no acampamento. O filho caçula tem 21 anos. A neta tem 6 anos e está no 1º. ano do Ensino Fundamental e já coordena o setorial da horta da escola.

O Entrevistado 8 tem 39 anos, é casado e pai de 04 filhos. Nasceu em Salto do Lontra-PR. Ele conta que, em 1996, o pai foi para o grande assentamento Iraci Salete Strozak em Bela Vista do Paraíso-PR, depois foi assentado em Faxinal em 1999. Em 2003, abriu um acampamento em Faxinal em 3 irmãos. Há 10 anos foi para o Eli Vive. Relata que seus pais sempre foram da roça e sempre muito pobres, vivendo como boias frias. Lembra que, em 1997, o MST fez um trabalho junto com os sindicatos dos trabalhadores rurais e o seu pai foi convidado a ir para o acampamento Iraci Salete Strozak. O primeiro contato com o MST foi através desse sindicato. Nunca mais ele e sua família deixaram o MST. O entrevistado 8 chegou ao Eli Vive junto com as primeiras 90 famílias, em 20-02-2009.

Como se pode ver na pesquisa, todos os entrevistados são do estado do Paraná e, da mesma forma, todos são vinculados à agricultura, ao meio rural, possibilitando uma íntima

relação com a terra, e pode-se afirmar que esta é uma característica do assentamento Eli Vive, o que favoreceu a construção de um projeto coletivo que considera as relações culturais, gênero, territoriais e geracionais dos assentados.

## 2.2 A RELAÇÃO TRABALHO E TERRA

As entrevistas com assentados e assentadas do Eli Vive chamaram a atenção e merecem destaque no diz respeito à terra e ao trabalho rural. Não é estranho, nem incomum, ouvir críticas afirmando que quem vive nas ocupações de terra são pessoas “desocupadas” ou mesmo sem vínculo anterior com essa modalidade de trabalho, sendo “oportunistas” para ganhar um lote do governo. Os próprios assentados relatam situações de preconceito e discriminação das quais são vítimas cotidianamente nesse aspecto, além de outras. Nos relatos, fica evidente que essas impressões não encontram base naquele território. Todos declararam seu vínculo com a terra, bem como de seus antecedentes.

*Os princípios e valores do MST é o que segura o assentamento. Hoje os meus três filhos estão no lote deles. Eu acho que aqui é um avanço de vida. Tudo que se planta, dá. A terra é muito boa. Hoje plantamos vassoura, frutas de todas as espécies. Entregamos cebolinha, chuchu para o PNAE. Abobrinha, cebolinha, milho, gengibre, batata doce, feijão. Para o consumo plantamos feijão, arroz, frutas e criamos porcos. Agora mesmo tem o milho pra colher. O Eli Vive tem tudo pra dar muito certo. Não podemos perder o princípio da organização, exemplo: não plantar soja. Terra é para morar, ter escola e ter saúde e para ter saúde tem que comer bem. Não somos contra a soja, somos contra o que ela faz. Conheço lugar que arrancou o pomar pra plantar soja. Se todos nós se organizarem podemos evitar virar uma fazenda de novo. Precisa ter mais formação para a militancia. É na formação que aprendemos isso (ENTREVISTADA 1, 2019).*

Quando se afirma que o elemento “terra” está na base da disputa do capital, a Entrevistada 1 fala justamente da função social da terra: morar, plantar, ter escola e ter saúde. A resistência desses trabalhadores para efetivar a Reforma Agrária, como um dos princípios do MST, é justificada pelos dados atuais do IBGE 2017:

Brasil tem 5.072.152 estabelecimentos com mais de mil hectares controlando 47,5% das terras, que ocupam 350 milhões de hectares de terra. E desse total, mais de 16 milhões de hectares estão concentrados nos grandes estabelecimentos. Enquanto os menores, que têm até dez hectares, representam 50,2% do número total de estabelecimentos, mas ocupam apenas 2,3% da área (ALENTEJANO, 2018, p. 1).

O fator concentração de terras é uma das causas flagrantes da profunda e histórica desigualdade social que se arrasta e que, na atualidade, avança pelo País, por meio da restrição dos recursos destinados a assistência social, saúde, educação, previdência, colocando milhões de trabalhadores num exército de reservas sem nenhuma perspectiva.

O Entrevistado 2 fala da sua relação com a terra e cobra do Estado os investimentos necessários para garantir a permanência dos trabalhadores que vivem da agricultura familiar,

*Nessa terra corre leite e mel...Tudo o que a gente planta, colhe. Aqui plantamos milho, feijão, mandioca, amendoim. O carro chefe é milho (verão) e feijão (inverno). Também criamos porco e galinha para o consumo. O que mais motiva a gente é a vida da gente aqui. Lidar com as plantas, trabalhar na roça é o que sabemos fazer a vida inteira. Quando você está triste e olha uma planta nova, bonita a gente se alegra na hora. O meu sonho é ter um governo que apoia a nossa luta. O trabalho na agricultura familiar está esquecido. A parte da gente, que é cuidar da terra, trabalhar a gente faz, mas o governo não reconhece isso (ENTREVISTADO 2, 2019).*

Todas as 501 famílias assentadas no Eli Vive desenvolvem a atividade da Agricultura Familiar, uma política pública constituída no governo do Presidente Lula do Partido dos Trabalhadores, em 2004, pela Lei 11326/2004. A agricultura familiar é uma atividade econômica que compreende que são agricultores e agricultoras familiares aqueles cidadãos e cidadãs que desenvolvam práticas no meio rural e que atendam a quatro critérios específicos: detenham área de até quatro módulos fiscais (a medida varia de município para município); utilizem predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas rurais; tenham renda familiar mínima originária de atividades econômicas rurais em seu estabelecimento e/ou empreendimento e dirijam seu estabelecimento ou empreendimento com sua família, conforme informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Governo Federal (BRASIL, 2019).

O Entrevistado 3 fala da satisfação em alcançar o objetivo da família: ter um pedaço de terra,

*O que nos motivou a vir para o assentamento é a terra. Somos pobres, sem estudo. Pra comprar um pedaço de terra sem um emprego bom não dá. Uma terra, dificilmente vamos conseguir. Como nós sempre gostamos de trabalhar a terra desde sempre, nós resolvermos acampar em busca desse objetivo para poder trabalhar e ter uma vida digna. Graças a Deus hoje estou aqui com meus filhos e minha mãe também mora aqui no lote (ENTREVISTADO 3, 2019).*

O Entrevistado 3 atribui a dificuldade em adquirir um pedaço de chão devido à falta de um emprego bom, especialmente por ser pobre e sem estudos. Essa é uma realidade que atinge milhões de brasileiros. Conforme os dados do desemprego, no Brasil, divulgados pelo IBGE no final do 1º Trimestre de 2019, a taxa de desemprego é alta, chegando a atingir 12,7% da população brasileira (13,1 milhões de pessoas) (PNAD..., 2019). Os dados ainda mostram que as vagas que estão sendo ofertadas se referem ao mercado informal.

Assim como outros trabalhadores entrevistados, a Entrevistada 4 sempre foi do meio rural, trabalhando como boia fria, e reconhece o sentido do lote na sua vida,

*Na época a gente pagava aluguel, aí a gente foi morar no sítio para poder plantar colher que era o que gente gostava. Se você plantar você tem tudo no sítio. Eu sempre trabalhei na terra, eu morava na cidade, mas trabalhava de boia fria, sempre gostei de trabalhar na lavoura, O MST para mim é uma família (ENTREVISTADA 4, 2019).*

Alguns dos entrevistados se referem aos “princípios” do MST. Como não se trata do objeto da pesquisa, não foram aqui aprofundados, porém, o Entrevistado 5 despertou-nos para essa questão quando fala de um projeto coletivo.

*Consideramos que estamos fazendo o bem não só pra nós, mas para todo o País. Nessas mobilizações nós não pedimos só pra nós. Estamos fazendo nossa parte de cidadão exigindo mais do governo. A maior contribuição que o MST dá para o País é esse interesse de todos poderem ter como nós, um pedaço de chão e ali poder trabalhar e dar uma vida digna para sua família (ENTREVISTADO 5, 2019).*

Para os assentados, os princípios do MST se baseiam em três pilares: Terra, Reforma Agrária e Transformação Social. Nesse sentido, percebe-se que todos os depoentes têm a compreensão do seu papel ao ingressar no movimento. No caso do Entrevistado 5, ele considera a transformação social como o maior objetivo do movimento.

A Entrevistada 6 é mulher, viúva, obteve seu lote e é responsável pela administração e geração de renda na propriedade,

*Eu gosto de mexer com a terra. Eu adoro. De tudo eu gosto. Eu gosto de plantar eu gosto de colher, principalmente a vassoura, que eu planto, colho, amarro e vendo. É da venda da vassoura que eu faço meu dinheiro. Nós tiramos a vassoura, limpamos e fazemos o processo e comercializamos. Eu e meu sobrinho fazemos de 30 a 40 dúzias por semana (ENTREVISTADA 6, 2019).*

**Figura 10** - Preparação da vassoura para ser comercializada (Assentamento Eli Vive).



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019).

Na pesquisa realizada no Eli vive com o título “Gênero e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra”, descrita no item 1.1 deste trabalho, as pesquisadoras fazem o relato a partir da contribuição das mulheres do acampamento.

A atividade das mulheres no Eli Vive é muito variada; algumas participam dos setores, outras permanecem em casa, sendo da consciência de cada mulher a sua atribuição no pré-assentamento, visto que cada uma participa onde acredita ter mais afinidade com determinado trabalho. A participação das mulheres também acontece nas direções dos setores do MST, que sempre são formadas por um homem e uma mulher, assim como mostra o site oficial do MST: “[...] as instâncias de decisão são orientadas para garantir a participação das mulheres, sempre com dois coordenadores, um homem e uma mulher. E nas assembleias de acampamentos e assentamentos, todos têm direito a voto: adultos, jovens, homens e mulheres” (PATRIARCHA; PASTOR, 2011, p. 6)

A Entrevistada 7 também relata a trajetória de uma vida no campo passando de geração em geração, algo comum em muitas famílias naquele ambiente,

*Meu pai rodou quase todo o Paraná atrás de serviço. Sempre na roça. Eu vim morar aqui num sítio do lado do assentamento Eli Vive II. Ali eu morei, me casei, depois viemos morar aqui no assentamento. Hoje minha filha é casada com um rapaz que é também filho de assentado e mora no mesmo lote que nós (ENTREVISTADA 7, 2019).*

Da mesma forma que o Entrevistado 8, desde muito jovens, são membros da coordenação do MST. Hoje coordenam os assentamentos Eli Vive I e II,

*Minha família sempre foi da roça e muito pobres, nunca tivemos um pedaço de chão que era nosso. Então fomos para os acampamentos. Desde que eu me conheci como adolescente e juventude eu fui da coordenação do MST. Com 18 anos eu já era coordenador. Sempre ajudei a buscar melhorias para as famílias porque a maioria das famílias que vem são de sítios, muito pobres, sem escolaridade, sem documento. Temos muito conhecimento. Tudo o que nós temos devemos ao MST, porque a melhoria de vida nossa foi da água para o vinho. Agora quem era boia fria hoje tem dignidade de vida, sobrevive bem, em cima do lote e com qualidade de alimento. Nós éramos muito sofridos. Quando veio a possibilidade de conseguir terra e morada, viemos todos. A gente mudava duas vezes por ano e não tinha perspectiva de trabalho em lugar nenhum. Era só boia fria mesmo. Nós agradecemos muito a minha mãe que foi forte e não deixou a gente desistir (ENTREVISTADO 8, 2019).*

O Entrevistado 8 chama a atenção para a migração dos trabalhadores do campo para a cidade. Em 2010, a população urbana era de 76%. Em 2017, esse percentual saltou para 84,4%, conforme dados do IBGE 2017 (ALENTEJANO, 2018). O aumento da concentração fundiária, a expansão de um agronegócio mecanizado, a falta de investimento na agricultura familiar, a escassez ou até mesmo a ausência do serviço público que atenda a população rural são algumas das causas da migração para as regiões urbanas, levando as cidades a verdadeiros caos, uma vez que a estrutura é falha, os serviços públicos são precários e a população desempregada é de 13,4 milhões de pessoas. A concentração fundiária cria lastros que avançam para todas as esferas da sociedade, impedindo ou dificultando em larga escala o cumprimento dos princípios da luta do MST: Terra, Reforma Agrária e Transformação social.

### 2.2.1 Estratégias de Resistência e Permanência no Trabalho no Campo

Por diversas vezes, os entrevistados se referiram à organização do acampamento/assentamento como uma característica importante para que os bons resultados comemorados na atualidade fossem possíveis. Em conversa com a coordenação do movimento sobre as estratégias organizacionais do assentamento, foi apresentada uma importante fonte documental de que se fez uso neste estudo, o “Plano de desenvolvimento da produção de alimentos e geração de renda do assentamento Eli Vive”, escrito no ano de 2011 e colocado em prática nos anos seguintes.

Esse plano estabelece normas e metas, que consistem na produção de alimentos e geração de renda, e apresenta propostas de uma nova forma de produção pautada na Agroecologia e na organização de um sistema de cooperação. Dessa forma, todas as famílias deveriam organizar seus lotes plantando hortaliças, cereais e a maior diversidade possível de

alimentos, bem como a criação de animais de pequeno porte. A renda mensal sairia em pouco tempo desses produtos e, mais tarde, do cultivo da lavoura, como o caso do café e do leite que sairia do Eli Vive e iria para a Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória (COPAVI) no assentamento Santa Maria em Paranacity/Pr.

Outro componente descrito no Plano se refere à assistência técnica e à transição para a Agroecologia, em que, além do cuidado com a terra, haveria de se cuidar dos rios, das nascentes e das matas para promover uma agricultura autônoma que fortaleça a agricultura popular e camponesa. Para isso, equipes técnicas do próprio assentamento devem ser preparadas para atuar na linha de produção do assentamento.

O projeto ainda contempla elementos do plano de desenvolvimento da educação, da comunicação, da cultura e da infraestrutura social da comunidade Eli Vive, assim como da estruturação dos espaços das comunidades com infraestrutura comunitária, social e prestação de serviços.<sup>30</sup> As moradias dentro dos lotes devem ser edificadas de forma que facilite a infraestrutura e a convivência. Cada família deve pensar e planejar o tipo de casa que pretende construir, que atenda sonhos, vontades, desejos e expectativas, que seja um ambiente agradável para viver. A forma de organização e distribuição das casas no assentamento deve garantir que todas as casas tenham acesso a infraestrutura: estrada, água, luz, saneamento rural, destinação e tratamento do lixo.

No campo educacional, o plano descreve um complexo educacional da Reforma Agrária no assentamento, com estrutura física, construções, equipamentos e pessoal, com ensino público de qualidade, desde o ensino infantil até o ensino médio; com educação geral e técnica em magistério, técnico agrícola, com ênfase em cafeicultura, bovinocultura leiteira, agroecologia, meio ambiente, contabilidade, gestão, administração, informática, saúde comunitária, música, teatro, entre outros.

O plano ainda traz as regras de convivência diária para que haja organização e desenvolvimento humano entre as famílias do assentamento Eli Vive<sup>31</sup>.O documento foi

---

<sup>30</sup> Área de lazer: campo de futebol, parques, bosque, praças, ginásio poliesportivos e quadra, cancha de bocha. As áreas de lazer devem contemplar homens, mulheres, idosos, jovens e crianças; leite, café, hortaliças, moinho de fubá, descascador de arroz etc. Espaços de prestação de serviços: casa agropecuária, espaços de cultura e artesanato, assistência técnica, mercado, lanchonete, transporte coletivo, posto de combustível, oficina mecânica e ferraria, borracharia e posto telefônico etc. Espaço cultura e religioso: salão de festa, cinema, teatro, palestra, conferências, reuniões, encontros e espaços para expressão religiosa. Espaço de comunicação: Instalação de uma rádio comunitária e um tele centro e posto de correio. Espaço da saúde: construção de um posto para atendimento à saúde com transporte. Estimular as iniciativas de saúde preventiva e popular. Centro de pesquisa em agroecologia: implementação de um centro pesquisa com a implantação de unidade demonstrativa em Agroecológica a partir das linhas de produção do assentamento. Projetar e reservar espaços de moradias para os trabalhadores permanentes e não assentado.

<sup>31</sup> Todas as famílias devem viver do seu trabalho dando exemplo a partir da sua unidade de produção. Devem-se

produzido no ano de 2011, no entanto muitos resultados foram obtidos num período bastante curto, uma vez que, desde a fase da ocupação, eles se organizaram em cooperativa (COPRAN) como forma de trabalhar as sementes crioulas<sup>32</sup> de milho em parceria com outras organizações para distribuição e reprodução das sementes, inclusive em outros esta, como Mato Grosso e Santa Catarina.

**Figura 11** - Foto de semente crioulas produzidas no assentamento Eli Vive.



Fonte: Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019).

Com a oficialização do assentamento Eli Vive em 2013, uma nova fase se inicia e o projeto, elaborado anteriormente, ganha novas formas. Com o sorteio dos lotes, as duas comunidades se organizam (Eli Vive I com 392 famílias e Eli Vive II com 109 famílias) com espaço reservado de 20 alqueires para a instalação de estruturas coletivas, como centro comunitário, áreas de lazer, espaços para desenvolvimento de experiências de produção. O

---

resgatar e vivenciar os valores de companheirismo, solidariedade, a identidade Sem Terra, os símbolos, os princípios e objetivos do MST, respeitando os vizinhos a as diferenças das expressões da religiosidade, humildade, relação de boa vizinhança, cooperação, troca de dia, entre ajuda, mutirões, confraternização, amor, valores da cultura camponesa, alimentos saudável, amizade, união, participação das mulheres e juventude, disciplina, valor da continuidade da luta, mística, animação. Construir uma conduta que conquiste a confiança da sociedade: Praticando doação de alimentos, doação de sangue e coerência nas relações interna e externa. Cuidados e embelezamento dos espaços coletivos. A organicidade deve envolver todas as famílias assentadas e as pessoas que vivem na comunidade. Construir um calendário orgânico anual de atividades com ampla divulgação, que garante a participação de todas as famílias. Respeito e zelo pelas instancias do assentamento e do Movimento (MST). E a militância que compõe as instancia devem ser qualificadas para as tarefas. Todos espaços e atividades desenvolvidas no assentamento devem ter uma intencionalidade educativa que fortaleça o projeto da classe trabalhadora. Construir um plano de formação que leve em conta todos os níveis, formação de base, dirigentes e militantes; construir um regimento interno que regulamente as relações e a convivência social entre as famílias, em vista do projeto do assentamento. Fortalecer as instâncias de decisão da organização: direção coletiva, a coordenação, e as brigadas e núcleos de base.

<sup>32</sup> sementes crioulas são variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas ou indígenas, com características bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades. De acordo o Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (Nead), estas sementes, passadas de geração em geração, são preservadas nos muitos bancos de sementes que existem no Brasil (MICHEL, 2016).

Plano de desenvolvimento da produção de alimentos e geração de renda do assentamento Eli Vive prevê a estruturação dos Assentamentos Eli Vive I e II quanto às construções e à estrutura: espaços de convivência e de estudo, escola, barracão comunitário, igrejas, cozinha comunitária, secretaria, biblioteca, casa da saúde, escritório, instalação de energia elétrica, a construção da estrada interna do assentamento, além do cuidado com o meio ambiente, assistência técnica em produção e sanidade animal em assentamentos rurais visando a produção sustentável e a produção e reprodução de sementes crioulas no Eli Vive.

Em abril de 2019, o assentamento Eli Vive celebrou dez anos de existência, o que, para os assentados, significa tempo de luta, de resistência e de conquistas. A origem do assentamento é datada do dia em que as famílias chegaram (fevereiro de 2009) àquela área e ali organizaram sua moradia coberta por lona, formando comunidades na forma de brigadas. Os resultados da produção agrícola obtidos nos dez anos de plantio e cultivo da terra mostram que o planejamento inicial foi bem-sucedido, sendo possível desenvolver os projetos pensados coletivamente, além de outros que são organizados por meio de parcerias, créditos e organização comunitária.

No ano de 2016, a cooperativa do assentamento Eli Vive, em parceria com a Conab-PR e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, produziu 150 toneladas de sementes crioulas, as quais foram distribuídas para 3.800 agricultores familiares em 60 municípios do estado do Paraná.

As famílias do Assentamento Eli Vive participam, desde 2016, do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), através da Secretaria Estadual de Educação. Por meio do programa, são entregues alimentos a 78 escolas dos municípios de Londrina e Ibiporã. Ao todo, são comercializados, semanalmente, 4000 kg de produtos agrícolas de qualidade (acelga, couve chinesa, almeirão, couve manteiga, quiabo, rabanete, repolho, abobrinha verde, batata doce, berinjela, beterraba, cará, cenoura, chuchu, inhame, milho verde sem palha, pepino, tomate, vagem, cebolinha verde, limão rosa, pimentão e salsinha) e sem o uso de agrotóxicos.

O Eli Vive tem, hoje, uma capacidade de produção capaz de atender outras demandas, podendo suprir o atendimento em outros municípios. O PNAE e o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) foram lançados no governo do presidente Lula como forma dos assentamentos e agricultores familiares fornecerem seus produtos às entidades públicas, sendo subsidiados pelo Governo Federal.

### 2.3 A MÍSTICA DOS MILITANTES DO ASSENTAMENTO ELI VIVE

As entrevistas com os militantes revelaram que, ao abordar os temas religiosidade, espiritualidade ou manifestação de fé no ambiente pesquisado, os entrevistados valorizam as diferentes práticas religiosas dentro do assentamento, ressaltando, inclusive, a importância da permanência de algumas igrejas naquele espaço, independentemente de se ter uma religião ou não. Disso, infere-se uma tolerância em relação à prática religiosa,

*As que temos aqui é católica e evangélica, ao todo 4. Todo mundo gosta de ter seus espaços de manifestação religiosa e nós do assentamento achamos importante que todo ser humano tenha seu momento de oração e apoia, inclusive nós fazemos parte. Sempre vamos na igreja. A maioria dos pastores e ministros são daqui da comunidade. Nunca tivemos problema, atritos desse pessoal querer intervir (ENTREVISTADO 8, 2019).*

**Figura 12** - Imagem interna da Igreja Católica no Assentamento Eli Vive II



Fonte: Sandra Aparecida Costa Ferrer - Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019).

A pesquisadora Marluse Castro Maciel (2009), em estudo realizado sobre a presença de religiões e a dinâmica da edificação dos templos em assentamentos, relata:

A construção das igrejas de uma maneira geral tem como objetivo arrebancar pessoas dentro do assentamento, como meio de salvação para quem está “perdido” ou “desviado”. E para garantir a manutenção da religião para pessoas que participavam quando moravam em outros lugares. Durante o processo de ocupação as práticas religiosas são abandonadas, depois de constituídos os assentamentos, a retomam e imediatamente iniciam a construção do templo (MACIEL, 2009, p. 101).

Ao falar de religião, espiritualidade e manifestação de fé, os entrevistados também falavam da mística presente no assentamento Eli Vive como uma forma de relacionar-se com

o sagrado, sem a mediação de líderes ou doutrinas religiosas, mas uma prática presente no MST desde sua origem e que carrega uma simbologia que dá sentido à vida naquele ambiente, muitas vezes conflituoso.

*A mística fortalece a luta e a permanência na busca dos sonhos pessoais, mas também da transformação de toda uma conjuntura político, social econômica de uma comunidade, e, da mesma forma, de uma nação (ENTREVISTADO 8, 2019).*

Para o Entrevistado 5, a mística ajuda os militantes a se expressarem. Ele relata como percebe a experiência religiosa dos assentados:

*[...] a mística é um momento de interagir, um momento para colocar aquilo que estamos sentindo ali, nossas reivindicações. A mística, acredito que ajuda na formação do militante porque ali você se expressa de modo diferente. A pessoa que está próxima de você tem que estar atenta, tem que estar sentido a mesma coisa. Quando eu participei eu senti isso (ENTREVISTADO 5, 2019).*

A Entrevistada 7 discorre sobre a religiosidade ressaltando, de forma positiva, a edificação de igrejas dentro do assentamento. Nos demais depoimentos, não houve críticas em relação a essa prática,

*Antes a gente não tinha as igrejinhas construídas. Agora já tem. No meu ver é muito importante a religiosidade. Ter onde as famílias fazer suas orações, suas rezas, se veem, as igrejas ficam cheias. Esses momentos são importantes por que reúne as famílias (Entrevistada 7).*

Para a Entrevistada 4, a mística tem uma contribuição na formação das pessoas, especialmente a juventude, ao considerar as diferenças nas relações sociais entre quem mora dentro e fora do assentamento.

*A mística é importante, ajuda especialmente as pessoas mais novas, que está assentada porque dentro do acampamento não é como estar lá fora. Tem muito o que aprender. A mística ajuda na formação dos militantes” (ENTREVISTADA 4, 2019).*

A senhora Aparecida da Luz<sup>33</sup>, hoje líder feminina no assentamento, destaca os momentos vividos no acampamento à espera de seu lote de terras,

*Vim da cidade de Laranjeira do Sul com minha família. Muitos falavam que era loucura, mas tinha o sonho de ter um pedaço de chão, ter onde*

---

<sup>33</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

*morar...muito sofrimento, passava necessidade, mas aqui sempre tive o que comer. Sabia que era difícil, mas tinha fé que um dia a gente ia conseguir. Quando a gente desanimava, chamava as companheiras, fazia roda de conversa, cantava, estudava, fazia planos e se animava de novo...foi assim. (LUZ, 2018).*

As falas aqui registradas são fruto de recorte intencional das entrevistas, que, na grande maioria, são extensas, uma vez que se utilizou a metodologia de um roteiro semiestruturado e resposta livre no caso da pesquisa preliminar. Isso possibilitou ao entrevistado contar a sua história do seu modo. Há, ainda, outros relatos coletados durante a permanência no campo pesquisado que elucidam o conceito de mística e que, por pertinência e confluência com o tema, estão descritos no Capítulo 3 a seguir.

## CAPÍTULO 3

### RELIGIOSIDADE E MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL

O termo “mística político-social” foi elaborado no decorrer deste estudo, especialmente a partir da observação dos agentes no campo pesquisado, na escuta dos depoimentos coletados nas entrevistas e na pesquisa bibliográfica relacionada. Na sua origem, este trabalho tinha como tema “A mística no processo de formação dos militantes do MST”. O “elemento político-social” refere-se a um conceito que os militantes do assentamento Eli Vive evidenciaram em sua fala, representação e especialmente na prática do movimento que ali pode ser constatada.

#### 3.1 FUNDAMENTOS DA MÍSTICA

Na pesquisa bibliográfica e documental com fontes do campo teológico, percebeu-se que é atribuída à mística uma diversidade de conceitos e formas de identificá-la, mas, em síntese, pode-se afirmar que, em todos eles, está contido o sentido de mistério. A palavra mistério vem do grego *mysterion*, que vem de *múen*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou intenção (BOFF; BETTO, 1993), que, necessariamente, não se define teoricamente, mas está ligado a uma experiência de religiosidade, de contemplação ou de espiritualidade.

A palavra "mística" teve sua primeira aparição no escrito de Dionísio Areopagita<sup>34</sup>, datado entre o final do século V e início do século VI da era cristã. Aparece como algo que sempre esteve presente na história do Cristianismo, passando posteriormente a ser usada também como substantivo, por volta do século XVII, na França, conforme a teóloga Maria Clara Bingemer (2018). Na dimensão espiritual da mística, é possível identificá-la nas diversas religiões ocidentais e orientais: hinduísmo<sup>35</sup>, budismo<sup>36</sup>, judaísmo<sup>37</sup>, islamismo<sup>38</sup>,

<sup>34</sup> AREOPAGITA, PSEUDO-DIONÍSIO (SÉC. IV-V) Os livros do Pseudo-Dionísio inspiram-se na direção da filosofia neoplatônica, adaptando-a, da melhor forma possível, às exigências cristãs. Servem-se da terminologia dos mistérios, onde o neoplatonismo se comprazia (AREOPAGITA, 2019).

<sup>35</sup> Hinduísmo: surgiu na Índia em 1500 a.C e seu livro sagrado é o Vedas. É uma religião que apresenta vários deuses, mas os principais deles, que formam a sagrada trindade, são: Brahma – deus da criação, Vishnu – deus da preservação e Shiva – deus da destruição e da recriação (CURIOSIDADES..., 2016).

<sup>36</sup> Budismo: também da Índia, surgiu em 600 a.C, a doutrina é fundamentada nos preceitos do príncipe Sidarta Gautama, o Buda. (CURIOSIDADES..., 2016).

<sup>37</sup> Judaísmo: advindo da Palestina (Israel), em meados do século XVII a.C. o livro sagrado é a Tanach, que contém os mandamentos do judaísmo, onde creem ser descendentes de Abraão. (CURIOSIDADES..., 2016).

<sup>38</sup> O Islamismo, da Arábia Saudita, tem como livro sagrado o Corão, baseado na doutrina de Maomé, enviado de Allah para ditar os mandamentos. Para os muçulmanos, “Abraão, Moisés e Jesus foram profetas e receberam

cristianismo<sup>39</sup>, entre outras. Na experiência de fé das religiões africanas e indígenas, por exemplo, a mística revela uma inter-relação com a sua ancestralidade através de rituais, canto, dança, comida. As experiências de mística na Igreja Católica<sup>40</sup> podem ser identificadas nas suas formas de espiritualidade e numa práxis que relaciona a fé com a vida das pessoas, uma mística que as move para lutar pela transformação do seu próprio ser e de seu ambiente coletivo.

A pesquisa bibliográfica sobre a mística possibilitou compreendê-la de diversas formas: campo teológico, antropológico e da sociologia, área de interesse deste estudo.

A mística, portanto, possui um potencial crítico, capaz de nos fazer enxergar com novos olhos o debate em torno da questão da racionalidade que, como sabemos, é um dos pontos centrais da discussão filosófica e da teoria social contemporâneas. É a partir deste ângulo que vamos abordar discurso sociológico sobre a mística (SELL, 1994, p. 7).

Nota-se que o pesquisador utiliza esse conceito de mística ao estudar os rumos da TDL (Teologia da Libertação)<sup>41</sup>. Para ele, a mística se configura como a principal categoria teórica que orienta os trabalhos de espiritualidade da teologia progressista latino-americana (SELL, 1994, p. 4).

Durante a pesquisa, dialogou-se com outros pensadores como forma de aprofundar o conceito dessa espiritualidade que move os militantes que se põem em fileiras frente aos desafios e conflitos que uma ocupação de terras enfrenta cotidianamente, uma vez que fere os interesses do grande capital, do latifúndio, das forças políticas contrárias à reforma agrária. O filósofo e teólogo, Faustino Teixeira (2011) de forma objetiva, distingue espiritualidade de religião.

mensagens divinas” e não haverá outros profetas. (CURIOSIDADES..., 2016).

<sup>39</sup> O Cristianismo se originou na região do atual Israel, antiga Palestina, no século I. Seu livro sagrado é a bíblia, dividida em velho e novo testamento, que apresenta a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo (CURIOSIDADES..., 2016).

<sup>40</sup> O *Catolicismo* é o maior ramo do cristianismo e o mais antigo como igreja organizada. A sede da Igreja e a residência oficial do Papa estão localizadas no Vaticano, país encravado na capital italiana, Roma. O livro sagrado dos católicos também é a bíblia, tendo como crença a Santíssima Trindade, através da relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A crença também é atribuída à santidade de Maria, mãe de Jesus e a todos os santos (CURIOSIDADES..., 2016).

<sup>41</sup> A Teologia da Libertação é a teologia de uma igreja de libertação, de uma igreja que opta preferencial e solidariamente pelos pobres. Efetivamente, no curso dos anos 60, desenvolveu-se em toda a América Latina uma corrente solidária aos pobres, com uma prática conscientizadora e emancipadora que participa de movimentos de cultura popular, de alfabetização, de organização de bairro, de sindicalização rural, e mesmo, em alguns países de movimentos políticos de inspiração marxista. A ideia fundamental que começa a germinar no bojo desta práxis, fruto da experiência junto aos pobres, aos camponeses sem terra, aos favelados, aos trabalhadores, as mulheres, aos negros e índios, é a de que só a mudança radical das estruturas sociais protagonizada pelos próprios pobres pode acabar com a pobreza (LÖWY, 1989. p. 15).

A espiritualidade, entendida como caminho para a experiência do real, distingue-se da religião [...] A espiritualidade envolve qualidades humanas fundamentais que acionadas provocam profundas mudanças no mundo interior e se irradiam para a história. Entendida em seu sentido profundo, a espiritualidade não se reduz ao âmbito da intimidade, mas suscita a abertura ao mundo, aos outros, ao real. É uma convocação à experiência da imanência do envolvimento no todo que traduz o “habitar o universo” (TEIXEIRA, 2011, p.2).

A pesquisa mostrou uma relação muito estreita da mística do Eli Vive com alguns setores da Igreja Católica, especialmente com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), duas organizações que têm na sua vertente a espiritualidade fundamentada na Teologia da Libertação, uma prática teológica que visa à opção preferencial pelos pobres e sua libertação, que passa pela vida preservada na sua dignidade de direitos e igualdade.

No nosso continente sempre houve espíritos que se deixaram inspirar pela utopia originária do cristianismo de uma sociedade fraternal e sororal, justa e participativa, carregada de ternura pelos pobres e marginalizados, consciente das consequências sociais do fato da filiação divina de cada pessoa humana. Em nome disso defenderam desde o início da colonização, índios e escravos negros, operários explorados e grupos excluídos (BOFF; BETTO, 1993, p. 6).

Nessa linha, Michael Löwy (2005) reconhece a espiritualidade popular do MST e, assim como os militantes do Eli Vive, percebe um forte componente místico capaz de mobilizar as pessoas para o movimento social.

Quanto ao MST, que tem suas raízes socioculturais na Pastoral da Terra da Igreja Católica, nas comunidades de base e na Teologia da Libertação, ele também se caracteriza por um misto espantoso de religiosidade popular, revolta camponesa "arcaica" e organização moderna, na luta radical pela reforma agrária e, a longo prazo, por uma "sociedade sem classes". Esse movimento, de forte componente emocional, "místico" -é o termo que utilizam os próprios militantes para designar o estado de espírito dos participantes- ou "milénarista" (no sentido mais amplo do termo), reúne centenas de milhares de camponeses, meeiros e trabalhadores agrícolas e tornou-se hoje o mais importante movimento social do Brasil, a principal força de contestação da política de modernização neoliberal empreendida por sucessivos governos brasileiros (LÖWY, 2005, p. 5).

Há ainda os conceitos atribuídos à mística que vê no “misticismo” a negação da participação do homem como mediador nas transformações práticas da sociedade, cabendo ao

Ser Divino essa função. O próprio Marx utilizou um conceito de mística em 1873, quando, no posfácio da 2ª. Edição de “O Capital”, qualifica o autor daquela obra como místico (MARX, 1994, p. 17).

Critiquei a dialética hegeliana, no que ela tem de mistificação, há quase 30 anos, quando estava em plena moda [...]. A mistificação por que passa a dialética nas mãos de Hegel não o impediu de ser o primeiro a apresentar suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico. A dialética mistificada tornou-se moda na Alemanha, porque parecia sublimar a situação existente (MARX, 1994, p. 17).

O estudo realizado pelo pesquisador Carlos Eduardo Sell (2003) mostra como o tema da mística se inseriu nas principais tradições da sociologia clássica (marxismo, sociologia francesa e sociologia alemã) e afirma:

No marxismo, não existe propriamente uma teoria sociológica da mística. O conceito, embora apareça esparsamente nos textos deste paradigma teórico, aparece sempre cunhando de forma negativa, como ocultação dos reais fundamentos da sociedade. No marxismo, portanto, a mística reduz-se à mistificação. Apesar disto, também pudemos constatar que ideias místicas estão presentes, de forma sub-reptícia nas ideias de pensadores como Horkheimer, Bloch, Lukács, Benjamim e até no próprio Marx. Mas, embora isto nos ajude a demonstrar a importância das questões levantadas pela experiência e pelo discurso místico, a teoria marxista não nos oferece nenhuma contribuição relevante para pensar – de forma sociológica – a realidade do misticismo (SELL, 2003, p. 27).

A complexidade em torno das experiências de mística pode justificar a quantidade expressiva de pesquisas realizadas pelas diversas ciências, o que, na prática, acena para um paradoxo, uma vez que, diante do conhecimento em torno da mística adquiridos através dessas pesquisas, ela continua sempre como um mistério, haja vista o caráter de experiência pessoal de homens e mulheres, atitudes vividas em profundidade de sentir o outro e despertar para uma ação efetiva. Entende-se, portanto, que a mística não é propriedade de determinado grupo ou de uma forma de viver ou de se organizar, mas diz respeito a uma dimensão do homem e da mulher a qual todos podem acessar, colocando-se em conexão com a experiência pessoal de um mistério que se apresenta em harmonia com a natureza, com o divino e com a sensibilidade de sentir a outra pessoa.

**Figura 13** - Mística durante encerramento da 10ª jornada agroecológica – Londrina jul.2011.



Fonte: TERMINA... (2011)

Nos momentos de mística do MST, é possível identificar determinados elementos, como a contemplação, os sons e a devoção. Para Bogo (2002), tendo raízes nesses três itens, a mística do MST estaria ligada diretamente à existência humana, no sentido de que ela sempre existiu entre os seres humanos, em forma de mistério. Logo, a mística existiria “pela teimosia e vontade do ser humano existir” (BOGO, 2002, p. 41).

Outros elementos observados na mística é o que diz respeito à vida concreta das pessoas, tornando-se, assim, um complexo entre o místico e o político-social celebrado em forma de arte, devoção e compromisso com as causas por que lutam e que defendem.

### 3.2 MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL DO ASSENTAMENTO ELI VIVE

Para aprofundar a problemática deste estudo, que consiste em perceber as motivações que levam os membros do movimento social do MST a viverem e a morrerem em nome da luta, tendo como hipótese que a mística político-social é um elemento essencial para a resistência dos agentes, buscou-se, nas fontes orais, uma concepção mais apurada dessa possibilidade.

No assentamento Eli Vive, o estudo buscou elementos para descrever o sentido da mística daqueles militantes, tão presente na vida dos assentados e que, de forma subjetiva, fortalece suas lutas, conforme relatos registrados ao longo desta pesquisa, especialmente a fala dos/as entrevistados/as com o consentimento de cada um. A partir desses dados, foi possível descrever e compreender a mística do assentamento Eli Vive como um conceito definidor de mística político-social.

*Mística prá mim é um símbolo do MST. Desde quando entrei já existia. É um modo e uma forma de mostrar a realidade hoje, por exemplo, questão de acontecimentos que marcam a caminhada, faz entender o que está se passando, sem ser falado, mas em forma de mística. A mística é um marco grande. Nós utilizamos a mística mais em momentos de encontros nacionais, encontro das mulheres no 8 de março, encontros de coordenação, agroecologia que fazemos todo ano. As místicas são o cartão postal na hora de começar uma atividade (ENTREVISTADO 3, 2019).*

Observa-se que o Entrevistado 3 encontra, nos momentos de mística, uma forma de conscientização em seus momentos de formação. Outro assentado, já com mais idade, lembra-se dos amigos que morreram lutando:

*Já vimos muitos companheiros e companheiras tombarem nessa luta. Mas a luta não é para nós apenas, é para nossos filhos e toda sociedade. Os Sem Terra morrem para ter uma nação livre. Esse é o sentido de permanecer até com as crianças nesse lugar, longe dos parentes (LINO, 2018).<sup>42</sup>*

Em uma das visitas ao assentamento durante a pesquisa, em agosto de 2018, com estudantes do 1º. ano matutino de Ciências Sociais da UEL<sup>43</sup>, um dos dirigentes do Eli Vive falou, com muita propriedade, como é hoje o assentamento.

*Graças a Deus devido à luta, nessa fazenda onde tinha 17 camaradas trabalhando nela, agora tem 3000 pessoas trabalhando. Sete mil hectares eram só de um dono e agora está nas mãos de 501 famílias. Fizemos valer justiça social. Aqui tem transformação social dentro do assentamento (SANTOS, 2018).<sup>44</sup>*

Ele falou com orgulho dos resultados da produção do Eli Vive após nove anos.

*Eu não sei precisar quantos milhões de toneladas de alimentos saem daqui de dentro, entre feijão, milho, arroz, batata doce, ovo, galinha caipira, porco. “Tudo o que você pensar que vai pra mesa da população aqui é produzido”. Muita coisa está acontecendo aqui... muito...muito (SANTOS, 2018).*

Ao falar com os estudantes, o dirigente do MST analisou o cenário da política nacional caracterizando o *impeachment* da presidente Dilma do PT em 2016 como um golpe cujos efeitos sobre a classe trabalhadora foram nocivos às suas vidas.

<sup>42</sup> Nome fictício para preservação da identidade

<sup>43</sup> Atividade extracurricular da disciplina sociologia I, prof. Fabio Lanza

<sup>44</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

*Nós que vamos para o debate temos que tomar cuidado. Faço um alerta. Nos dois anos pra cá está se tornando um grande retrocesso e que se a eleição não definir algumas coisas, a “borrachada” vai ser maior ainda. Mais perda de direito vamos ter, inclusive com uma nova ditadura, onde reuniões como essas não poderão acontecer. Somos um movimento rural, mas estamos estudando muita política e estamos acompanhando nos últimos anos como a coisa está feia e inclusive pra nós trabalhadores está piorando ainda mais. (SANTOS, 2018).*

Outro dirigente, membro da cooperativa instalada no assentamento, relatou o cotidiano dos assentados e dos riscos sofridos com a política nacional atual e reafirmou o significado de uma luta com essa.

*Se você for ao assentamento você vai ver fartura na mesa desses camaradas. Talvez ainda não tenha a casa ideal, tão sonhada. Têm anos que estamos em cima do lote e, com essa conjuntura de golpe, os recursos não vieram para o assentamento e assentados, foi tudo cortado. É uma tarefa dos órgãos públicos: recurso, casa, investimento, coisa que ainda não tivemos. Se você perguntar para eles se está contente, eles vão dizer que estão felizes, contentes e pelo menos tem o que comer. Todos os dias ele consegue tomar café, almoçar e jantar. Coisa que antes disso não tinha. As 501 famílias que estão aqui já passaram muita fome já. Só quem passou fome é que pode falar o que é passar fome. O Brasil está voltando a ter muita gente passando fome de novo. Temos que ficar alerta, pois só quem passou fome sabe o que é isso. (RIBEIRO, 2018).<sup>45</sup>*

A confiança e a certeza no projeto em andamento fazem Ribeiro provocar seus ouvintes para a qualidade dos alimentos produzidos e a superação quando comparados à agroecologia, contrapondo-se aos do agronegócio.

*Tenho certeza que aqui vai ter abundância. Sempre que a sociedade londrinense, os amigos do MST virem pra dentro do assentamento cai comer comida saudável e aquela comida que vai para os paranaenses pode ter certeza, de que vai ter qualidade na mesa deles. Talvez não seja aquele produto bonito cheio de veneno, mas é aquele produto saudável que não vai fazer mal nem na hora, nem 10 anos depois. Chamo atenção para ver o conteúdo da alimentação e o conteúdo político que vai junto com a alimentação. (RIBEIRO, 2018).*

Dona Jacira<sup>46</sup>, colaboradora da escola do assentamento, emocionou-se ao lembrar-se do início dos trabalhos de alfabetização das crianças: “Minha vida é essa escola, que começou aqui dentro de um barracão de confinamento de gado, onde as carteiras que as crianças utilizavam eram os cochos dos animais, mas tudo era com muito amor” (JACIRA, 2018).

<sup>45</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

<sup>46</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

Ao falar da história do assentamento Eli Vive e de seu trabalho na escola, onde a relação se deu enquanto educadores e educandos, Jacira definiu o sentido de educar.

*Aqui a gente tem liberdade de entrar na sala de aula, liberdade de debater com os professores. Isso é muito rico o modo de ensinar – nós e os educandos temos liberdade de falar o que eles querem aprender. É muito rico o processo de educar em sala de aula (JACIRA, 2018).*

A representação falada e vivida desses assentados revela muito mais que a alegria do sonho realizado. Quando se manifestam, falam do sentimento do outro, da coletividade, da importância da resistência, da certeza de que fizeram o que precisavam para que todos ali tivessem acesso à terra. Em todos os registros, vê-se um processo educacional político, pelo qual todos passam, inclusive as crianças, como educandas.

O educador no assentamento, Pedro Silva<sup>47</sup>, falou como o processo educativo das crianças envolve o cumprimento da grade curricular estabelecida, somando a realidade vivida pelas crianças no assentamento e a formação política através das simbologias por elas criadas e experimentadas.

*Aqui as notas dos educandos são atribuídas em forma de pareceres, onde é analisado sob diversas perspectivas de aprendizado. Todos os dias, cantam-se os hinos aqui na escola, sendo um dia o hino nacional brasileiro, um dia, o hino do MST e durante três dias por semana, o hino da internacional (SILVA, 2018).*

Nos momentos da pesquisa, quando se teve a oportunidade de observar de forma intencional os momentos em que realizavam a mística ou mesmo na falas dos militantes do assentamento como em mesas de debate, eventos do MST, reuniões, houve registro de diversas falas, que, conforme os pensadores utilizados neste estudo, remetem à hipótese desta pesquisa de que a mística no assentamento Eli Vive não está apenas nos momentos celebrativos, há uma mística em cada militante, o que se pode atribuir ao processo formativo pelo qual passam.

O problema levantado na pesquisa, durante o estudo, foi: o que leva as pessoas a viverem e a morrerem em nome da luta? Questão que ajuda a aprofundar a hipótese de que a mística político-social está presente na base formativa dos agentes, tornando-se elemento essencial no qual a resistência se ancora.

As narrativas das atividades de mística são elaboradas a partir de enredos temáticos sobre problemas, necessidades e desafios que levantam

---

<sup>47</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

determinados aspectos da realidade considerados relevantes para a luta e realização do projeto popular do MST. É na dinâmica de apresentação de uma situação de características “inédito viável”, marcada pela força do enredo que impele a um “ser-mais”, que irrompe a experiência mística que configura a passagem à nova realidade almejada no presente. Na militância do MST esta experiência encontrou significado vivencial na força de sentido transcendente das palavras: “força”, “utopia”, “energia”, “mistério”, “crença”, “combustível” etc. (BEDOYA, 2012, p. 100).

Nota-se que Bedoya (2012) fala de utopia, uma palavra que carrega uma narrativa muito presente na militância no MST e em outros movimentos, especialmente os de cunho religioso. O pesquisador e sociólogo, Fabio Lanza (2006), ao estudar os jornais periódicos da Arquidiocese de São Paulo, fala da utopia que fez parte da vida das pessoas, no período estudado, durante a ditadura militar, “período em que o Brasil foi silenciado” (LANZA, 2006, p. 182),

Quando se discute o conceito de utopias, é necessário entender que não há estudos precisos sobre a contribuição delas no pensamento social da humanidade e, ademais, não há nenhuma utopia que seja plena e que dê conta de todas as demandas e anseios humanos, tendo em vista que cada uma está vinculada ao seu contexto histórico e cultural (LANZA, 2006, p. 187).

Ademar Bogo (2010, p. 8), poeta do MST, trata a mística como parte da luta e da vida.

Há exemplos diversos na história de lutadores que, motivados pela fé, transformaram a justiça em causa política e entregaram a vida para alcançar este fim. Nas lutas de milhares de camponeses, percebe-se que, junto com a rebeldia, estão as crenças religiosas. São valores culturais que ajudam a fortalecer a luta de classes.

O poeta sintetiza os relatos dos entrevistados. A mística se configura com uma ação que, mesmo subjetiva, fortalece a luta em que eles estão envolvidos, a luta de classes, que está na essência da formação dos militantes. A socióloga Maria da Glória Ghon (2009) ressalta o papel dos movimentos sociais como elemento formativo.

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais (GHON, 2009, p. 31).

Em pesquisa documental junto aos materiais de capacitação do MST, encontraram-se cadernos de formação datados de 1993, com conteúdos trabalhados nas escolas próprias do

acampamento/assentamento, como metodologia para as crianças. Chamou a atenção o destaque dado à mística do MST ao tratar com os educandos Sem Terra.

Mística é o que anima a ação; animar significa dar vida, pôr alma e energia naquilo que se faz; A mística nasce do coração. É a dimensão do sentir, do querer, do amor e do ódio, do sonho e da rebeldia, da alegria e da esperança. A mística é também uma crença num projeto de sociedade, e num ideal de vida (MST, 1993, p. 1).

Percebe-se que o processo de organização, bem como o de manutenção do MST, pode se mostrar peculiar por sua sustentação na chamada mística que é apresentada nos documentos orientadores do movimento como um dos elementos de sua solidificação e integração.

A mística é a motivação para seguir em frente. Nasce no coração e nem sempre atravessa o cérebro, mas sempre traduz em ações ou expressões concretas. Os conteúdos de mística são os valores da justiça, igualdade, da liberdade; é o companheirismo, a solidariedade, a resistência. O sonho de uma vida digna. O sonho de uma nova sociedade, de uma nova educação, de um novo homem e de uma nova mulher. É a paixão que vai sendo construída pela causa do povo (MST, 1992, p. 15).

Foram trabalhados, também, os documentos como representativos dos requerimentos práticos para os quais foram construídos. Nesse enfoque, examinou-se o que Cicourel (1969) chamou “estruturas de significado não-declaradas” dos documentos. O documento em si é tomado como representativo de algum padrão social ou valor de uso subjacente (MAY, 2004, p. 212). Os documentos em estudo reafirmam os mais essenciais princípios da socialização dos meios de produção com um importante nexos aos elementos da materialidade marxista.

Longe de estabelecer uma separação artificial entre luta econômica e luta política, Marx propõe uma interação entre ambas as dimensões, pois, se a luta dos trabalhadores pode se limitar a questões imediatas, objetivando melhorar suas condições de vida sob o capitalismo, numa perspectiva de integração à ordem, ela também pode, dependendo da orientação político-ideológica de suas organizações, atingir interesses de classe da burguesia, articulando-se a luta pelo socialismo (GALVÃO, 2011, p.115).

Muitos são os que têm se dedicado a estudar a mística dentro dos movimentos sociais, especialmente o MST, como descreve Coelho (2010, p. 119):

O Movimento há anos tem investido na prática da mística, bem como buscado teorizá-la. Para compreender a mística no MST não se pode ficar preso aos sentidos clássicos que envolvem esse conceito, pois no movimento ele ganha outros sentidos. Mística no MST deixa de ser algo apenas abstrato para se transformar em prática que, por sua vez, carrega muitas intencionalidades. A partir de alguns materiais publicados em seu interior, é possível fazer reflexões de como o movimento concebe a mística ou a sua mística. Não obstante, é preciso analisar as ideias e concepções sobre a mística em sua temporalidade, também como essa prática foi se consolidando e se desenvolvendo com o tempo. “À medida que a mística ganhou destaque entre as práticas do movimento, houve a necessidade de refletir mais profundamente sobre ela, fato que fica evidenciado na quantidade de materiais publicados”.

Os fundamentos teóricos permitem identificar o MST como um importante agente educacional, sendo a mística político-social um componente fundamental para a promoção de um conjunto de ações emancipatórias no processo de conquista da terra. Almiro Petry classifica o MST como um dos maiores, mais expressivos e influentes movimentos sociais da América Latina, daí afirmar:

Desempenhou no final do século XX e início do XXI um papel estratégico na luta e na resistência contra as políticas neoliberais dos governos latino-americanos [...]. Para Sader, foram os movimentos sociais - do EZLN ao MST, dos movimentos indígenas equatorianos aos bolivianos e aos ‘piqueteros’-, os maiores protagonistas das lutas populares durante mais de uma década. Foram os principais responsáveis pela perda de legitimidade e pela queda de tantos governos no continente - de Sánchez de Lozada a de La Rúa, de Lúcio Gutiérrez a Fujimori-, assim como pela derrota eleitoral de Menem, de FHC, entre outros (PETRY, 2008, p. 1).

Nesse sentido, registra-se o papel relevante dos movimentos sociais em toda a América Latina no sentido de preservar os direitos dos trabalhadores e lutas identitárias confrontando-se sempre com os interesses e a repressão do Estado.

A fala do Entrevistado 2 sintetiza uma resposta do porquê da mística político-social.

*A mística é importante, faz formar o militante com outra mentalidade, diferente. Ele tem outra visão porque na mística passa muita coisa boa...clareia... a pessoa através de uma mística abre a mente dela... hoje em dia já formou professor dentro do movimento, formou até médico. A mística abriu a cabeça de que tem que seguir um caminho. A mística ajuda bastante (ENTREVISTADO 2, 2019).*

Partindo da compreensão do que seria a mística para os assentados do Eli Vive, não restam dúvidas de que a mística político-social exerce um papel excepcional enquanto base formativa dos agentes, sendo expressa de diversas formas: na arte, nas celebrações religiosas,

nos embates políticos e ideológicos, na solidariedade, nas festas e na presentificação daqueles e daquelas que morreram nos processos vinculados ao movimento social vítimas do conflito agrário com os latifundiários e seus representantes (oficiais ou para-oficiais).

A esse conjunto de motivações, que incorpora a simbologia e a práxis no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, é que chamamos neste estudo *mística político-social*, uma *mística* que é também ação política, e é social porque se traduz em coletividade, extrapolando o limite territorial dos assentados. A luta, a mobilização, a produção de alimentos saudáveis, a educação emancipatória e libertadora, a descentralização da posse da terra, o não uso dos agrotóxicos, a agroecologia, a liberdade são elementos constitutivos que impulsionam a *mística*, que é política e social, porque é para toda a sociedade.

### 3.2.1. Eli Vive - Uma *Mística* no Nome do Assentamento

O nome do assentamento, *locus* desta pesquisa, poderia, aqui, cair na insignificância, caso o objeto não fosse o estudo da *mística*. Para os sujeitos daquela comunidade, Eli Vive, é sinônimo de “Eli Dallemole está presente”.

E por detrás dos mitos e ritos, cerimónias mágicas e benzeções, procissões e promessas, podemos perceber os contornos, ainda que ténues, do homem que espera uma nova terra, um novo corpo. E os seus sonhos religiosos se transformam em fragmentos utópicos de uma nova ordem a ser construída (ALVES, 1999, p. 97).

O texto de Rubem Alves (1999) situa a nova ordem a ser construída no plano da utopia. No cotidiano de quem assume a luta pela Reforma Agrária, percebe-se que essa utopia está intimamente relacionada com a *mística* que os move, podendo ser observada na forma como se faz presente a memória de assentados, militantes que já não mais vivem entre eles, mas que a todo instante são referenciados na luta dos assentados.

Ao longo deste estudo foram identificados alguns nomes de militantes do MST que morreram ou foram assassinados durante o processo de busca pela terra. Chamou a atenção como eles estão presentes no imaginário dos assentados, conhecem sua história e fazem referência a sua luta. Citaram-se alguns que deram nome a assentamentos no estado do Paraná: Iraci Salete Strozak, Maila Sabrina e o próprio Eli (Dallemole). O nome dado a esses espaços é uma forma de eternizar a luta desses militantes e de tornar a *mística* sempre presente, possibilitando identificá-la no próprio nome do assentamento.

*Uma das místicas que nos carrega muito é a mística da luta. Hoje esse nome Eli Vive que muitos não conhecem é a nossa própria mística. Eli Dallemole foi um homem dessa nossa região, muito pobre, muito humilde, muito sofrido, um camponês muito correto. Convivemos com o Eli, fizemos muita peleia juntos. É uma mística viva. Eli acreditava no MST e dava valor na organização. Por isso, para nós do assentamento Eli Vive, a organização, a luta é nossa mística. Essa é uma grande mística, valorizar o companheiro. Temos o compromisso de em todos os lugares, levar viva a mística do Eli Vive (ENTREVISTADO 8, 2019).*

Outros assentamentos no Paraná são associados a militantes de grandes causas, como Che Guevara<sup>48</sup>, Zumbi dos Palmares<sup>49</sup>, Dorcelina Folador<sup>50</sup>, Dom Tomas Balduino<sup>51</sup>, entre outros. Para eles, manter viva a memória desses mártires é ressignificar o sentido dessa história, e, ao serem lembradas pela grandeza que lhes é atribuída nesses ambientes, de certa forma, essas pessoas tornam-se místicas no imaginário popular,

Na perspectiva do imaginário popular, a pesquisa detectou que é muito comum os militantes do assentamento Eli Vive, em seus momentos celebrativos, fazerem memória de lutas de trabalhadores e trabalhadoras pela terra, tidas como revolucionárias. São exemplos dessas lutas a Revolta de Canudos e a Guerra do Contestado, dois marcos históricos centenários, de intenso conflito, marcados pela disputa pelo território, envolvendo posseiros, sem terra, pequenos proprietários em oposição aos interesses do empresariado madeireiro e do Estado, que usou da força armada para garantir a propriedade deixando à mercê os trabalhadores desempregados. Na Guerra do Contestado (1912-1916), essas pessoas lutavam para permanecer numa área entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Os dois conflitos possuíam um caráter messiânico e foram movimentos milenares que tinham em seu bojo o vínculo entre a luta dos trabalhadores da terra e lideranças místicas, como o monge José Maria<sup>52</sup>, líder do movimento do Contestado. Canudos (1896-1897) foi reconhecido como o

<sup>48</sup> Ernesto Che Guevara, médico argentino, jornalista, escritor, diplomata e líder revolucionário jovem, que lutava junto aos trabalhadores pobres da América Latina, brutalmente assassinado pelas forças militares bolivianas, a mando da Central Intelligence Agency (CIA). A mesma agência de inteligência civil do governo dos Estados Unidos (BONASSA; ENGELMANN, 2018).

<sup>49</sup> Zumbi dos Palmares nasceu em 1655, no estado de Alagoas. Ícone da resistência negra à escravidão, liderou o Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas no Brasil Colonial (ZUMBI..., 2019).

<sup>50</sup> Dorcelina Folador nasceu no dia 27 de julho de 1963, em Guaporema, no Paraná. Chegou a Mundo Novo em 1976, onde iniciou sua atuação na Pastoral da Juventude em 1980. Em 1987, ajudou a fundar o PT e candidatou-se a vereadora. Depois foi eleita prefeita de Mundo Novo pelo Partido dos Trabalhadores. Ela também ajudou a fundar a Associação Mundonovense dos Portadores de Deficiência Física (AMPDF). Em 30 de outubro de 1999, aos 36 anos, foi assassinada com seis tiros pelas costas na varanda de sua casa (ENGELMANN, 2018).

<sup>51</sup> Dom Tomás Balduino nasceu em 31 de dezembro de 1922. Teólogo católico, bispo emérito de Goiás e assessor da Comissão Pastoral da Terra. Pertence à Ordem Dominicana. Em vida, sempre atuou na defesa dos indígenas e camponeses. Faleceu em 02 maio, de 2014 (MORRE..., 2014).

<sup>52</sup> Monge José Maria foi líder do povo do sertão do Contestado. É atribuída a ele a influência política que levou a

maior massacre no Brasil, envolvendo disputa política, latifundiários e o Estado brasileiro, e teve como líder religioso, político e carismático Antonio Conselheiro<sup>53</sup>. Essas pessoas são lembradas com exaltação nos momentos celebrativos do MST como forma de acender o sentimento revolucionário do movimento.

O estudo no assentamento Eli Vive mostra que uma forma de manter vivos na memória das pessoas os “companheiros/as” que morreram em decorrência de sua prática cotidiana na defesa de lutas importantes para a comunidade, povos ou sociedade, é presentificá-los<sup>54</sup> nos momentos de espiritualidade e mística. Assim acontece em celebrações religiosas, nas CEBs, em romarias, caminhadas e outras manifestações da religiosidade popular. Na espiritualidade católica, especialmente a vinculada à Teologia da Libertação, esses mortos recebem o nome de mártires<sup>55</sup>. No assentamento Eli Vive, é comum o uso do termo “mártires da terra”, fazendo reverência aos que morreram nos conflitos no campo. Esse termo é muito utilizado nas manifestações das CPT, CEBs, Romarias e celebrações especiais dedicadas à memória dos lutadores e lutadoras do campo e da cidade,

[...] mártires da terra, mortos em nome da *Laudato si'*. São as vítimas de uma guerra silenciosa que está sendo travada nos diferentes cantos do mundo e, em 2017, fez 197 vítimas, de acordo com a Global Witness, a ONG que todo ano traça o trágico balanço. Uma guerra sangrenta, embora amplamente ignorada – os mortos são na maioria camponeses, ativistas, simples indígenas que se opõem à exploração indiscriminada do território –, mas que reafiora de tempos em tempos quando é atingido algum personagem mais conhecido (VALLINI, 2018).

Os momentos celebrativos são místicas preparadas em comum acordo com temas propostos pelo grupo designado para a preparação, sempre envoltos de muito símbolos, pessoas, elementos da natureza, como terra, água, alimentos e plantas. Materiais de formação, instrumento de trabalho, cartazes e canções também são muito utilizados. Durante a pesquisa

---

região à guerra. Benzia, curava, batizava e reunia gente ao seu redor lendo, regularmente, o livro do Rei Carlos Magno e seus Doze Pares de França - com seus ensinamentos de guerra. Atacava duramente as autoridades e a República. Ameaçado pelos coronéis da região do Contestado, o Monge e um grupo de sertanejos deslocaram-se para o Irani, em terras que o Paraná considerava suas, palco do primeiro combate da guerra. A 22 de outubro de 1912, na região denominada Banhado Grande, José Maria e seu grupo são atacados por soldados do Paraná comandados pelo coronel João Gualberto. Morrem o monge e o coronel (RUBIM, 2008).

<sup>53</sup> Antonio Conselheiro (1830-1897), líder do movimento religioso que reuniu milhares de seguidores no arraial de Canudos. Esteve à frente da resistência na “Guerra de Canudos”, que ocorreu na Bahia entre 1896 e 1897 (FRASÃO, 2018).

<sup>54</sup> Manter presente na memória das pessoas aqueles/as já tombadas na luta.

<sup>55</sup> A palavra mártir vem do grego *martyrs*, *martyros*, que significa testemunha. O mártir é uma testemunha qualificada que chega ao derramamento do próprio sangue. O Papa Bento XIV assim se exprime: “O martírio é a morte voluntariamente aceita por causa da fé cristã ou por causa do exercício de outra virtude relacionada com a fé” (AQUINO, 2015).

de campo, nas atividades coletivas, reuniões, celebrações religiosas, manifestações de rua, e mesmo em salas de aula, os assentados são estimulados a escreverem seus próprios poemas, bem como aprender a tocar violão e compor canções. No conteúdo dessas atividades, está presente a memória de tantos lutadores que morreram pelas causas pelas quais empreenderam a vida e que, através da arte, são mantidos vivos na forma de celebrar. O canto de Zé Vicente, poeta nordestino, muito cantado nos momentos de místicas do MST, nas Romarias da Terra promovidas pela CPT e nas Comunidades Eclesiais de Base, é um exemplo de como a arte em forma de poesia, som e canto traz sempre um conteúdo místico, utópico e revolucionário:

*Venham todos, cantemos um canto que nasce na terra/Canto novo de paz e esperança em tempo de guerra/Neste instante há inocentes tombando nas mãos de Tiranos/ tomar terra, ter lucros matando são esses seus planos. Eis o tempo de graça/ Eis o dia da libertação/ De cabeças erguidas, de braços reunidos, irmãos/Haveremos de ver qualquer dia chegando à vitória/ O povo nas ruas fazendo a história/ Crianças sorrindo em toda nação. Lavradores, Raimundo, José, margarida, Nativo.../Assumir sua luta e seu sonho por nós é preciso/ Haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando/ Contra os muros e cercas da morte/ jamais recuando. Companheiros, no chão dessa pátria é grande a peleja/ No altar da igreja, seu sangue bem vivo lateja/ Sobre as mesas de cada família, há frutos marcados/ E há flores vermelhas gritando por sobre os roçados. Oh Senhor Deus da vida, escute este nosso cantar/ Pois contigo o povo oprimido há de sempre contar/ Para além da injúria e da morte, conduz nossa gente/ Que seu reino triunfe na terra deste continente (Zé Vicente,1981).*

A poesia e o canto são muito utilizados como forma de mística. Para o Entrevistado 8, elas conduzem os participantes a uma tomada de consciência do tema proposto,

*A mítica fala mais do que mil palavras, vai além da palavra...uma mística bem-feita, bem executada te leva a pensar que você faz parte. A mística marca...a mística é uma das coisas mais importantes do MST. Tem muito a ver com a formação do militante. A mística forma mais talvez do que um conteúdo teórico. A mística é um video que te passa da realidade que aconteceu, não falado, mas que serve como tomada de consciência. A mística é formada conforme a conjuntura...tem mística muito marcante (ENTREVISTADO 8, 2019).*

O relatório da Unisinos<sup>56</sup> revela que, em 2016, 197 pessoas em todo o mundo foram assassinadas na defesa do meio ambiente, sendo “46 mortos no Brasil, 32 na Colômbia, 15 no México, além de outros países, como Guatemala, Nicarágua, Honduras e Peru, [que também] tiveram que contar suas vítimas. Outro exemplo que o mesmo relatório traz, é a Ásia e a

<sup>56</sup> Universidade Fundada em 4 de novembro de 1899, a ASAV é uma entidade sem fins lucrativos, vinculada à Companhia de Jesus, e atua como uma das faces civis da Província dos Jesuítas do Brasil

África que pagam um preço elevado. Nas Filipinas, 41 pessoas foram assassinadas. Na República Democrática do Congo, houve 13 assassinatos; neste caso, foi de guardas de áreas protegidas” (VALLINI, 2018, p.1).

A fonte documental Conflitos no Campo Brasil (2016) avalia que o número de assassinatos no campo aumentou significativamente naquele ano e tem a ver com os índices de conflito na disputa pela terra: “1295 conflitos, média de 3,8 por dia. Número mais elevado em todo o período em que a CPT registra e publica” (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2016, p. 111.).

A mesma fonte, no ano de 2017, registra 989 ocorrências de conflitos por terra no Brasil, um número ainda alto, segundo a avaliação dos pesquisadores.

[...] nos permite verificar o aumento significativo das ocorrências de conflitos por terra, em especial nos últimos dois anos, 2016 e 2017, que registram os maiores números de ocorrências desta categoria dos últimos 18 anos. Enfim, o período de ruptura política registra uma média anual de violência contra as ocupações e posse 32,3% maior que a média dos 18 anos, de 17,8% maior que o período do governo Dilma Rousseff e 36,1% maior que os 10 anos imediatamente anteriores (2005-2014). Esses registros reforçam os indícios acima anunciados que a violência política do período da ruptura política está ancorada numa violência que se agrava no campo contra os camponeses, indígenas, quilombolas (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2017, p. 34).

Os conflitos ocorridos na antiga Fazenda Guairacá, no ano de 1991, quando 300 famílias ocupavam a terra como forma de pressão para a desapropriação da área para Reforma Agrária, permanecem na memória dos assentados, da mesma forma que muitos trabalhadores e trabalhadoras que morreram nessa luta em todo o Brasil e na América Latina e que, por essa razão, recebem o nome de mártires.

**Figura 14 - Painel Mártires da Caminhada**



**Fonte:** Silva Junior e França ([2012]).

O nome “Assentamento Eli Dallemole”, como queriam os assentados de Ortigueira, deu lugar ao Eli Vive, tornando-se, dessa forma, um elemento importante para o estudo da mística, uma vez que o trabalhador Sem Terra, Eli Dallemole, é presentificado não apenas nos momentos celebrativos, mas no simbolismo do próprio nome, que aponta o lugar místico: Eli está presente!

Como fenômeno construído historicamente, o Movimento se preocupa em edificar sua memória, ou construir sua *memória histórica*. A mística, enquanto um momento sublime no MST acaba se tornando fundamental neste processo. É possível pensar que no Movimento também há uma disputa constante por memórias, principalmente em contraposição com as memórias oficiais, ou seja, do Estado nacional. Isso fica evidenciado quando o MST elege seus heróis, seus mártires e suas lutas históricas, que são em seu entender as *verdadeiras* lutas sociais, dignas de serem lembradas. Memória no Movimento é sinônimo de poder, e sendo poder, precisa ser construída e reconstruída a todo o momento. Sendo assim, a mística se torna um lugar privilegiado em que o Movimento processa a construção de suas memórias (COELHO, 2010, p. 187).

O assentado Sr. Antônio<sup>57</sup>, ao ser interrogado sobre o nome do assentamento, emocionado falou: *“Para nós é como se o Eli estivesse assentado aqui com a gente, o sonho dele era ter um pedaço de chão. Ele não conseguiu, mas deu a vida dele para que a terra fosse nossa, pois isso para nós é como se ele estivesse aqui”* (ANTÔNIO. 2008).

Falar do nome do assentamento, destacando-o como um elemento importante no estudo ora realizado, contribui para afirmar que a mística do MST, especificamente no assentamento Eli Vive, está presente para além da celebração, da espiritualidade e da religiosidade das pessoas, está na simbologia e no cotidiano da vida dos assentados.

### 3.2.2 Mística Político-Social nas Celebrações Festivas do Assentamento Eli Vive.

Um elemento importante observado no assentamento Eli Vive foi a organização de seus momentos de festa, que guarda uma singularidade no fato de celebrar as conquistas e reafirmar as pautas que unificam o movimento. Nesta pesquisa houve o recorte intencional de dois momentos transcritos a seguir: a festa da batata doce e a celebração dos 10 anos do assentamento.

---

<sup>57</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

### 3.2.2.1 Festa da batata doce

O estudo de campo possibilitou o contato com momentos considerados pelos assentados como “simbólicos” ou “significativos”, pelo fato de fazer parte da história do assentamento e ter um caráter de pertencimento àquele território. Por ocasião da pesquisa, houve a participação na tradicional Festa da Batata Doce, que acontece há 5 anos no assentamento Eli Vive II, na antiga fazenda Pininga. O evento ocorreu nos dias 01 e 02 de dezembro de 2018, tendo sido iniciado com um baile no barracão comunitário do assentamento. No segundo dia, a atividade foi contemplada com a celebração da missa (o que foi chamado também de mística), com um momento político (espaço para a fala de lideranças convidadas), almoço, sorteio de prêmios e apresentações artísticas dos próprios assentados.

A celebração eucarística (celebração católica) foi presidida pelo padre que atende o município de Lerroville e é, também, responsável pelo atendimento pastoral no assentamento Eli Vive II. Durante a celebração, foram explicitadas as motivações da Festa, a saber: Dia de ação de graças pela posse da terra; Dia de pedir a Deus justiça na terra; Dia de recordar a história do assentamento e da tradicional festa.

O ambiente estava todo ornamentado, caracterizando o contexto da festa: bandeiras do MST, flores, frutos, terra, água e um cesto com batatas doces.

**Figura 15** - Ornamentação do espaço de mística na festa da batata doce (Assentamento Eli Vive II, 3dez/2018).



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2018).

No assentamento Eli Vive, a festa da batata doce, adquiriu com o tempo, uma representação simbólica da fartura, do alimento presente em todas as mesas, uma espécie de planta medicinal, que combate doenças e gera renda para os trabalhadores do campo. Durante

a celebração, observou-se que, embora se tratasse de um ritual católico romano, as características de uma mística político-social estavam presentes através dos símbolos, das falas, dos gestos e do próprio sentido que torna a festa uma mística também.

Na contextualização do sentido da festa, a coordenadora do assentamento, Sandra Ferrer, recordou que, ao acamparem nas Fazendas Guairacá e Pininga, poucas pessoas tinham acesso a alimento, saúde e água. As condições de plantio ainda eram precárias e a plantação de batata doce foi a forma encontrada para garantir alimento saudável, em pouco tempo e durante todo o ano. Dessa forma, grande parte dos acampados se organizou e plantou a batata, que, em 100 dias, tornou-se uma refeição garantida. Ao falar das propriedades da batata doce (ômega 3, magnésio, fósforo, potássio, sódio, zinco e vitaminas A, B, C, K), enfatizou também o fato de ser um alimento utilizado pelos povos indígenas há mais de 10.000 anos e, hoje, em todos os continentes (LEITE, 2019).

Ao observar a forma, o conteúdo, os símbolos, os cantos, a narrativa, identificou-se naquele ritual uma mística político-social. O padre que dirigia a celebração procedeu às leituras bíblicas de Jeremias 33, 15<sup>58</sup> e São Lucas 21, 25-28<sup>59</sup>, comparando os desafios, os conflitos, a injustiça, a fome, a concentração da terra, o medo dos trabalhadores e trabalhadoras sem terra com os do povo que vivia na escravidão, conforme as leituras proclamadas, ressaltando a importância da fé, da esperança da vitória, da perseverança, sinais de libertação. Ao falar da libertação, remeteu ao libertar-se hoje da fome, da falta de casa, da falta do alimento e do remédio, da falta da terra e da alegria. Concluiu dizendo que a coragem dos trabalhadores rurais sem terra em permanecer naquela área, plantar e produzir é um sinal de libertação. A festa da batata doce simboliza para ele a festa da “partilha do pão” (Jo 6,11) para que não haja ninguém com fome na sociedade brasileira.

---

<sup>58</sup> Conferir Jr. 33,15 “Naqueles dias, naquele tempo, farei brotar de Davi a semente da justiça, que fará valer a lei e a justiça na terra”.

<sup>59</sup> Conferir em Lc. 21, 25-28: “Aquele tempo disse Jesus a seus discípulos: Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra, as nações ficarão angustiadas, com pavor do barulho do mar e das ondas. Os homens vão desmaiar de medo só em pensar no que vai acontecer ao mundo, porque as forças do céu serão abaladas. Então eles verão o Filho do Homem, vindo numa nuvem com grande poder e glória. Quando estas coisas começarem a acontecer, levantai-vos e erguei a cabeça, porque a vossa libertação está próxima”.

**Figura 16** - Momento de espiritualidade durante a celebração da Festa da Batata Doce (Assentamento Eli Vive II, dez/2018)



Fonte: Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2018).

*Quando chegamos aqui, não tinha nada para comer, era tudo pasto. O que trouxemos acabaria em pouco tempo. Ficamos sabendo que o produto que produziria mais rápido e com custo mais baixo, era a batata doce, então plantamos, e de lá para cá nunca mais faltou alimento para ninguém (LUCIA, 2018)<sup>60</sup>.*

Durante a festa, houve o pronunciamento da coordenação local e regional do MST e de lideranças políticas, que deram destaque ao potencial e à visibilidade que têm na atualidade aquela área assentada e o seu modelo de produção. O coordenador regional, Jose Damasceno, falou dos desafios a serem enfrentados no governo eleito em 2018, mas ressalta a grandeza e os bons projetos que o MST tem nos 330 assentamentos e 106 acampamentos em todo o Brasil, cuja missão é “produzir vida e vida em abundância”. O deputado estadual, Professor Lemos (PT), anunciou que apresentará um Projeto de Lei na assembleia legislativa do Paraná incluindo a festa da batata doce no calendário oficial do Estado, como forma de fortalecê-la e torná-la mais um mecanismo de luta pelo acesso a outras políticas públicas no campo.

A batata doce tornou-se a principal produção do assentamento Eli Vive, que tem capacidade para abastecer o consumo próprio das famílias, fornecer para o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e gerar renda para toda a comunidade.

<sup>60</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

### 3.2.2.2 Festa dos 10 anos do Assentamento Eli Vive

Em 14 de abril de 2019, o assentamento Eli Vive celebrou seus 10 anos de existência com ato político, almoço festivo, cavalgada e celebração religiosa que fez memória da trajetória dos trabalhadores e trabalhadoras que ali acamparam desde 2009. A mística de abertura das festividades foi conduzida por uma agente da CPT e por um líder da comunidade, que enfatizaram a resistência dos trabalhadores e trabalhadoras, hoje assentados, na luta contra a lógica do lucro imposta pelo capitalismo, a exclusão social e a destruição da natureza enquanto projetos de morte.

Na festa, ganham destaque os aspectos conjunturais político e econômico que tiram direitos dos trabalhadores, ameaçam suas conquistas e colocam as pessoas numa situação de incertezas e preocupações. Percebeu-se que, nesse caso, a mística teve o efeito de motivar e juntar a esperança de um e de outros como forma de fazer suscitar alternativas que permitam que continuem no projeto coletivo que construíram.

**Figura 17** - Ornamentação do espaço preparado para a celebração dos 10 anos do assentamento Eli Vive (abril, 2019).



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019)

A festa começou logo pela manhã, com a expectativa da chegada da cavalgada, pois dezenas de cavaleiros eram esperados para o momento de espiritualidade e mística, que aconteceu, e no qual foram abençoados, juntamente com os animais. Foi possível identificar

que a motivação da cavalgada era um misto de tradição, esporte, cultura e religião, uma vez que alguns jovens traziam consigo um “terço” entrelaçado nas mãos. No momento da bênção, todos os cavaleiros retiraram seus chapéus como forma de respeito e acolhimento da proteção divina simbolizada na água benta aspergida pela agente da CPT, que pediu proteção para os trabalhadores do campo e a cultura camponesa. Ao som de um berrante tocado por um dos participantes da cavalgada, todos acompanharam aquele momento de devoção popular.

Durante a observação participativa e outros momentos que a pesquisa proporcionou, buscou-se um caminho que explicitasse essa relação com o transcendente, capaz de unificar para a luta em torno de objetivos comuns. Na pesquisa documental, identificamos a contribuição do teólogo Leonardo Boff (2011), que fala de uma transcendência como forma de o ser humano romper todos os limites, superar e violar os interditos,

Espiritualidade não é apenas a lembrança de antigos caminhos e métodos religiosos. É aquilo que produz dentro de nós uma mudança, uma transformação capaz de dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência. Espiritualidade tem a ver com experiência, não com doutrina, não com dogmas, não com ritos, não com celebrações, que são caminhos institucionais capazes de nos ajudar na espiritualidade (BOFF, 2011).

Dialogando com as contribuições de Boff, destaca-se a leitura de Simmel (1997), que indicou a fé como um tipo de patrimônio.

A religiosidade é um ser particular, uma qualidade funcional da humanidade, por assim dizer, que determina inteiramente alguns indivíduos, mas existe apenas rudimentarmente em outros. Esse traço fundamental leva habitualmente ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendental. Uma pessoa religiosa é sempre religiosa, independentemente se acredita, ou não, em Deus (SIMMEL, 1997, p. 5).

Após o momento de mística e espiritualidade, teve início ao ato político que contou com a presença da coordenação regional, local, representantes da câmara de vereadores dos municípios de Londrina e Tamarana, secretários municipais e o prefeito de Londrina, que anunciou o início das obras nas estradas internas do assentamento, notícia aguardada pelos assentados desde o ano de 2014, quando os recursos foram liberados pelo governo federal para que a prefeitura local executasse o serviço. Representando a coordenação local, Jauri Dias ressaltou a importância das parcerias, da inteligência e do diálogo como forma de absorver os resultados para o assentamento:

Hoje é um dia importante para nós que estamos comemorando 10 anos do Eli Vive. A cada dia tivemos uma conquista. Mais de 500 famílias assentadas e 3000 pessoas morando, trabalhando e produzindo, isso já é uma conquista. Ter as nossas escolas construídas pelas mãos calejadas dos moradores, realizar o sonho de ter as nossas estradas melhoradas, que é um dos principais problemas no assentamento é uma coisa importante e é conquista chegando para o assentamento. A política e o diálogo foram construídos desde o primeiro dia que entramos na fazenda. Assim, tem prevalecido tudo no diálogo, na inteligência, na conversa e no respeito. Quando se tem compromisso com os trabalhadores, as coisas andam (JAURI, 2019).

Intercalando as falas das lideranças, Sandra Ferrer, membro da coordenação local, empunhava o slogan: "Lutar, resistir, construir Reforma Agrária Popular" e "*MST, essa luta é pra valer*".

Por ocasião da pesquisa, houve a oportunidade de acompanhar toda a programação, fazendo registros através de fotografias dos momentos significativos, além de anotações no caderno de campo das falas dos dirigentes, sempre emotivos e exaltados com os resultados obtidos nos 10 anos. Em diálogo com os assentados que ali festejavam, sobre o sentido do *slogan*: Lutar, resistir, construir Reforma Agrária Popular, quase que de uma forma ensaiada, eles afirmavam que resistir é enfrentar o patriarcado, disputar o conhecimento, manterem-se firmes na luta e na fé de que um dia seriam vitoriosos. Lembraram de que, já nos primeiros ensaios de acampamento, estava evidenciado que, para além da conquista da terra, teriam muitos inimigos a enfrentar, referindo-se ao latifúndio, à força do Estado e ao preconceito que pesaria sobre eles. Interrogados sobre o que os fizera resistir, frisavam que o conhecimento foi fundamental nessa batalha, além de viver conectados com a necessidade das pessoas que ali estavam e ter a compreensão de que lutavam contra a força do capital.

A luta contra o capital é uma forma de resistência. Está inserida numa perspectiva de transformação da sociedade. Para romper com essa perspectiva, o governo procura tratar a questão agrária exatamente no campo do inimigo: o território do capital. Essa é a falácia do paradigma da agricultura familiar. Tenta destruir, assim, as formas de luta dos sem-terra, exatamente na dimensão política da luta pela terra. Isso significa a exclusão política que pode resultar na intensificação da luta ou na subserviência dos movimentos sociais do campo, o que pode eliminar a organização dos trabalhadores. Esse momento coloca em questão, mais uma vez, a resistência dos movimentos camponeses. Em diversos momentos de nossa história foram criadas, pelo governo e pela elite, formas para destruir o movimento camponês. Assim como aconteceu com Canudos, com as Ligas Camponesas, hoje há uma nova forma política. Aceita-se o campesinato, desde que ele se aceite como outro, em seu "destino" de subordinação (FERNANDES, 2001, p. 46).

A contribuição do pesquisador Fernandes (2001) está em sintonia com o contexto em que foram celebrados os 10 anos do Assentamento Eli Vive, uma vez que a conjuntura sócio-política e econômica esteve presente na fala da celebrante, agente da CPT, nas manifestações dos fiéis participantes, nos discursos dos agentes políticos convidados e, especialmente, na mística preparada pelos assentados.

O almoço servido foi por adesão e no cardápio havia churrasco, saladas, arroz, feijão, mandioca e batata doce. Como sobremesa foi partilhado um bolo de aniversário pelos 10 anos do assentamento Eli Vive, com homenagens, músicas e poesias.

A data comemorada é sinônimo de luta, resistência e conquistas; uma batalha complexa, de longo prazo e sistêmica como afirmou um dos líderes em seu pronunciamento.

*Lutar não é crime. Lutar é verbo. Um verbo que leva ao deslocamento de posição. Faz sair da condição de inércia. A palavra de ordem do MST é a nossa síntese: Lutar, resistir, construir Reforma Agrária popular (MARTA, 2019).<sup>61</sup>*

Essa fala se conecta com a realidade vivida no País, em que o governo ora vigente criminaliza movimentos sociais, retira direitos dos trabalhadores, sucateia os serviços públicos, suspende investimentos na agricultura familiar e em outras políticas públicas, gera desemprego e traz de volta a fome e a insegurança. Os 10 anos de luta e ação do assentamento Eli Vive tornam-se um marco importante, porque legitimam sua força, pautada na organização, no conhecimento, na articulação política e na resistência diante desses e outros ataques e ofensivas. Em uma década de trabalho e organização, souberam compreender que a luta é, acima de tudo, de classes, pois souberam construir uma legitimidade que supera um tipo de legalidade hegemônica burguesa, razão pela qual resistiram e hoje têm motivos para comemorar.

### 3.3 A MÍSTICA E A FORMAÇÃO DOS MILITANTES: OS SÍMBOLOS COMO REPRESENTAÇÃO DA MÍSTICA POLÍTICO-SOCIAL NA BASE FORMATIVA DO MST

A pesquisa bibliográfica e os depoimentos coletados mostraram que, na origem do MST, os Sem Terra tinham como prioridade a conquista da terra, mas logo compreenderam que esse não poderia ser o único objetivo a ser alcançado com toda aquela organização. O acesso à terra traria a possibilidade do trabalho, da produção, da vida digna no campo, mas era

---

<sup>61</sup> Nome fictício para preservação da identidade.

preciso a busca do conhecimento, instrumento primordial para alcançar os resultados esperados. Resistir nos ambientes de conflitos exige teoria para lidar com a prática diária, mas especialmente para entender a dinâmica da contradição presente na conjuntura política econômica e social. A educação tornou-se uma prioridade do movimento aliada à conquista da terra.

Conforme o *site* do MST (MOREIRA, 2019), hoje são mais de 2 mil escolas públicas construídas em acampamentos e assentamentos no Brasil; 200 mil crianças, adolescentes, jovens e adultos com acesso garantido à educação; 50 mil adultos alfabetizados; 2 mil estudantes em cursos técnicos e superiores; mais de 100 cursos de graduação em parceria com universidades públicas por todo o País (SANTOS, 2014). A foto a seguir se refere à estrutura da escola no Eli Vive, construída pelos próprios assentados com madeira de aproveitamento das antigas edificações da Fazendas Guairacá e Pininga. O assentamento aguarda a construção de uma nova unidade escolar, agora de responsabilidade do Governo do Estado. Por ocasião de denúncias e investigação de desvios de recursos durante o governo Beto Richa (PSDB), gestão 2010-2018, esse processo está atrasado há anos, interferindo significativamente na qualidade do ensino dos jovens assentados (PEREIRA, 2018a). A proposta pedagógica para a escola do assentamento Eli Vive é construída coletivamente entre educadores e educandos, e todo o sistema de ensino e aprendizado se desenvolve considerando o contexto político e social em que os educandos estão inseridos.

**Figura 18** - Escola Maria Aparecida Rosignol Franciosi (Assentamento Eli Vive, Londrina-PR 2018)



**Fonte:** Arquivo pessoal (Lenir C. Assis, 2019).

As escolas do Eli Vive I e II são espaços públicos comunitários que não passam despercebidos naquele território. A própria arquitetura e a disposição das salas de aula revelam o processo educativo presente desde as primeiras instalações até as idas e vindas às estruturas do Estado pleiteando a nova edificação da unidade escolar. Contudo, a permanência nos ambientes do assentamento durante a pesquisa evidenciou outros caminhos pelos quais a

formação do militante percorre. Nas oitivas dos entrevistados, nas conversas informais e em todas as pautas de reuniões e planejamento, o elemento formação está presente. Ao aprofundar esse tema com os militantes, percebeu-se que há uma consonância no entendimento de que a formação dentro do MST, especialmente a construída dentro do Eli Vive, tem um caráter de formação de sujeitos críticos de sua realidade e de sua identidade enquanto pessoas sem terra. Isso atribui ao conhecimento um instrumento que os coloca numa posição capaz de lutar com credibilidade pelos direitos e dialogar com as comunidades e organizações.

Os dados coletados na pesquisa de campo indicam que o assentamento Eli Vive, hoje, conta com aproximadamente cinquenta jovens cursando ensino superior, conforme informação obtida pela coordenação, além da presença constante de lideranças do movimento em mesas de debates em universidades, sindicatos, associações, igrejas, fazendo análise da conjuntura e apontando saídas para o momento de crise e incertezas pelo qual passa o Brasil neste momento em que conquistas históricas estão sendo ameaçadas por propostas que alteram significativamente os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, com retrocessos institucionais.

Numa estratégia de formação política, essas lideranças apontam para uma perspectiva revolucionária que acontece pelo conhecimento e coloca em questão as contradições do capitalismo.

Intimamente conectada com a sede de livros de conteúdo crítico e desmercantilizados surge a luta do MST por uma educação para além do capital, que supere a miséria intelectual promovida pelas políticas educacionais de dominação brasileiras. As Escolas Itinerantes, os Centros de Agroecologia mais avançados, a Escola Josué de Castro e a Escola Nacional Florestan Fernandes retomam nossa história do ponto de vista crítico e procuram entender as particularidades do nosso capitalismo ornitorrinco. Praticam pedagogias que insiram as escolas e universidades nas lutas dos trabalhadores, que preparem para o trabalho coletivo, para a realização do trabalho socialmente útil e para a gestão democrática, que teorizem e ajudem a resolver os problemas concernentes à produção de alimentos saudáveis e desmercantilizados, além da criação de hábitos autogestionários e da compreensão da realidade social dentro da sua totalidade. Em última instância, buscam a superação do trabalho alienado dos professores e dos trabalhadores (NOVAES, 2013, p. 74).

Em tempos de ataques e sérios riscos à política de educação brasileira, sob o comando do presidente Jair Bolsonaro (PSL), que prevê, entre outros retrocessos, cortes no orçamento, privatização do ensino público, retirada de direitos dos professores e a criminalização dos movimentos de defesa da educação, é importante fazer a leitura da constatação de Novaes

(2013) sobre a proposta de educação do MST, que, na prática, é o que se pode perceber também no assentamento Eli Vive: um conhecimento que tenha em seus pilares a terra, a Reforma Agrária e a transformação social, passando todos pelo conhecimento.

As escolas do MST estão a serviço de formar pessoas humanas para atuarem na contramão de uma sociedade de interesses corporativos, dentro de uma cultura historicamente reproduzida e consolidada por interesses do capital, em que a acumulação, especialmente da riqueza e da terra, teve seus lugares privilegiados.

Contestam a ordem social pelo conjunto (contraditório) do que fazem nas ocupações, nos acampamentos, nos assentamentos, nas marchas, na educação de suas crianças, jovens e adultos; pelo jeito de ser de sua coletividade, que projeta valores que não são os mesmos cultivados pelo formato da sociedade atual; fazem isto, sobretudo, pelo processo de humanização que representam, e pelos novos sujeitos que põem em cena na história do país (CALDART, 2001, p. 4).

Os militantes do MST, observados de forma intencional no assentamento Eli Vive, têm plena consciência de seu papel estratégico para as mudanças estruturais da classe trabalhadora brasileira, pois, para eles, a terra é um bem vital e inalienável. A defesa da terra enquanto um direito de todos projeta a urgência de novos rumos da sociedade. Aí está um aspecto revolucionário que está na base da formação dos militantes, uma mudança social, política e cultural. Na pesquisa documental, foi interessante observar que isso nem sempre está escrito nas cartilhas de formação do MST, no entanto está presente nas narrativas que defendem a reforma agrária, a agroecologia, a descentralização da terra, o cultivo variado de produtos agrícolas, contrapondo a monocultura, o sistema de cooperação e a agricultura familiar.

O Entrevistado 8, ao falar da mística no assentamento Eli Vive, sintetiza uma relação com a formação dos agentes desse movimento social.

*A mística fala mais do que mil palavras, vai além da palavra...uma mística bem-feita, bem executada te leva a pensar que você faz parte. A mística marca...a mística é uma das coisas mais importantes do MST. Tem muito a ver com a formação do militante. A mística forma mais talvez do que um conteúdo teórico. A mística é um vídeo que te passa da realidade que aconteceu, não falado, mas que serve como tomada de consciência. A mística é formada conforme a conjuntura...tem mística muito marcantes (ENTREVISTADO 8, 2019).*

A Entrevistada 7 considera que a arte, a música, a poesia, a relação pessoal e, especialmente, a capacidade de formar uma consciência política, são elementos que contribuem na definição do conceito de mística.

*Eu entendi que a mística somos nós. Quando eu vim para o acampamento, pra família MST essa mística fez a diferença comigo. Ela faz a diferença. Ela meche com a gente. Ela relata tudo o que a gente já passou, ta passando e vai passar. Ela reforça os nossos objetivos. A gente se se vê ali, na música, na poesia, nos símbolos, tudo meche com a gente. Eu vejo que é muito importante. A gente ta cansada, trabalhamos um dia intenso, mas quando encontramos uma criança brincando, chamando pelo nosso nome, eu penso. Pra que cansar? Isso é mística, pois pensamos nessas crianças que vão precisar de muita persistência para enfrentar o capital lá na frente. É para elas que eu tô lutando (ENTREVISTADA 7, 2019).*

O Entrevistado 3 descreve a mística numa relação entre teoria e prática e afirmou categoricamente que ela faz parte da formação dos militantes.

*A mística é muito importante. Nós vivemos essa realidade de mística teórica, mas vivemos também na prática que é uma coisa muito importante. Nós fazemos e continuaremos a fazer. É um modo de se expressar sem falar. Hoje, vários outros grupos vêm adotando a questão da mística. A mística faz parte da formação dos militantes. O militante do MST hoje, ele tem que passar por um processo de acampamento, de trabalho de base para ele entender a questão do MST, os princípios do MST, a organização, o regimento. É aí ele vai entender a mística que ele ta vivendo, a mística que vai fazer, que vai elaborar, a mística serve para desenvolver a mente da pessoa e mostrar para as outras pessoas qual é o significado do nosso movimento (ENTREVISTADO 3, 2019).*

O estudo indica que a mística compõe a base formativa do MST, especialmente quando se considera que a simbologia utilizada pelos assentados está presente no conteúdo pedagógico da grade curricular da escola do assentamento e em todos os momentos formativos dos militantes: a camiseta, o boné, o hino, o facão, as canções, o punho cerrado, a poesia, as palavras de ordem, a bandeira são algumas das expressões catalisadas pelo estudo que permitem confirmar a hipótese aqui trabalhada.

**Figura 19** - Bandeira, símbolo oficial do MST



Fonte: MST (2018c).

Desde crianças, eles aprendem o significado dos símbolos usados no movimento, especialmente a bandeira na cor vermelha<sup>62</sup>, que é utilizada em todos os lugares e ocasiões em que o MST está presente.

É preciso salientar que na organização do Movimento, existem outros meios e práticas em que se constroem representações, como, por exemplo, os diversos símbolos, músicas e materiais que são publicados por sua organização. Toda produção pode ser geradora de representações, e a mística, desde o seu princípio, se caracteriza como um momento privilegiado e fundamental na construção de representações no MST, tanto em relação a si mesmo, quanto em relação aos *Outros*. No fazer da mística, as representações se encontram nas falas, nos gestos, nos símbolos, nas canções e hinos de luta, bem como em todos os elementos utilizados em seu desenvolvimento (COELHO, 2010, p. 178).

A pesquisadora Edna Rosseto (2016), durante a pesquisa de campo por ocasião do estudo da organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis do MST, observou o comportamento das crianças e como elas interagiam com o conteúdo político-pedagógico proposto pela escola.

Observando as falas das crianças pode-se perceber que o núcleo de base infantil possibilita uma participação bem intensa dos Sem Terrinha na tomada de decisões, como, na escolha das brincadeiras, dos estudos, das místicas, nos mutirões para fazer o jornal das crianças, nos ensaios de música para gravar CD etc. Em cada atividade, as crianças discutem para ver qual a melhor maneira de encaminhá-las (ROSSETO, 2016, p. 25).

<sup>62</sup> O Vermelho representa o sangue que corre nas veias de quem se dispõe a lutar pela reforma agrária e por uma nova sociedade. O branco representa a paz almejada, sinônimo de justiça social. A cor preta simboliza o luto e a gratidão aos trabalhadores e trabalhadoras que morreram lutando pela sociedade desejada. O facão é a ferramenta de trabalho, de luta e de resistência. O mapa do Brasil representa a luta nacional dos Sem Terra para lembrar que a Reforma Agrária deve acontecer em todo o País.

No assentamento Eli Vive, foi possível perceber que as práticas pedagógicas, desenvolvidas dentro e fora do ambiente escolar, possibilitam uma vivência que fortalece a identidade daqueles sujeitos, tornando-os desde criança agentes de transformação social. O exercício de educar é fazer sujeitos mais humanos, em que o modo de vida, a memória histórica, a cultura, a simbologia e a utopia contribuem para a educação numa perceptiva mais emancipatória.

O educador Paulo Freire (1997) compreende a educação emancipatória como um processo autorreflexivo, autoexecutável, autocrítico que interfere diretamente nas mudanças de vida das pessoas.

A emancipação forma uma nova cultura, uma ética livre, a real cidadania. Quando homens e mulheres, ao longo da história, [...] inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade (FREIRE, 1997, p.100).

No processo de formação, os símbolos mencionados são parte da reflexão, da crítica, da mística que possibilita a existência de um vínculo estreito entre o conhecimento, a prática política e a luta pela busca da terra e tudo o que a envolve.

Nos depoimentos coletados com os assentados no Eli Vive a respeito da formação, é comum o termo “formação libertadora”, conforme relata a jovem Maria Clara:

*Transformar o sonho do acesso à terra em uma realidade como a do Eli Vive, exige manter vivo esse sonho, fazer com que algo que nos pareça utopia, ganhe forma e vida através da solidariedade aos companheiros e companheiras, no trabalho coletivo, na luta política diária. Isso aprendemos nos bancos da nossa escola e em cada atividade desenvolvida. Tudo é formação libertadora que nos faz acreditar, lutar e resistir. É o sonho e a luta caminhando juntos, mas todos juntos. Hoje somos muito mais fortes. Nada nos faz desistir” (CLARA, 2018).<sup>63</sup>*

Nota-se que o processo de reflexão, execução e crítica, para a qual Paulo Freire chama a atenção, concretiza-se no depoimento acima, quando uma espécie de mística político-social se mobiliza e projeta, e, a partir de situações reais, novos sonhos, modelos alternativos e

---

<sup>63</sup> Nome fictício para preservação da identidade

diferentes projetos de história a partir de uma coletividade. Esse sonho é imorredouro, e como todo sonho ou utopia, de alguma forma, antecipa o futuro que virá (BOFF, 2018, p. 19).

**Figura 20** - Ambientação para mística do MST durante a jornada da agroecologia (2010)



**Fonte:** Flor (2019)

Outros elementos que ganham destaque quando se trata do MST dizem respeito à ambientação de seus espaços, sempre com produtos da terra, ferramentas de trabalho, sementes, camisetas de lutas, jornais, lona preta, cartazes, material de formação, símbolos que, por si só, falam e passam sua mensagem. A ambientação faz parte da cultura artística do movimento, que, aliada ao canto, à poesia, aos instrumentos musicais, dá vida aos objetos e levam os militantes a uma reflexão crítica do que é exposto.

Durante a pesquisa, foi possível conhecer membros das equipes de cultura daquele local, os chamados “artistas da caminhada”, sujeitos estratégicos para que os momentos de místicas tenham os resultados esperados e cumpram a função de contribuir para a formação da militância. Percebeu-se que esses momentos são bem preparados e articulados de forma pedagógica, quando os participantes são envolvidos pelas músicas, narrativas, ambientação e por um sentimento de pertencimento que os fazem se sentir representados naqueles que protagonizam o ato. É importante destacar que entre os dezoito entrevistados apenas uma entrevistada revelou não encontrar, na mística, elementos importantes que a ajudem na sua formação e, da mesma forma, afirma que não frequenta nenhuma Igreja, embora seja católica e devota de Nossa Senhora Aparecida. A entrevistada, nesse caso, vê a mística como um “ato” preparado para ser apresentado a um público, e não reconhece nela a força mobilizadora capaz de formar politicamente, animar, conscientizar e produzir sentidos, como reconhecem os demais entrevistados. Assegura, porém, que, para muitos assentados e acampados com quem convive, ela vê a mística como algo essencial para a vida, não apenas nos momentos

coletivos, consegue perceber a mística em tudo: na terra, nos companheiros do assentamento, nas reuniões, nos nomes dos lotes (no caso dela, o lote é denominado de nova esperança), nas marchas dos sem-terra, e admite: “*Gosto mesmo é de falar da terra, até gosto de assistir à mística, mas ainda não entendi o seu significado*” (ENTREVISTADA 3).

[A] mística é estrategicamente preparada, de acordo com uma temática e com a realidade do grupo para quem será apresentada. Os momentos de mística nunca devem estar desconfigurados do tempo, da realidade do grupo e do próprio Movimento, caso contrário, ela não produziria efeitos. Se a mística não contemplar a realidade do grupo, para qual está sendo apresentada, acaba não tendo sentidos para a vida dos sujeitos. Os integrantes do Movimento precisam se ver e serem reconhecidos na mística. E, se ela não preconizar aquilo que o MST deseja e intenta para sua organização, não se torna um *poder eficaz*. Para tanto, não é só fazer a mística, mas executá-la tendo um alvo a alcançar, criando representações sobre aquilo que se almeja para o momento, sempre pautado nos princípios e visões cultivados pelo MST (COELHO, 2010, p. 264).

Percebe-se, dessa forma, que a mística também é processo, pelo qual as pessoas devem sentir-se pertencentes e reconhecidas na sua dinâmica. Esse é o motivo de a pesquisa ter mostrado a mística como político-social, um componente estratégico na construção da base de formação do militante, uma vez que, estando os sujeitos envolvidos nessa dinâmica, eles contribuem para a construção de um novo modelo de sociedade em que os três pilares identificados na luta do MST estão presentes: terra, reforma agrária e a transformação social.

## CAPÍTULO 4

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada percorreu um caminho que buscou elementos por meio dos quais interpretasse e compreendesse como os trabalhadores e trabalhadoras, vinculados ao MST, mantêm-se organizados e articulados num projeto popular em todo o Brasil durante quase quarenta anos, relacionando-se com forças políticas adversas e resistindo a toda forma de conflitos, enfrentamentos e violência nos ambientes de ocupação da terra. O que leva as pessoas a viverem e a morrerem em nome dessa luta? Como esse movimento tem garantido sua longevidade e de que forma tem sustentado e mantido seus militantes mobilizados? Uma hipótese seria a de que a mística do movimento, que tem sido objeto de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento e está tão presente no cotidiano dos militantes, seria uma condição substancial na formação dos agentes, como forma de assegurar-lhes a resistência na luta pela partilha da terra, que caminha na contramão dos interesses do capital e daqueles que agem a serviço dele.

O *locus* da pesquisa foi o assentamento Eli Vive, localizado no distrito de Lerroville, no município de Londrina-PR, escolhido de forma intencional pelo seu histórico de ocupação anterior (1991), marcado por conflitos, despejo, mas sempre presente no horizonte utópico da organização como um território a ser conquistado; um assentamento que foi fruto de negociação entre o proprietário das Fazendas Guairacá e Pininga, o Governo Federal, nas gestões dos Presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambos do Partido dos Trabalhadores, e o INCRA/PR, e que resultou no assentamento de 501 famílias de diversas regiões do Paraná.

A pesquisa ganhou outros significados ao detectar que não havia até então nenhum outro estudo que tivesse percorrido o mesmo objeto: A mística político-social dentre os militantes do MST no Assentamento Eli Vive. A metodologia utilizada a partir de pesquisa bibliográfica, eletrônica, documental e de fontes orais, que deram conta de identificar a história de luta e dos lutadores e lutadoras naquele território, considerando o histórico dos conflitos agrários, mas especialmente a articulação de um plano de desenvolvimento, intitulado Plano de desenvolvimento da produção de alimentos e geração de renda do assentamento Eli Vive (2011), capaz de dialogar com as forças políticas em todas as esferas representativas. Assim, a mística ganha um sentido para além do *misterium*, uma vez que, aqui, foi identificada como “mística política-social“, resultante da compreensão da

centralidade religiosa no homem do campo, que se transmuta em um composto de religiosidade, ideologia e prática, num processo de formação e sustentação da organização do próprio movimento social.

Os momentos da mística no *locus* pesquisado têm a capacidade de catalisar, a partir de símbolos concretos, a força da luta dos membros do movimento, porém é mais que isso, a mística do MST se revela como representação do conjunto de ideários e ganha materialidade nos ritos e símbolos vinculados aos sonhos e ideais dos trabalhadores e trabalhadoras. Essa mística cumpre a função de animar, fortalecer, unificar os militantes para a luta que vem depois. Cumpre o papel de formar a consciência crítica, ideológica, política nos agentes. Portanto, a pesquisa conclui que a mística no assentamento Eli Vive é um ato político, independentemente de estar nas celebrações de cunho religioso, nas caminhadas, nas marchas e nos protestos, nas mesas de debates, no modo de produzir e gerar renda ou nos momentos de formação.

O MST é um exemplo de longevidade e de muitos resultados efetivos no Brasil, como os vistos no Assentamento Eli Vive. É exemplo de resistência contra o modelo opressor do Estado, que, aliado aos latifundiários, às oligarquias, ao agronegócio, ao capital financeiro, organizam-se para ampliar a desigualdade econômica e social e aumentar a miséria da população. É nesse campo de disputa, indignação e utopia, que muitos movimentos sociais se organizaram ao longo do século XX. O MST é uma organização que surgiu ao final dos anos de 1970, tempos difíceis e sombrios do ponto de vista da orientação política e do modelo de sociedade baseado na política autoritária, ditatorial e na tentativa de cerceamento da liberdade dos indivíduos. Esse período, tão nocivo à vida das pessoas, de forma especial, dos militantes políticos que agiam na defesa de seus direitos e da coletividade, pode ser associado ao momento vivido no Brasil após a ruptura democrática em 2016, quando do *impeachment* da presidente da República Dilma Rousseff (PT) e a partir do governo eleito em 2018, em que homens e mulheres que se organizam em busca dos direitos constitucionais e da liberdade são criminalizados como estratégia de silenciá-los e forçá-los a abandonar a luta.

Os estudos no assentamento Eli Vive do MST mostram que a mística, que é também político-social, faz parte da base formativa dos militantes, materializa-se na ousadia de resistir a cada dia e permitiu que permanecessem ativos, atuantes e estrategicamente mobilizados durante esses 10 anos.

A conjuntura social, política, econômica, ambiental e ética que impera neste momento no Brasil exige unidade na luta da classe trabalhadora. O MST ganha relevância, uma vez que, através da mística político-social aqui explicitada e da sua metodologia de trabalho

coletivo e emancipatório, tem legitimidade como um movimento de vanguarda. As comemorações em torno dos 10 anos do Eli Vive I e Eli Vive II apontaram uma resistência ainda maior diante de tantas ofensivas, ataques, criminalização, manipulação do sistema financeiro e da representação hegemônica de parte da população brasileira e de agentes políticos eleitos para servir os interesses capitalistas.

Ante a complexidade conjuntural brasileira, o MST continua exercendo um importante papel, mantendo-se como a expressão do elemento contraditório na sociedade capitalista, em que os direitos dos trabalhadores e o próprio trabalho estão sob ameaça e a luta pela terra está no âmago da disputa entre o capital e o trabalho.

As hipóteses levantadas para a pesquisa foram utilizadas como norteadoras no processo investigativo, obtendo como resultado um conceito de mística ligado ao político e ao social, um instrumento de simbolismo e subjetividade capaz de agregar e motivar o indivíduo e, ao mesmo tempo, intensificar-se em momentos específicos de formação e ação frente à realidade local em que estão inseridos ou frente a diferentes conjunturas nacionais (desde o final de 1970 até hoje).

A pesquisa conclui que essa mística político-social é uma convergência indissociável entre objetividade e subjetividade, porque vincula aspectos da política, da ideologia e da prática. Cabe, portanto, reconhecer que, no processo formativo, a mística político-social propicia, a partir de seus símbolos, suas narrativas e da sua trajetória histórica, um fortalecimento associado a um projeto de futuro determinante para a consolidação das identidades, dos vínculos de pertencimento e da formação da militância do MST.

## REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo. Dados do censo agropecuário são ruins e mostram o agravamento dos problemas do campo. **Brasil de Fato**, São Paulo, 8 ago. 2018. Entrevista. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/08/08/dados-do-censo-agropecuaria-sao-ruins-e-mostram-o-agravamento-dos-problemas-do-campo/>. Acesso em: 1 jul. 2019.

ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ANTUNES, Ricardo. Nasceu um proletariado de serviços. [Entrevista cedida a] por Sidartha Sória, **Revista Continente**, Recife, ed. 2018, fev. 2019. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/218/-nasceu-um-proletariado-de-servicos>. Acesso em: 15 jun. 2019.

APÓS velório de sem-terra, MST invade fazenda no PR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2008. Campo minado. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0204200821.htm>. Acesso em: jul. 2019

AQUINO, Felipe. **O que é de fato o Martírio?** Lorena: Cleófas, 2015. Disponível em <https://cleofas.com.br/serie-martires-do-seculo-xx-parte-1>. Acesso em: 11 de abr. 2019.

AREOPAGITA, PSEUDO-DIONÍSIO. *In*: HISTÓRIA da Igreja. 2019. Disponível em: <https://historiadaigreja-com.webnode.com/a/areopagita-pseudo-dionisio-sec-iv-v-/>. Acesso em: jun. 2019.

ASSENTAMENTO ELI VIVE. **Plano de desenvolvimento da produção de alimentos e geração de renda**. Londrina: [s. n.], 2011.

BARROS JUNIOR, Marco Antonio de; BUZALAF, Márcia Neme. **Eli Vive**: a vida em um assentamento. 2014. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/expocom/EX40-1102-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/expocom/EX40-1102-1.pdf). Acesso em: 15 jul. 2019.

BEDOYA, Luis Eduardo Torres. **A força emancipadora da espiritualidade e da mística no MST**: experiências formadoras na vida dos/as militantes como poder catalizador do movimento. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

BINGEMER, Maria Clara L. **Mística e espiritualidade**. 2018. Disponível em: [www.amerindiaenlared.org/contenido/12179/mistica-e-secularidade/](http://www.amerindiaenlared.org/contenido/12179/mistica-e-secularidade/). Acesso em: 10 jul. 2019.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade: um caminho da salvação. **Folha O Jornal**, Braço do Norte, 2011.

BOFF, Leonardo. **Reflexões de um velho teólogo e pensador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. São Paulo: CEPIS: Movimento Fé e Política, 1993. Texto de apoio.

BOGO, Ademar. **A mística**: parte da vida e da luta. 2010. Disponível em: <http://base.d-ph.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8237.html>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BOGO, Ademar. O vigor da mística. MST – Caderno de Cultura, São Paulo, n. 2, 2002.

BONASSA, Juliana; ELGELMANN, Solange. Ensinamentos de Che Guevara sobre o momento político brasileiro: não podemos permitir, jamais que nos tirem o direito de sonhar e de lutar!. **MST**, [S. l.], 2018. Disponível em: [www.mst.org.br/2018/10/10/ensinamentos-de-che-guevara-sobre-o-momento-politico-brasileiro.html](http://www.mst.org.br/2018/10/10/ensinamentos-de-che-guevara-sobre-o-momento-politico-brasileiro.html). Acesso em: 1 jul. 2019

BORGES, Larissa Gehrin; SACHS, Línlya. É uma escola do campo, e agora?: crônicas como um produto educacional. **BoEM**, Joinville, v. 6, n. 10, p. 1-20, ago. 2018. Disponível em: [revistas.udesc.br/index.php/boem/article/viewFile/11803/8590](http://revistas.udesc.br/index.php/boem/article/viewFile/11803/8590). Acesso em: 15 jul.2019.

BRASIL. **Lei nº 4.504, de 30 de Novembro de 1964**. Dispõe sobre o Estatuto da Terra, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1964. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4504.htm). Acesso em: 1 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Agricultura familiar e Cooperativismo. **Agricultura familiar**. Brasília, DF: Secretaria de Agricultura familiar e Cooperativismo, 2019. Disponível em: [www.mda.gov.br/sitemda/dap/agricultura-familiar](http://www.mda.gov.br/sitemda/dap/agricultura-familiar). Acesso em: 14 jul. 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. **Políticas públicas para mulheres da reforma agrária**. Brasília: MDA, 2010. Disponível em: [www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_arquivos\\_64/cartilha\\_IICA\\_políticas\\_Públicas-8920942.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/cartilha_IICA_políticas_Públicas-8920942.pdf). Acesso em: 1 jul. 2019.

BRIDI, Ana Maria (org.). Desenvolvimento participativo da cadeia produtiva sustentável de leite no Assentamento Rural Eli Vive. In: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL - SEURS, 35., 2017, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu, 2017. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/123456789/3773>. Acesso em: 1 jul. 2019.

CALDAR, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 207-224, dez. 2001. Doi: 10.1590/S0103-40142001000300016.

CAMARGO, Aspásia. Ligas Camponesas: história das ligas camponesas. **Blog Teatro brasileiro contemporâneo**. [S. l.], 15 set. 2016. Disponível em: <https://primeiroteatro.blogspot.com/2016/09/historia-das-ligas-camponesas-as-ligas.html>. Acesso em: 3 fev. 2019.

CAMPELLO, Tereza (coord.). **Faces da desigualdade no Brasil**: um olhar sobre os que ficam para trás. Brasília: Flacso, 2017. Disponível em: [http://flacso.org.br/files/2017/11/faces\\_da\\_desigualdade\\_no\\_brasil\\_online\\_2018.pdf](http://flacso.org.br/files/2017/11/faces_da_desigualdade_no_brasil_online_2018.pdf). Acesso em: 5 jan. 2019.

CAMPELO, Lilian. Comissão da verdade no Pará retoma trabalhos para conclusão do relatório final. **Brasil de Fato**, São Paulo, 3 abr. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/03/comissao-da-verdade-no-para-retoma-trabalhos-para-conclusao-do-relatorio-final/> Acesso em: 1 jun. 2019.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. *In*: CICOUREL, Aaron. **Method and measurement in sociology**. 6. ed. Nova Iorque: Free Press, 1969. p. 72-89.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. Dourados: UFGD, 2010.

COELHO, Marcel. Pautas identitárias: o método por trás das lutas. **Disparada**, [S. l., maio 2019]. Disponível em: <https://portaldisparada.com.br/cultura-e-ideologia/pautas-identitarias/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

COLETTI, Claudinei. **A trajetória política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal** Campinas: Unicamp, 2005.

COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p.143-159, 1998.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA - CPT. **Conflitos no campo Brasil 2016**. 2016. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/3727-conflitos-no-campo-brasil-2016>. Acesso em: 16 jul. 2016.

CURIOSIDADES sobre o dia mundial das religiões. 2016. Disponível em: <https://justicafacil.com.br/blog/post/dia-mundial-religoes>. Acesso em: jun. 2019.

DINIZ, Maiana. Renda recua e Brasil se torna o 9º país mais desigual. **Agência Brasil**, Brasília, 26 nov. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-11/renda-recua-e-Brasil-se-torna-o-9%C2%BA-pa%C3%ADs-mais-desigual>. Acesso em: 16 jul. 2019.

DUARTE, Rosalia. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ENGELMANN, Solange. Assassinato de Dorcelina Folador completa 19 anos. **MST**, [S. l.], 30 out. 2018. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2018/10/30/assassinato-de-dorcelina-folador-completa-19-anos.html>. Acesso em: 3 jul. 2019.

ESCOLA ITINERANTE MARIA APARECIDA ROSIGNOL FRANCIOSI. **EJA na Escola: turma dedicada**. [S. l.], 2 ago. 2017. Facebook: [facebook.com/EscolaItineranteMariaAparecidaRosignolFranciosi/](https://www.facebook.com/EscolaItineranteMariaAparecidaRosignolFranciosi/). Disponível em: <https://www.facebook.com/EscolaItineranteMariaAparecidaRosignolFranciosi/photos/pcb.709654119221875/709654009221886/?type=3&theater>. Acesso em: 9 jul. 2018.

FERNANDES, Bernardo Mansano. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 92).

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. doi: 10.1590/S0101-73302002000300013.

FETECPR – FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS DE CRÉDITO DO PARANÁ. **Comissão pastoral da terra Paraná divulga dados dos conflitos no campo**. 2009. Disponível em: <http://www.fetecpr.org.br/comissao-pastoral-da-terra-parana-divulgados-dos-conflitos-no-campo/>. Acesso em: 2 nov. 2018.

FLOR, Katarine. Movimentos populares defendem a agroecologia como o modelo de produção de alimentos. **Jornada da agroecologia**, [Curitiba], 2019. Disponível em: <http://www.jornadaagroecologia.com.br/?p=4992>. Acesso em: 23 mar. 2019.

FRASÃO, Dilva. Antônio Conselheiro: líder social e religioso brasileiro. **E biografia**, [S. l.], 13 mar. 2018. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/antonio\\_conselheiro/](https://www.ebiografia.com/antonio_conselheiro/). Acesso em: 3 de jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FURTADO, Celso. **Pequena introdução sobre o desenvolvimento**. São Paulo: Nacional, 1989.

GALVÃO, Andréia. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 32, p. 107-126, 2011.

GHON, Maria da Glória. Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 31, 2009.

GODOY, Alene Mariana Silva de. Agrotóxico e contaminação humana: limites e possibilidades da reprodução do campesinato no Assentamento Eli Vive - Londrina Paraná. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, 2.; SEMINÁRIO NACIONAL DE TERROTÓRIO E GESTÃO DE POLITICAS SOCIAIS, 3.; CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL, 2., 2017, Londrina. **Anais** [...]. Londrina, 2017. Disponível em: <https://www.congressoservicosocialuel.com.br/anais/2017/assets/133955.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GOMES, Rodrigo. Governo Bolsonaro suspende financiamento para agricultura familiar. **Rede Brasil Atual**, São Paulo, 3 maio 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2019/05/governo-bolsonaro-suspende-financiamento-para-agricultura-familiar/>. Acesso em: jul. 2019.

GONÇALVES, Sergio. **Campesinato, resistência e emancipação: o modelo agroecológico adotado pelo MST no Estado do Paraná**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -UNESP, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101433/goncalves\\_s\\_dr\\_prud.pdf?sequencia=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101433/goncalves_s_dr_prud.pdf?sequencia=1&isAllowed=y). Acesso em: 25 jun. 2019.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Portaria nº 981 de 2 de Outubro de 2003.** Altera a Norma de Execução nº 29, de 11 de setembro de 2002, e efetiva o direito de acesso à terra para as trabalhadoras rurais na reforma agrária. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=185200>. Acesso em: 15 jul. 2019.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Instrução normativa nº 38 de 13 de março de 2007.** Dispõe sobre normas do INCRA para efetivar o direito das trabalhadoras rurais ao Programa Nacional de Reforma Agrária. Disponível em: [www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/institucional/legislacao--/atos-internos/instrucoes/in38\\_130307.pdf](http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/institucional/legislacao--/atos-internos/instrucoes/in38_130307.pdf). Acesso em: 15 jul. 2019.

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Cassel:** acabou o tempo em que terra de reforma agrária era ruim. 2010. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/cassel-acabou-o-tempo-em-que-terra-de-reforma-agraria-era-ruim>. Acesso em: jun 2019.

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Assentamentos no Paraná terão novo modelo do Incra de atendimento integrado.** 2012. Disponível em: [www.incra.gov.br/assentamentos-no-parana-terao-novo-modelo-do-incra-de-atendimento-integrado](http://www.incra.gov.br/assentamentos-no-parana-terao-novo-modelo-do-incra-de-atendimento-integrado). Acesso em: jul. 2019

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Web Incra instala famílias e anuncia investimentos de R\$ 14 milhões pelo Minha Casa Minha Vida.** 2013. Disponível em: [www.incra.gov.br/web-incra-instala-familias-e-anuncia-investimentos-de-r-14-milhoes-pelo-minha-casa-minha-vida](http://www.incra.gov.br/web-incra-instala-familias-e-anuncia-investimentos-de-r-14-milhoes-pelo-minha-casa-minha-vida). Acesso em: jul. 2019

IPPUL – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. **Mapas temáticos:** município de Londrina: distritos. Disponível em: [http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/mapas\\_tematicos/DISTRITOS.pdf](http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/mapas_tematicos/DISTRITOS.pdf). Acesso em: 5 jul. 2019

LANZA, Fabio. **Matrizes ideológicas dos arcebispos paulistanos (1956-85):** um olhar sob o prisma do semanário. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

LEITE, Patrícia. 9 benefícios da batata doce: para que serve e propriedades. **Mundo Boa Forma**, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.mundoboaforma.com.br/9-beneficios-da-batata-doce-para-que-serve-e-propriedades/>. Acesso: jul 2019

LÖWY, Michael. A mística da revolução. **Trabalho Necessário**, Niterói, ano 3, n. 3, 2005.

LÖWY, Michel. Marxismo e cristianismo na América Latina. **Lua Nova**, São Paulo, n. 19, p. 5-22, nov. 1989.

MACIEL, Marluse Castro. **Tupanciretã:** Deus passou por aqui. Um estudo sobre as relações entre os movimentos sociais e as religiões nos assentamentos rurais primavera e Tupanciretã no Pontal do Paranapanema/SP. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. livro 1, v. I.

MASCHIO, José. Líder de sem-terra é assassinado no Paraná. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 abr. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0104200815.htm>. Acesso em: 5 nov. 2018.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Panorama de resistência**. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/panorama-da-resistencia/>. Acesso em: 7 nov. 2018.

MENEZES NETO, Antônio Júlio de. As relações da Igreja Católica com os movimentos sociais no campo: a ética da teologia da libertação e o espírito do socialismo no MST. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 232, 2008.

MICHEL, Victor. Você sabe qual a importância das sementes Crioulas? **FAO**, Roma, 2016. Disponível em <http://www.fao.org/family-farming/detail/en/c/454148/>. Acesso em: nov. 2018.

MOREIRA, Anelize. Como funcionam as escolas do campo que estão na mira do governo Bolsonaro. **MST**, [S. l.], 25 mar. 2019. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2019/03/25/como-funcionam-as-escolas-do-campo-que-estao-na-mirado-governo-bolsonaro.html>. Acesso em: 1 jun. 2019.

MORRE dom Tomás Balduino, bispo emérito de Goiás. **CNBB**, [Goiás], 2014. Disponível em: [www.cnbb.org.br/morre-dom-tomas-balduino-bispo-emerito-de-goias/](http://www.cnbb.org.br/morre-dom-tomas-balduino-bispo-emerito-de-goias/). Acesso em: 3 jul. 2019.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **A história da luta pela terra**. Disponível em: [www.mst.org.br/nossa-historia](http://www.mst.org.br/nossa-historia). 2018a. Acesso em: 2 jul. 2018.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Jornais do MST**. 2018b. Disponível em: <http://www.mst.org.br>. Acesso em: 6 nov. 2018.

MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **A bandeira**. 2018c. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossos-simbolos/>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Como trabalhar a Mística do MST com as crianças?** Brasília: MST, 1993. (Boletim da Educação, n. 2).

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Nota de esclarecimento**: Sem Terra - Fazenda Guaiaca, Londrina/PR. Curitiba: Comissão Pastoral da Terra: MST, 1991. Disponível em: [www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/documento/nota-de-esclarecimento-sem-terra--fazenda-guairaca-londrinapr](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/documento/nota-de-esclarecimento-sem-terra--fazenda-guairaca-londrinapr). Acesso em: 13 jun. 2018.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Ocupar, resistir e produzir também na educação**. Brasília: MST, 1992. (Boletim da Educação, n. 1).

MST repudia ataques do governo à educação do campo. **Brasil 247**, [S. l.], 26 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasil247.com/brasil/mst-repudia-ataques-do-governo-a-educacao-do-campo>. Acesso em: jul. 2019.

NASCIMENTO, Luís Augusto da Silva Ventura. **A atuação dos agentes da Comissão Pastoral da Terra para impulsionar políticas públicas de combate à redução do trabalhador rural à condição análoga à de escravo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

NETTO, Jose Paulo. **Introdução ao estudo do método de marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011

NOMURA, Bruno. Ocupar e resistir: os desafios da escola do Eli Vive. **MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, 10 out. 2016. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2016/10/10/ocupar-e-resistir-os-desafios-da-escola-do-eli-vive.html>. Acesso em: 13 ago. 2018.

NOVAES, Henrique Tahan. O trabalho associado como princípio educativo e a educação escolar: notas a partir das fábricas recuperadas brasileiras e argentinas. **Revista Histedbr**, Campinas, n. 54, p. 70-88, dez. 2013.

PAIÃO, Cintia Aparecida. Memórias da escola itinerante no Paraná. *In*: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 21., 2017, Pelotas. **Anais [...]**. Pelotas, 2017. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/xxiebrapem/files/2018/01/gd5\\_cintia\\_paiao.docx](https://wp.ufpel.edu.br/xxiebrapem/files/2018/01/gd5_cintia_paiao.docx). Acesso em: 13 ago. 2018.

PATRIARCHA, Taynara Fitz; PASTOR, Márcia. Gênero e o movimentos dos trabalhadores rurais sem terra. *In*: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2., 2011, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Tayanara%20e%20cia.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

PAULA, Gabrielle de. **Os 30 anos do MST e a longa caminhada por Reforma Agrária**. 2014. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/10/20/os-30-anos-do-mst-e-a-longa-caminhada-por-reforma-agraria.html>. Acesso em: 28. out. 2018.

PEREIRA, Roger. Beto Richa é alvo de nova denúncia, agora na Operação Quadro Negro. **Paraná Portal**, Curitiba, 2 out. 2018a. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/politica/beto-richa-e-alvo-de-nova-denuncia-agora-na-operacao-quadro-negro/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

PEREIRA, Carolina de Freitas. **As agroestratégias ruralistas de desterritorialização de povos indígenas e quilombolas: (re)definindo marcos legais e usos territoriais**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018b.

PETRY, Almiro. **Os movimentos sociais na América Latina**. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. Disponível em: [http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/al/mov\\_sociais.pdf](http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/al/mov_sociais.pdf). Acesso em: 8 out. 2018.

PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 12,4% e taxa de subutilização é de 24,6% no trimestre encerrado em fevereiro de 2019. **Agência IBGE notícias**, Rio de Janeiro, 29 mar. 2019. Estatísticas sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24109-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-12-4-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-24-6-no-trimestre-encerrado-em-fevereiro-de-2019>. Acesso em: 1 jul. 2019.

POKER, José Geraldo A B. Reflexões à luz da luta. (a sociologia e o sociólogo diante do movimento dos trabalhadores rurais sem terra - MST). **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, Araraquara, n. 2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/viewfile/10126/6625>. Acesso em: 2 jun. 2019.

PREFEITURA DE LONDRINA. **Prefeitura assina convênio para construção de estrada no assentamento “Eli Vive”**. 2014. Disponível em: [www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21095:prefeitura-assina-convenio-para-construcao-de-estrada-no-assentamento-eli-vive&catid=98:outros&Itemid=985](http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21095:prefeitura-assina-convenio-para-construcao-de-estrada-no-assentamento-eli-vive&catid=98:outros&Itemid=985). Acesso em: jul. 2019.

REIMBERG, Maurício. Amazônia concentra 72% de assassinatos no campo, mostra CPT. **Repórter Brasil**, São Paulo, 30 abr. 2009. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2009/04/amazonia-concentra-72-de-assassinatos-no-campo-mostra-cpt/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

REIS, Cristiane de Souza. A função social da propriedade rural e o acesso à terra como respeito à dignidade da pessoa humana. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 11, n. 53, maio 2008. Disponível em: [http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=2912](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2912). Acesso em: 15 jun. 2019.

RESISTÊNCIA. *In*: DICIO, dicionário online português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/resistencia/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

ROOS, Djoni. As lutas camponesas no Estado do Paraná e os modelos da Reforma Agrária Brasileira. **Revista GeoGraphos**, Alicante, v. 4, n. 31, p. 1-18, 2013. Disponível em: <http://web.ua.es/revista-geographos-giecryal>. Acesso em: 15 jun. 2019.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. **A organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis do MST: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terrinha**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2016.

RUBIM, Sérgio. Os monges. **Canga Blog**. [S. l.], 14 abr. 2008. Disponível em: [contestadoaguerradesconhecida.blogspot.com/2008/04/os-monges.html](http://contestadoaguerradesconhecida.blogspot.com/2008/04/os-monges.html). Acesso em: 3 jul. 2019.

SANTOS, Ana Paula Rodrigues dos; RAMIRO, Larissa Cristina Figueiredo; VERONEZZI, Fernando. Aspectos histórico-geográficos do assentamento Eli Vive, Londrina (PR). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA E GESTÃO TERRITORIAL, 1.; SEMANA DE GEOGRAFIA, 34., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. Disponível em: [anais.uel.br/portal/index.php/sinagget/article/view/474](http://anais.uel.br/portal/index.php/sinagget/article/view/474). Acesso em: 15 jul. 2019.

SANTOS, Marina dos. Os Sem Terra de ontem, de hoje e de amanhã. **MST**, [S. l.], 11 fev. 2014. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2014/02/11/os-sem-terra-de-ontem-de-hoje-e-de-amanha.html>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SARIS, Simoni. 350 famílias do Eli Vive, moradores de assentamento acampam no pátio da prefeitura. **Jornal Nosso Dia**, Londrina, 13 set. 2018. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/jornal-nosso-dia/noticias/350-familias-do-eli-vive-moradores-de-assentamento-acampam-no-patio-da-prefeitura-483125.html>. Acesso em: jul. 2019

SELL, Carlos Eduardo. **A face “mística” do sagrado**: interrogações a partir da sociologia clássica. 2003. Disponível em: [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_download&gid=1205&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1205&Itemid=171). Acesso em: 15 jul. 2019.

SELL, Carlos Eduardo. **Do marxismo à mística**: os novos rumos da teologia da libertação. 1994. Disponível em: <https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-em-gestao-de-politicas-publicas/cadernos-de-pesquisa/Documents/caderno-pesquisa-06.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

SILVA JUNIOR, Edegard; FRANÇA, Lucival. Mártires. **Blog Mártires da caminhada**. [S. l., 2 jun. 2012]. Disponível em: <http://martiresal.blogspot.com/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SIMMEL, Georg. **Essays on religion**. New Haven: Yale University Press, 1997.

SOUZA e SILVA, Adriana; CORDEIRO, Jorge. **Relatório anual**: atividades 2017. São Paulo: Oxfam Brasil, 2018. Disponível em: [https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio\\_2017\\_v5.0\\_hc\\_201218.pdf](https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio_2017_v5.0_hc_201218.pdf). Acesso em: 15 ago. 2018.

SOUZA, Geani Paula de. Mulheres do Paraná em defesa da alimentação saudável. **MST**, [S. l.], 31 maio 2017. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2017/05/31/mulheres-do-parana-por-uma-alimentacao-saudavel-de-qualidade.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. **Brava gente**. São Paulo: Perseu Abramo, 1996.

TEIXEIRA, Faustino. **Espiritualidade e interreligiosidade**. 2011. Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com/2011/08/espirtualidade-e-interreligiosidade.html>. Acesso em: 2 set. 2018.

TERMINA em Londrina a 10ª jornada de agroecologia. Rio de Janeiro: Boletim do MST Rio, 2011. Disponível em: <http://boletimmstrj.mst.org.br/termina-em-londrina-a-10a-jornada-de-agroecologia>. Acesso em: 14 maio 2019.

VALLINI, Gaetano. Mártires da terra. Tradução de Luisa Rabolini. **Revista IHU Online**, São Leopoldo, 11 fev. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575965-martires-da-terra-sao-197-as-pessoas-engajadas-na-defesa-do-meio-ambiente-que-foram-assassinadas-no-ano-passado>. Acesso em: 5 out. 2018

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

VILLELA, Flávia. Menos de 1% das propriedades agrícolas detém quase metade da área rural no país. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 1 dez. 2016. Disponível em: [agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/menos-de-1-das-propriedades-agricolas-detem-quase-metade-da-area-rural](http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/menos-de-1-das-propriedades-agricolas-detem-quase-metade-da-area-rural). Acesso em: 10 jul. 2019

WRONISKI, Elizangela. Crime contra líder do MST em Ortigueira foi vingança pessoal. **Tribuna**, [Curitiba], 3 abr. 2008. Painel do crime. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/painel-do-crime/crime-contra-lider-do-mst-em-ortigueira-foi-vinganca-pessoal/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

ZUMBI dos Palmares. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2019. Disponível em: [www.palmares.gov.br/?page\\_id=8192](http://www.palmares.gov.br/?page_id=8192). Acesso em: 3 jul. 2019.

## **FONTES ORAIS**

### **ENTREVISTAS PRELIMINARES**

ANTONIO, José. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 14.04.2019.

CLARA, Ana. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 02/08/2018.

JACIRA, Vera. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 02/08/2018.

LINO, Antônio. Nome fictício. Entrevista realizada dia 02/08/2018.

LUCIA, Maria. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 02/12/2018.

LUZ, Aparecida. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 21/09/2018.

MARTA, Silva. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 14/04/2019.

RIBEIRO, Marina. Nome fictício. Entrevista realizada no dia 21/09/2018.

SANTOS, Elias. Nome fictício. Entrevista realizada dia 02/08/2018.

SILVA, Pedro. Nome fictício. Entrevista realizada dia 02/08/2018.

### **ENTREVISTAS COM ROTEIRO SEMI ESTRUTURADO**

ENTREVISTADA 1. Entrevista realizada no dia 20/03/2019.

ENTREVISTADO 2. Entrevista realizada no dia 20/03/2019.

ENTREVISTADO 3. Entrevista realizada no dia 26/03/2019.

ENTREVISTADA 4. Entrevista realizada no dia 26/03/2019.

ENTREVISTADO 5. Entrevista realizada no dia 05/04/2019.

ENTREVISTADA 6. Entrevista realizada no dia 05/04/2019.

ENTREVISTADA 7. Entrevista realizada no dia 08/04/2019.

ENTREVISTADO 8. Entrevista realizada no dia 08/04/2019.

**APÊNDICES**

## Apêndice 1 - Roteiro Semi Estruturado

### Assentamento Eli Vive I e Eli Vive II

- 1) Nome do (a) entrevistado (a).
- 2) Idade/D.N.
- 3) Naturalidade.
- 4) Data da chegada no assentamento/ Origem.
- 5) No. pessoas da família que estão no assentamento
- 6) Profissão dos membros da família.
- 7) Falar sobre a trajetória e biografia (família, estudo, trabalho).
- 8) Como se dá a sua participação em movimentos sociais?
- 9) Como tomou conhecimento dos conflitos agrários?
- 10) Qual a sua relação com os assentamentos ou acampamentos rurais?
- 11) Qual a motivação que o (a) levou para o acampamento/assentamento?
- 12) Qual a sua relação com a: terra, MST, ELI VIVE (se não comentou, perguntar: como conheceu o assentamento Eli Vive...qual sua história aqui?)
- 13) Que avaliação você faz desse período de permanência no acampamento/assentamento?
- 14) Qual sua opinião sobre o Assentamento Eli Vive?
- 15) Quais grupos ou pessoas que são mais próximas de você? Por quê?
- 16) Quais os símbolos ou marcas você identifica com o assentamento Eli Vive?
- 17) Você tem vontade de continuar no Eli Vive ou de ir embora? Por quê? (se a resposta for a vontade de continuar, perguntar: O que te motiva a permanecer no assentamento?)
- 18) Quais seus sonhos, desejos e perspectivas?
- 19) Como você compreende a mística no assentamento Eli Vive?
- 20) Quais as formas de manifestação de religiosidades dentro do assentamento Eli Vive?
- 21) Você vê relação entre a mística no Eli Vive e a formação dos militantes? Como se identifica essa relação?

**APÊNDICE 2****QUESTÕES PARA PESQUISAS PRELIMINARES COM AS FONTES ORAIS.**

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Como você avalia a formação dos militantes do assentamento Eli Vive?
- 4) Existe uma mística no assentamento Eli Vive? Como você a define?
- 5) Qual a motivação que fez você permanecer no acampamento e agora no assentamento Eli Vive?

**ANEXOS**

## Anexo 1 - Nota de esclarecimento CPT/MST



### MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Secretaria Estadual  
Praça Zacarias, 36 - conj. 703 - 80020 - Curitiba-PR

#### NOTA DE ESCLARECIMENTO: SEM TERRA - FAZENDA GUAIRACÁ/LONDRINA-PR

Face à forma violenta com que o governo do Estado do Paraná, através da Polícia Militar, promoveu o despejo das 250 famílias de trabalhadores rurais sem terra, que ocupavam a fazenda Guairacá em Londrina, é necessário que o povo do Paraná faça uma reflexão e venha a conhecer a verdade sobre esse lastimável acontecimento.

01. Inicialmente, é preciso mencionar a desigualdade existente entre os protagonistas desses eventos. De um lado, crianças, mulheres, homens - bóias-frias, com suas ferramentas de trabalho; de outro, a Polícia Militar do Estado do Paraná, com cerca de 600 policiais civis e militares, 30 jagunços fortemente armados, acompanhados de cães, os quais cercaram e atacaram de madrugada, o acampamento.
02. Após breve reação e espanto, os ocupantes entregaram-se à polícia. Foram, então, torturados, obrigados à prática de atos humilhantes e a permanecerem deitados sobre a lama, assistindo à destruição das barracas onde encontravam-se seus filhos pequenos e seus poucos bens.
03. Registre-se que a ação policial não se esgotou no ato de desalojar os ocupantes já que era só isso que determinava o mandado judicial, mas transformou-se a seguir, de violenta em ilegal.
04. A polícia implementou tortura psicológica, uso de menores como coação/ forçar depoimento, demonstrando também um grande racismo. Os ocupantes, homens e mulheres, foram torturados de forma cruel, inclusive menores, entre estes, A.M.S., 16 anos. Tipo de tortura: afogamento, chute nos testículos, socos, pontapés, obrigando os homens a ficarem nus na frente de menores, filhos e mulheres. Os sem terra foram transportados em caminhões, deitados e pisoteados por policiais, sendo mantidos presos ilegalmente por mais de 24 horas no 5º BPM e no Distrito Policial de Londrina, em flagrante ofensa à lei, à Constituição e ao Estatuto do Menor.
05. Esta descrição dos fatos leva-nos a questionar se as armas apresentadas pela polícia à imprensa como sendo dos trabalhadores, não revelam a tentativa de equiparar forças tão desiguais. Pergunta-se, ainda, de onde teriam vindo os tiros que feriram os policiais, sendo que os trabalhadores estavam apenas com ferramentas de trabalho.
06. Este foi o despejo mais rápido e violento da história recente do Paraná e baseou-se em um laudo realizado em apenas um (1) dia, numa área de mais de 5 mil hectares e foi elaborado pelo ITCF, órgão estadual de terras que não tem competência legal para tanto. Esta competência é do INCRA, órgão federal responsável, que não realizou qualquer intervenção no caso.
07. Cabe questionar aqui não só a ação, mas a motivação do Governador do Estado para determinar o envio da força policial a essa área, uma vez que o decreto assinado na semana anterior, o tornou responsável pelo cumprimento de qualquer ordem de despejo -



## MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Secretaria Estadual  
Praça Zacarias, 36 - conj. 703 - 80020 - Curitiba-PR

2

com o uso de força policial.

08. O Governador Roberto Requião é, portanto, responsável não só pelos atos lícitos, mas também pelos ilícitos praticados durante a ação policial.
09. Assim não se pode questionar apenas ação dos trabalhadores mas muito mais a confiabilidade e a moralidade das ações do Governo Estadual.
10. Esse governo que diz cumprir a lei não levou em consideração sequer a existência de mandado de segurança impetrado pelos ocupantes, requerendo a cassação da liminar concedida pelo juiz de Londrina em favor dos proprietários. Esse mandado de segurança encontrava-se ainda sem qualquer decisão no momento do despejo. Também não levou em consideração a audiência com os sem terra/boias frias marcada pelo arcebispo D. Geraldo Magela Agnelo para o dia 9/8/91, em Campo Mourão. Atendendo-se o governador mandou despejar os sem terra.
11. Diante disso, na Fazenda Guairacá, foi abordado o Programa Paz na Terra, que representava uma tenue esperança de diálogo entre o Governo e os trabalhadores.
12. Fora deste aparente cenário estadual existem dois protagonistas principais ainda não mencionados:
  - a) os grandes proprietários rurais, destacamos o Deputado Federal Wilson Moreira (PSDB/PR), que exercem pressões sobre os governos, praticam atos de violência econômica, social e física contra os trabalhadores. Para estes grandes proprietários, os benefícios de crédito dos bancos estaduais, enfim a impunidade e o poder. Para os trabalhadores os rigores da lei.
  - b) O Governo Federal, que em mais de um ano e meio de mandato nada fez para resolver os problemas do campo, que dirá promover a necessária reforma agrária.
13. Aqui no Paraná e lá no Planalto Central, a reforma agrária e a paz restringem-se aos gastos com propaganda, paga com os recursos públicos.
14. Disso tudo, é fácil concluir que a resistência daqueles que lutam pelo pão, pela terra e pela vida é legítima. A violência policial do Estado, usada contra eles, é demonstração total de que a experiência recente da ditadura não trouxe nenhuma lição, nem mesmo para aqueles que afirmaram e afirmam te-la combatido.
15. São essas razões que levam as organizações que apoiam as lutas dos trabalhadores a se pronunciarem publicamente sem mentiras ou falsidades e a moverem ações mundiais para responsabilizar o Governo do Estado pela violência praticada em Londrina, e o advogado do proprietário, pelas declarações e inverdades contra os trabalhadores e suas organizações.

Reafirmamos nossa convicção na luta dos trabalhadores pela reforma agrária, sem a qual não haverá democracia nem justiça social.

Curitiba, 12 de agosto de 1991

COMISSAO PASTORAL DA TERRA-PR

MOVIMENTO DOS SEM TERRA-PR

## Anexo 2 - Arquivo SNI

AGV  
CE N.º 6011/78

**CONFIDENCIAL**

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES  
Agência Curitiba

INFORMAÇÃO N.º **1191** /117/ACT/78

DATA : 26 DE DEZEMBRO DE 1978

ASSUNTO : MUNICÍPIO DE ASSIS CHATEAUBRIANT/PR - DENÚNCIA DE INVASÃO DE TERRAS


ORIGEM :

REFERÊNCIA : PB Nº 0239/17/AC/78, DE 14 NOV

DIF. ANTERIOR :

DIFUSÃO : AC/SNI

ANEXO :



## Anexo 3 - Jornal MST 1/NDPH



**ENTREVISTA**

## A lei só nos favorecerá quando for feita por nós

**SEM TERRA** — Como você está vendo o programa de Reforma Agrária do governo e as ações da Nova República com relação ao campo?

**VALDIR** — Os interesses do latifúndio hoje no Brasil estão ligados aos interesses dos empresários, industriais e banqueiros. A concentração da terra no Brasil retrata essa união que concentra cada vez mais a propriedade nas mãos da classe dominante no nosso país. A Reforma Agrária caminha a passos de tartaruga. Não trouxe progresso na distribuição da terra. O progresso que houve foi nas perseguições e morte de trabalhadores rurais, expulsão de lavradores e expansão do latifúndio. Na atual conjuntura, verificamos que a violência contra os trabalhadores explodiu em número, tensão e medo em todo Brasil, especialmente no Pará, que registra a maior cifra de perseguição, de trabalho escravo, de invasão e queima de fazendas. O desemprego rural aumentou na Nova República, justamente porque o judiciário, a estrutura agrária do



**VALDIR GANZER, 30 anos, lavrador, nasceu em Iral-RS e em 1972 foi com toda sua família de nove irmãos, para os projetos de colonização na Transamazônica, Pará. Foi dirigente do sindicato de trabalhadores rurais de Santarém, e presidente do Partido dos Trabalhadores. Hoje é Deputado estadual, único trabalhador rural eleito no estado.**

tivermos condições de sustentá-la. A nossa tarefa, hoje, é pressionar a Constituinte e forçar deputados e senadores a se posicionarem a nosso favor para avançarmos mais um passo na nossa luta pela libertação da classe trabalhadora.

**SEM TERRA** — Como você se sente depois de ser indicado para ser um dos defensores do projeto de Reforma Agrária popular, apresentado pela CUT, CPT e Movimento Sem Terra, perante os constituintes?

**VALDIR** — Sinto que pesa sobre mim uma responsabilidade histórica que é, também, de toda a classe trabalhadora. Afinal, o que vou defender na plenária constituinte é o resultado do acúmulo das lutas desenvolvidas por todos os trabalhadores do nosso país. O simples fato de nós podermos defender nossas propostas lá no Congresso, significa que muita luta, muitos esforços e até muitas vidas foram necessárias para que conquistássemos este espaço. Particularmente, quero representar bem nossa categoria, como legítimo representante dos trabalhadores rurais.

**SEM TERRA** — Quais os avanços para os trabalhadores rurais do

Anexo 4 – Jornal MST 2/NDPH



## Anexo 5 - Crônica 1

### Tudo novo de novo

Era um dia qualquer de maio de 2016, mas não para mim. E aí você me pergunta, quem é você? Desculpe a falta de educação, meu nome é Maria e sou professora de matemática. Foi a primeira vez que eu fui à nova escola em que eu trabalharia. Para nós, professores PSS1, é comum mudarmos de escola com uma certa frequência, mas sempre bate aquele friozinho na barriga. Como será que vai ser lá? Quem serão os meus novos colegas de trabalho, ou meus alunos... bate aquela ansiedade. Aquela mudança foi diferente. PSS significa “processo seletivo simplificado”, na Secretaria de Estado da Educação do Paraná. A referência é feita aos professores que não são concursados, mas contratados por meio desse processo. A distribuição de aulas da rede estadual de ensino ocorre, primeiramente, entre os professores concursados e, em caso de haver aulas remanescentes, são atribuídas aos professores habilitados e classificados pelo PSS.

Era uma escola do campo, localizada em um assentamento da reforma agrária. A primeira vez que fui até a nova escola, fui com meu carro. Saí de casa por volta das 7h, e o mapa dizia que a distância entre a minha casa e o distrito em que a escola se localizava era de, mais ou menos, 55 km. Cheguei ao distrito tranquilamente, e então, como o GPS não reconhecia a escola, pedi informação em uma vendinha. É só a senhora seguir pela estrada de terra que fica no fim dessa rua, até avistar os eucaliptos, depois disso é só virar à direita que vai dar na escola, eles disseram. Ah, então é tranquilo. Não tem erro! Pobre inocência a minha pensar que seria tão simples assim. Rodei, rodei, rodei e nada de ver esses tais eucaliptos. Mas gente, eucalipto não é aquela árvore imensa? Que dá para ver de longe? Será que tem outro tipo de eucalipto, e ninguém nunca me apresentou? Já sei! Vou ligar para alguém me ajudar. Missão impossível! Nada de sinal por lá. Esperar alguém passar? Mas e se não passar? Já pensou se fura um pneu aqui? Deus me livre. Achei melhor voltar. Continuei rodando até encontrar uma casa. Parei, e me deram a informação de que era para continuar reto e subir a primeira estrada à esquerda. Confesso que não resisti e perguntei se lá havia eucaliptos. A moça me disse que sim, mas que eram recém-plantados e, portanto, eram bem pequenos. Ufa! Pelo menos não inventaram um outro eucalipto. O moço da venda só esqueceu de me passar esse detalhe. Depois de um bom tempo, consegui chegar à escola.

Eu nunca havia dado aula em uma escola como essa. Uma escola que, apenas ao observar sua estrutura física, já demonstrava que era uma escola de luta. Luta para se manter de pé, funcionando, atendendo aquela gente. Uma escola diferente de tudo o que já havia visto antes nas minhas andanças entre uma escola e outra.

Eu estava acostumada com escolas que possuem grandes muros para que os alunos não tivessem contato com as pessoas de fora ou fossem embora durante as aulas, com prédios de alvenaria, com as crianças todas de uniforme, com inspetores de alunos controlando até mesmo quando iam ao banheiro. Nada disso acontece nessa nova escola.

Fiquei boquiaberta quando por lá cheguei. A começar pelo fato de que essa escola não tem muros. Entra quem quer, e sai quem quer. Em uma conversa, durante um café na sala dos professores, com um dos professores que também é morador da comunidade, ele me disse que a escola como é hoje foi construída pelos próprios moradores do assentamento, e que muitos desses moradores são pais dos alunos que a frequentam. Na hora pensei nas escolas urbanas,

as quais eu estava acostumada a frequentar. Lá, os pais mal vão às reuniões, enquanto, ali, os pais é que construíram a escola para que seus filhos pudessem estudar.

Ainda durante esse café, o professor me disse:

- Nossa escola não tem muros, pois todos os que querem aprender ou contribuir de alguma forma são bem-vindos.

Fiquei com aquilo na cabeça. Quanta ironia! E há quem diga que o campo é que é sinônimo de atraso. Deu a impressão de que a escola não é só dos alunos, diretor e professores, mas de toda a comunidade. Bom, se eu estou indo da minha cidade para dar aula lá na escola, devo estar contribuindo de alguma forma e acho que sou bem-vinda, eu espero. Mas... como será trabalhar em um lugar tão diferente assim?

Autoras:

Larissa Gehrinh Borges

Línlya Sachs

## Anexo 6 - Crônica 2

### A Chuva

Fazia cerca de uma semana que eu estava trabalhando na escola quando aconteceu pela primeira vez. Eu ainda não havia me acostumando com a dinâmica da escola, mas, aos poucos, ia me adaptando ao novo ambiente de trabalho, àquela rotina. Naquele dia, havia um murmurinho entre os alunos sobre a possibilidade de irem embora mais cedo da aula. Confesso que fiquei sem entender. Imaginei que seria alguma dinâmica da escola, que eu não sabia, por ser novata ali, mas, como o diretor e o coordenador não haviam me passado nada, segui para a sala de aula normalmente. Era a 2ª aula do período da tarde, para uma turma de cerca de 12 alunos do 1º ano do Ensino Médio. Logo que cheguei, surgiram diversos questionamentos sobre mim, antes mesmo que me apresentasse. As perguntas versavam sobre como havia ido parar ali, naquela escola, de onde eu estava vindo, se a professora que eu estava substituindo voltaria ou se eu assumiria até o fim do ano, se eu passava tarefa e coisas assim. Após respondê-las, uma nova pergunta surgiu:

- Que horas vão liberar a gente pra ir embora?

Imediatamente respondi que acreditava que seria no horário normal, às 17h40, pois ninguém havia me passado outra informação. Foi quando um dos alunos disse alto, claro e com um certo ar de tensão:

- Mas vai chover, fessora!

De imediato respondi:

- Uai, gente, mas chuva é lá motivo para não se ter aula?

A resposta veio na hora, de diversas bocas:

- Claro que é psora! Olha lá, já tá garoando.

- Vai vir chuva professora, um temporal, eu preciso ir pra casa.

- Psora! Vou ter que ir embora a pé se chover muito, como vou subir com a moto naquelas pedreiras lá?

No início, eu não estava entendendo tanta preocupação com a chuva. É só uma chuva, gente! Nem estava tão forte assim, quem disse a ele que ia vir um temporal? Mas aí começou a gotejar dentro da sala de aula, pois, como as salas são feitas de madeira, há algumas frestas entre as tábuas, e os alunos começaram a desviar suas carteiras das goteiras.

Quando um dos alunos disse sobre “passar com a moto nas pedreiras”, vieram duas coisas à mente. A primeira foi o fato de não entender como um aluno que não tem mais do que 16 anos havia ido à escola de moto, sendo que não tem nem idade para ter carteira de habilitação. Depois de algum tempo, percebi que isso era uma prática normal entre os alunos do Ensino Médio. A segunda coisa que me chamou a atenção foi a estrada. Se já é extremamente difícil percorrer o caminho quando não chove, será que a van consegue atravessar aqueles buracos, subidas e descidas com chuva?

Após uns 20 minutos do início da aula, a chuva apertou. Começou a chover muito forte, e então os alunos foram liberados para que corresse para os ônibus. Caso eles ficassem mais alguns minutos na escola, provavelmente os ônibus não conseguiriam percorrer o trajeto necessário. Como os alunos foram dispensados, nós, professores, também fomos. Foi uma correria que só! Os alunos correndo em direção aos ônibus em meio à chuva, os professores correndo para a sala dos professores para pegar seus materiais.

- Pega tudo rápido, se não a gente não chega em casa hoje!, disse uma das professoras.

Fiquei tensa com aquela frase. Como assim, não vou chegar em casa hoje? Tentei ir o mais rápido que pude. Passei na sala dos professores, peguei meu lanche na geladeira, juntei meu material e, quando fui sair da sala dos professores, levei um tombo na escada! Foi lama

para todo lado. Fingi que nada tinha acontecido, levantei-me rápido e fui em direção à van. Saímos da Escola por volta das 14h15, e aquele caminho, que já não era fácil, ficou três vezes pior, mas, apesar da dificuldade, conseguimos atravessar a estrada de terra sem atolar. Chegamos à cidade às 15h40 e só quando já estava em casa percebi que havia aberto o pulso quando caí.

Autoras:

Larissa Gehrinh Borges

Línlya Sachs